

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTU SENSU:
MESTRADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

BEATRIZ DOS SANTOS GARCEZ

**A ESCALADA NO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO: ANÁLISES A
PARTIR DE APROXIMAÇÕES (AUTO) ETNOGRÁFICAS COM
AS TRIBOS DE ESCALADORES**

**VITÓRIA
2014**

BEATRIZ DOS SANTOS GARCEZ

**A ESCALADA NO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO: ANÁLISES A
PARTIR DE APROXIMAÇÕES (AUTO) ETNOGRÁFICAS COM
AS TRIBOS DE ESCALADORES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Strictu Senso em Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito para a qualificação na área de concentração em estudos socioculturais da educação física, esporte e lazer.

Orientador: Prof. Dr. Felipe Quintão de Almeida

VITÓRIA

2014

DEDICATÓRIA

Para Julieli, minha parceira de todas as horas.
A você que sonha comigo, meu
reconhecimento, admiração e amor. Você é
uma grande mulher. Obrigada por tudo!

AGRADECIMENTOS

Muitas foram às pessoas que contribuíram para este momento de minha formação. Minha gratidão aos que compartilharam comigo este caminho é sincera e transborda em contentamento.

Dizer obrigada seria pouco, por isso, aos meus queridos amigos e amigas, a minha família, aos colegas de mestrado e a meus alunos, mais que me ouvirem dizer “obrigada” preciso que sintam minha gratidão, ela sempre estará aqui, porque se não fossem vocês este caminho não seria o mesmo.

Meus agradecimentos especiais ao Prof. Dr. Felipe Quintão de Almeida, sinto-me honrada por tê-lo conhecido. Sinceramente não conheço pessoa que conduziria este momento tão “delicado” da vida com tanta sensibilidade, inteligência e respeito. Aprendi muito contigo cara! Obrigada de coração! Deus te abençoe (risos)!

Aos Professores com quem pude conviver durante o curso de mestrado, agradeço pelos ensinamentos e pela paciência.

A Profa. Dr. Liana Romera e ao Prof. Dr. Cleber Dias minha sincera gratidão pelas contribuições neste trabalho e por terem aceitado fazer parte dessa trajetória.

Ao Prof. Dr. Carlos Nazareno, pela amizade e pela motivação nos primeiros passos.

Aos amigos escaladores que compartilharam seus momentos comigo e com quem pude compartilhar minha paixão por estar nas montanhas, em especial a Baldin e a Canal, meu muito obrigada! Vocês inspiraram este trabalho.

Agradecimento especial a minha querida Tia Solange que tanto contribuiu para minha aproximação com o campo e que sempre com carinho perguntava sobre o andamento desta pesquisa.

A minha Mãe e Pai pela dedicação que guardaram sobre mim e por partilharem suas experiências de vida que tanto me ajudam a pensar a minha própria.

Ao Luck e a Belinha, meus companheiros inseparáveis, obrigada pelas lambidas, por me tirarem a atenção e por brincarem para me fazer sorrir. Para quem ainda não os conhece, deveriam, são os cachorros mais inteligentes e lindos do mundo (risos).

Agradeço, acima de tudo, a Deus, por ter me dado à oportunidade de sentir e viver tudo isso e por simplesmente poder senti-lo junto a mim!

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

Da base se avista o cume.....	06
Percursos metodológicos.....	12
Revisão de Literatura.....	20

CAPÍTULO I

Perfil dos montanhistas do ES: apreciações a partir dos dados quantitativos.....	28
Das escolhas da juventude a “brodagem” experiente da fase adulta: as condutas dos aventureiros capixabas.....	37
Dos motivos de se querer a montanha às diferentes limitações e apropriações de seus espaços: <i>escalaminhando</i>	49

CAPÍTULO II

Incursoção etnográfica a Associação Capixaba de Escalada (ACE).....	63
---	----

CAPÍTULO III

Incursoção etnográfica a Pedra da Ilha do Boi.....	87
--	----

CAPÍTULO IV

Curso básico de escalada: experiências distintas ao longo da via.....	105
---	-----

CAPÍTULO V

Incursoções a Pedra Azul: o porquê de ir a Pedra Azul.....	120
--	-----

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As tribos sob a análise do lazer sério e da filosofia da sensação.....	144
--	-----

GLOSSÁRIO.....	150
----------------	-----

BIBLIOGRAFIA.....	152
-------------------	-----

INTRODUÇÃO

Da base se avista o cume

“Nunca se escalou e conquistou tanto como agora, aqui no ES”. Esta frase, escrita pelo presidente da Associação Capixaba de Escalada (ACE), em julho de 2013, e remetida, via *e-mail*, aos escaladores filiados, refere-se à resposta dada a um escalador do Paraná sobre o movimento no Espírito Santo (ES). Pontuá-la é dirigir-se ao âmago de motivação pessoal e justificação acadêmica desta pesquisa, que tem seu objeto situado a partir de análises acerca das interfaces subjetivas da(s) tribo(s) de escaladores do ES e suas relações/mediações sociais com a natureza¹, o risco e a pluralidade de sensações.

Acompanhei, a partir do ano de 2010, por meio das notícias vinculadas ao *site/e-mails* da ACE, redes sociais, incursões vivenciais, entre outros, a expressividade de características e tomadas de ação referenciadas entre os atores que interagem pelos diferentes ambientes e lócus de prática no ES. Dessa aproximação inicial e leituras acerca dessas temáticas, foram instigadas questões que fomentam a base investigativa deste trabalho: qual o perfil da tribo de escaladores do ES filiados a ACE? Como são propostas suas condutas sociais? De que maneira estes atores verificam suas relações com a natureza e o risco a partir de suas práticas?

Optou-se por utilizar o conceito de tribos para caracterizar as diferentes formações de grupos de escaladores, já que esta denominação, proposta por Maffesoli (2010), está de acordo com a análise dos fenômenos culturais a que se propôs analisar nesta pesquisa. As discussões promovidas pelo autor sobre o tribalismo fomentam orientações para se pensar o simbolismo e o cotidiano das tribos de escaladores do ES. O que faz pensar sobre quais características são pontuadas pelo autor para a construção do conceito de tribo:

Gostaria de fazer notar que a constituição dos microgrupos, das tribos que pontuam espacialidade se faz a partir do sentimento de pertença, em função de uma ética específica e no quadro de uma rede de comunicação. Estas poderiam ser as palavras chaves de nossa análise (MAFFESOLI, 2010, p. 224).

¹ O termo natureza será tratado, neste trabalho, a partir das reflexões de Humberstone (2007) que compreende a “natureza como uma paisagem não humana – floresta, mar, montanha etc.

Outras aproximações sobre este discurso emergirão ao longo deste texto a partir da apresentação de dados quantitativos sobre o perfil dos escaladores do ES, no capítulo I, e os relatos sobre os campos de incursões, nos capítulos II, III, IV e V.

Para tanto, foram percorridos caminhos metodológicos de características quantiqualitativas que favorecessem a aproximação com os frequentadores dos campos escolas² da escalada no ES, de forma que fosse possível realizar uma pesquisa etnográfica e coletar de dados quantitativos sobre seu perfil socioeconômico e sua organização no que tange a escalada. As descrições destes caminhos serão elucidados no tópico percursos metodológicos.

Antes de retratarmos o quadro da escalada no ES, é importante apresentar alguns dos trabalhos que permeiam discussões acerca dessa prática, bem como suas características, e, a partir dessas elucidações, as escolhas dos autores e obras, com a qual dialoguei.

Antes de caracterizar a escalada é preciso pontuar que ela é uma das modalidades provenientes do montanhismo e que seu ato consiste em ascender às montanhas, rochas e paredes, com ou sem a utilização de equipamentos, por meio do apoio das mãos e pés nas superfícies. Já o montanhismo refere-se ao ato de subir montanhas; esta explicação simples justifica-se pela extensão de atividades possíveis de serem desenvolvidas nesse lócus.

Outra descrição sobre a prática do montanhismo pode ser encontrada no *site*³ da Confederação Brasileira de Montanhismos e Escalada⁴ (CBME), instituição sem fins lucrativos que disponibiliza, em seus arquivos, orientações sobre a regulamentação, desenvolvimento histórico e cultural do montanhismo no Brasil. A CBME, criada em 2004, é a entidade representativa do Brasil no montanhismo e na escalada e tem reconhecimento de suas atividades pelo Ministério dos Esportes,⁵ como membro permanente da Comissão de Esportes de Aventura. A mesma descreve o montanhismo

² Campo escola é o termo utilizado para referenciar os locais tradicionais, de maior circulação de escaladores, e onde comumente os grupos de praticantes encontram-se para o desenvolvimento de suas atividades.

³<http://www.cbme.org.br/>

⁴ A CBME é reconhecida pelas associações de montanhismo e escalada no Brasil por seu vínculo com a União Internacional de Associação de Alpinismo e por ter suas ações reconhecidas pelo Ministério dos Esportes acerca das atividades que desenvolve.

⁵ Explícito em <http://portal.esporte.gov.br/snear/cdn/infoEntidades.jsp?identidade=567>

com sendo “[...] atividades de acesso, travessias e ascensão, descida de montanhas e suas técnicas derivadas”.

O ato de subir montanhas sobrepõe essa simplificação inicial quando, em análise histórica e cultural, citam-se as diferentes maneiras e objetivos de fazê-lo. Seja para transpor e emancipar fronteiras, para demonstrar supremacia de domínios ou para estar mais próximos aos “deuses”, a humanidade sempre estabeleceu relações com os territórios de montanha. Struminski (2003, p. 123), pontua que:

Tanto nas civilizações ocidentais quanto nas orientais as atitudes para com as montanhas mudaram com o tempo. Inicialmente o temor se combinava com a aversão, posteriormente passou para um sentimento pelo sublime, depois pelo pitoresco e finalmente para a avaliação moderna das montanhas como recursos recreativos (visão naturalista).

Pereira (2007, p. 40), por sua vez, discursa sobre alguns dos motivos que levam os indivíduos a optar por este contato com a montanha. O principal objetivo dos

[...] montanhistas é visitar as montanhas e conviver com elas, divertir-se com os amigos e curtir a natureza. Os escaladores encaram esse convívio como desafio, aventura. Querem enfrentar e superar tanto as dificuldades de explorar a natureza quanto suas próprias limitações físicas, técnicas e emocionais.

Pereira (2007, p. 40) ainda pondera que fontes, como dicionários, descrevem o montanhismo, a escalada e o alpinismo como sinônimos, mas ressalta que atualmente “[...] chamamos montanhismo a exploração de montanhas, caminhando ou escalando, em montanhas nevadas ou não”. Como esta pesquisa relaciona-se diretamente com uma atividade específica do montanhismo, a escalada, é importante apresentar alguns sentidos trazidos por trabalhos sobre o tema. Para Monteiro (2003, p.4),

Nesta prática corporal específica ligada ao montanhismo, especialmente sendo ela vivenciada como lazer, o que parece estar em jogo é uma composição, de preferência sensível e criativa, do praticante com os obstáculos, com as possibilidades oferecidas ao corpo pela rocha (em suas agarras, fendas, fissuras, etc.), com os equipamentos utilizados (cordas, fitas, mosquetões, etc.) e com quem o acompanha nesta aventura em sentido vertical.

Brito (2008, p. 9) constrói uma reflexão sobre as montanhas e suas representações sociais e discursiva sobre os simbolismos arraigados ao desenvolvimento da escalada e as sensações que a permeiam:

O montanhismo guarda também aspectos inconscientes e simbólicos de longa data. Nota-se sobretudo a forte conexão do montanhista com a figura mítica do herói. O escalador assume o papel de alguém que se sujeita a privações e sofrimentos, que luta contra os obstáculos para cumprir sua missão. [...] Ao assumir riscos, o montanhista desafia a natureza e a si mesmo, expondo-se à vitória e à derrota, à luta e à recompensa. O montanhista, realmente, escala para si, movido pelo desafio, em busca da superação de si mesmo, de conhecer seus limites físicos e mentais – mas escala também para os outros, representando países ou grupos, e colhe os frutos obtidos.

O montanhismo concebido como prática, ou mesmo, com caráter esportivo, passou por mudanças, como enfatiza Dias (2008, p. 40) ao apresentar o relato de um dos ícones desse movimento no Brasil, Jean Pierre Von der Weid: “[...] surgia à crença de que o importante numa escalada era o próprio ato de escalar, onde a maneira pela qual se subia a montanha passava a ser tão importante quanto o próprio ato de subir”. Em síntese, o objetivo de chegar ao topo da montanha permanece, porém com vista a novas formas de fazê-lo.

Sobre estas formas de fazê-lo, pode-se enfatizar que os equipamentos utilizados pelos montanhistas ao longo dos anos têm acompanhado os avanços tecnológicos inseridos em outras modalidades, bem como a reinvenção de práticas por meio da modificação e adaptação de novas técnicas ou procedimentos. Exemplo disso são os diferentes tipos de escalada, que podem ser classificadas de acordo com seus objetivos, equipamentos, regras e locais de práticas.

Em 2001, a União Internacional de Associações de Alpinismo (UIAA) criou o “Código da Montanha”, que propõe a divisão desse esporte em dois grupos: 1) o “montanhismo que envolve o *trekking*,⁶ vias ferratas,⁷ montanhismo clássico e montanhismo com *ski*. 2) a “escalada em rocha, que inclui *Boulder*, escalada esportiva, tradicional, *big wall*, alpina, super alpina e expedições (SPINK, 2009, p. 23).

⁶ O *trekking* é uma caminhada realizada em meio a natureza em áreas de trilhas de florestas, planícies ou em formações de montanhosas.

⁷ Escadas construídas de vergalhões para ascensão a montanha.

Para compreender o contexto das relações intra e interpessoais estabelecidas entre os escaladores e a montanha e, dessa interação reconhecer as possibilidades de sentidos atribuídos por seus praticantes, é importante detalhar os diferentes tipos de escalada, pois, uma das evidências verificadas por esta pesquisa aponta que a escolha ou a predominância do praticante por um estilo pode revelar características próprias de sua tribo.

Segundo Pereira (2007, p. 73), “A escalada em rocha se subdivide em: escalada livre, *Boulder*, escalada esportiva e *big-wall*. Há ainda a escalada *indoor*, praticadas em paredes construídas especificamente para as práticas, com agarras que imitam fendas e saliências rochosas e a escalada em gelo ou em neve também chamada de alpinismo”.

A escalada livre ou tradicional tem como características a ascensão por meio da utilização de equipamentos de segurança⁸ em paredes rochosas com mais de 50 metros de altitude, vias com predominância de inclinação positiva⁹ e ou vertical e que podem ser realizadas em até um dia de escalada.

A escalada do *Boulder* remete a ascensão de um bloco de pedra de no máximo 5 metros em que o escalador não necessita da utilização de equipamentos de segurança para grandes altitudes já que a segurança é realizada por outros escaladores posicionados próximos a rocha, ali presentes para direcionar uma possível queda para os colchões dispostos no chão.

A escalada esportiva é realizada em vias consideradas curtas, de até 25 metros, com predominância de inclinações negativas e ou verticais. Para sua ascensão são utilizados equipamentos de segurança. O objetivo do praticante de escalada esportiva é mais relacionado a *performance*, quando comparado com os escaladores de vias tradicionais.

A escalada de *Big Wall* é considerada com uma via tradicional de maiores proporções, pois o escalador necessita de mais tempo para alcançar o cume, o que requer muitas vezes pernoitar no local fixado a rocha. Este tipo de escalada requer uma maior demanda de equipamentos e suprimentos alimentares.

⁸ Ver referencia no glossário.

⁹ Ver referencia no glossário.

A escalada *indoor* é realizada comumente em paredes artificiais montadas em ginásios e até residências e pode ou não requerer a utilização de equipamentos de segurança; a depender da altura de suas vias.

Alguns exemplos de setores de escaladas com as descrições acima podem ser encontrados no ES, como: as montanhas rochosas do Município de Pancas, com vias de escalada tradicional, os *boulder's* podem ser encontrados dentro do Campus da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), localizado em Vitória; o “Muro de Fátima”, situado na sede da ACE, tem estrutura para a escalada indoor; e o Morro do Moreno, no Município de Vila Velha, para as vias de escalada esportiva.

Como mostram os exemplos acima, é possível verificar que no território do ES existem locais propícios para cada tipo de escalada. As primeiras vias de escalada abertas no Estado estão datadas da década de 1960 e foram realizadas por ações dos clubes de excursionistas do Rio de Janeiro que consolidaram o movimento de emancipação e desenvolvimento do montanhismo e da escalada no Brasil.

As informações sobre o início da escalada no ES procedem dos relatos dos escaladores Oswaldo Baldin e Zé Marcio, que em entrevistas concedidas para esta pesquisa relatam histórias sobre as primeiras investidas para conquista de vias de escalada na cidade de Cachoeiro de Itapemirim, realizadas por escaladores do Estado do Rio de Janeiro. Sobre as primeiras vias abertas na Capital do Estado, Vitória, o escalador Oswaldo Baldin afirma que foram realizadas na Pedra da Ilha do Boi,¹⁰ por um turista francês em visita ao município na década de 1980 e que, ao retornar para seu País, o escalador deixou a responsabilidade de manutenção da via para Baldin.

Nos capítulos II, III e IV, o leitor poderá ter acesso à apresentação dos campos que alimentaram as análises a partir das aproximações de caráter etnográfico realizados por meio de incursões à ACE, à Pedra da Ilha do Boi, a participação como aluna do curso básico de escalada, bem como as informações acerca dos entrevistados que colaboram com seus relatos sobre suas experiências como escaladores/montanhistas.

¹⁰ Como não foram encontradas outras evidências sobre os precursores da escalada nos locais citados pelos atores, tomarei o discurso dos mesmos como um mito fundador sobre o início da escalada na capital Vitória, especificamente no campo escalada Ilha do Boi.

Neste cenário, desejo apresentar, no capítulo V, o Parque Estadual da Pedra Azul, importante ponto turístico do Estado que tem sua extensão territorial localizada sobre alguns municípios do interior do ES e que permeia conflitos sobre sua utilização para a prática do montanhismo. Para tanto, serão apresentadas as incursões realizadas a Pedra Azul, a entrevista realizada junto ao Guia mais antigo do Parque e trechos das entrevistas realizadas com escaladores sobre os impedimentos de usos do local para a escalada. Sobre as incursões a Pedra Azul serão pontuadas análises sobre o empenho do governo em promover o turismo de aventura no local e as dicotomias que esta relação com a natureza pode emergir. Em linhas gerais, o leitor terá acesso a um apanhado de informações sobre os ideários que expandem o incentivo ao turismo de aventura por parte dos governos brasileiros, por meio do convênio com a Associação Brasileira de Turismo de Aventura (ABETA) e como esta iniciativa é vinculada as esferas do lazer turístico e a comercialização de uma natureza paisagística.

Sendo assim, convido o leitor a interagir com o contexto das observações acerca das relações entre esses atores e seus campos de prática. Especialmente no capítulo IV, que remete as minhas incursões como aluna do curso de escalada, será perceptível a mudança no tom das análises, marcadas por compreensões subjetivas acerca das vivências que experimentei junto aos escaladores. Sendo assim, é importante ponderar que essa dissertação tem traços metodológicos de uma autoetnografia, que, segundo Fortin (2009, p. 83), “[...] se caracteriza por uma escrita do eu que permite o ir e vir entre a experiência pessoal e as dimensões culturais a fim de colocar em ressonância a parte interior e mais sensível de si.”

A fim de prosseguir nas apreciações vinculadas às hipóteses e achados até este momento, é importante esclarecer as decisões metodológicas que favoreceram a caminhada até aqui.

Percursos metodológicos

Caracterizada como descritiva essa pesquisa visa observar, registrar, analisar e correlacionar fatos ou fenômenos sem subjugar-los. Como instrumentos metodológicos, foram utilizados uma pesquisa documental, questionários com perguntas abertas e

fechadas, entrevistas semiestruturadas, um grupo focal e a etnopesquisa. Estes instrumentos serão apresentados a seguir com suas descrições específicas.¹¹

Os primeiros passos para comunicação com o público alvo, os montanhistas e escaladores do ES, ocorreu pela aproximação com o que era publicado pelos e sobre os atores que figuram no cenário do montanhismo do ES, ou seja, o reporte à pesquisa documental. Esta foi composta por estudos dos documentos disponibilizados, em maioria, por arquivos postados nos *blogs* dos escaladores Oswaldo Baldin, Naoki Arima e Caio Salomão,¹² sendo que Baldin arquiva, em seu espaço virtual, reportagens de jornais e revistas sobre a trajetória histórica do montanhismo no ES, entre outras temáticas. Estes acervos virtuais também são compostos por videoreportagens, filmes e documentários,¹³ produzidos, muitas vezes, pelos próprios escaladores/montanhistas, e que, nesta pesquisa, foram tratados como elementos de análise de seus cotidianos, dada a importância atrelada aos mesmos pelo grupo.

Outra fonte está no *website* da ACE, onde foi possível acessar as atas de reuniões mensais do grupo e vincular-se ao recebimento de e-mails sobre todos os temas que se relacionam ao movimento do montanhismo no Estado e afins; em síntese, meu e-mail está inserido na lista de contatos da associação. É relevante enfatizar que a pesquisa documental baseou-se nestes documentos por dois aspectos: i) a especificidade dos relatos e informações contidas sobre os montanhistas/escaladores do ES, suas histórias e as maneiras como os mesmos propõem sua organização e; ii) pela ausência de periódicos ou livros relacionados ao campo científico que relacionem informações sobre estes praticantes no ES.

Assim, por contatos via e-mail, solicitou-se, junto a ACE, a participação em uma das reuniões mensais, a fim de elucidar para o grupo as perspectivas da pesquisa. Durante essa reunião apresentei o esboço do questionário a ser remetido aos montanhistas capixabas; foi solicitado aos presentes que sugerissem questões para a construção final

¹¹ As definições metodológicas, entre outras particularidades quanto ao desenvolvimento desta pesquisa, foram submetidas, analisadas e obtiveram aprovação do Comitê de Ética, com parecer nº 526.742, que autorizou seu prosseguimento.

¹² Estes escaladores estão entre os entrevistados para a composição da etnopesquisa.

¹³ A “Mostra de Filmes de Montanha do ES” é um dos eventos de vinculação destas produções; acontece anualmente desde 2011 na cidade de Vitória e figura um espaço de encontro de interessados e praticantes de atividades de montanha como a escalada.

do mesmo. O questionário foi composto por dezoito perguntas abertas e fechadas e disponibilizado por meio de um *link online*, durante o período de janeiro a maio de 2013. É importante ressaltar que como o objetivo era verificar somente as respostas dos montanhistas/escaladores residentes no ES, foi utilizado um filtro, contido no próprio *site* da ACE, para enviar os questionários somente a estes indivíduos. Portanto, a pesquisa foi remetida a 384 pessoas da lista de associados, sendo que o total de filiados com e-mails cadastrados era de 416 pessoas.

O objetivo da utilização desse instrumento foi analisar o perfil dos montanhistas participantes e suas possíveis relações com os dados obtidos por meio da etnopesquisa. A tabulação dos dados foi realizada por meio do sistema operacional Microsoft Excel 2010 e a explicitação dos resultados foram realizadas por meio de gráficos.

Dando sequência a este percurso metodológico, é necessário apresentar outro instrumento de coleta de dados dessa pesquisa: as entrevistas semi estruturadas. A propósito, o acesso às informações e *e-mails* vinculados a ACE possibilitou a escolha dos oito montanhistas,¹⁴ convidados a contribuir com seus relatos. A seguir, os mesmos serão listados¹⁵ junto às atividades que desenvolvem no campo:

- 1) Oswaldo Baldin, 31 anos, escalador há mais de 15 anos e proprietário da empresa de turismo de aventura “Planeta Vertical”; ministra cursos de escalada para iniciantes e avançados. O escalador possui um *blog*,¹⁶ onde disponibiliza informações, reportagens e vídeos sobre montanhismo e escalada no ES e em outras localidades. Já conquistou diversas vias de escalada no ES.
- 2) José Márcio, 45 anos, escalador há mais de 20 anos, atua no conselho gestor da ACE. Já conquistou diversas vias de escalada no ES.
- 3) Redi, 37 anos, escalador e montanhista há mais de 12 anos, é responsável pela biblioteca da ACE. Está vinculado tanto ao grupo de escaladores que frequentam a ACE quanto aos da Ilha do Boi.¹⁷

¹⁴ Todos os entrevistados permitiram que seus nomes fossem expostos nesta pesquisa e vinculados as suas falas por meio da assinatura de um termo livre e esclarecido sobre os direcionamentos e objetivos desta pesquisa.

¹⁵ Os atores que participaram das entrevistas ou das incursões permitiram que seus nomes fossem revelados no texto da dissertação.

¹⁶ A página pode ser visualizada pelo endereço <http://www.oswaldobaldin.com.br/>

¹⁷ A Pedra da Ilha do Boi é localizada na entrada do Bairro Ilha do Boi em Vitória, ES.

- 4) Lucíola, 26 anos, escaladora há mais de 3 anos. É uma das responsáveis pela organização de eventos vinculados a ACE.
- 5) Roney “DuNada”, 31 anos, escalador há mais de 8 anos, já atuou como administrador financeiro da ACE.
- 6) Caio “aFeto”, 25 anos, escalador há mais de 8 anos; é atleta¹⁸ da modalidade escalada esportiva e slackline.¹⁹ Apresenta suas incursões em seu blog.²⁰
- 7) Naoki Arima, 34 anos, escalador há mais de 20 anos. É responsável pela abertura da maioria das vias de escalada esportiva do ES. Na ACE é responsável pelo setor de conquistas e manutenção de vias de escalada. Também apresenta suas incursões em seu blog.²¹
- 8) Canal, 57 anos, atua há mais de 28 anos como guia no “Parque Estadual Pedra Azul”. É o guia mais antigo em atividade naquela localidade, já tendo atuado como fiscal quando o local era considerado como reserva ambiental. É um ator importante na elucidação sobre as questões que envolvem a (não) utilização da Pedra Azul como via de escalada pelos montanhistas.

Estes sujeitos foram identificados por realizarem continuamente postagens relacionadas ao montanhismo e/ou por comporem o quadro de conselheiros da associação e/ou por destacarem-se por sua experiência nas modalidades. Sendo assim, por perceber que esses atores exercem papéis diferenciados nesse cenário, é que se justifica a intenção de expor suas falas nessa pesquisa. As entrevistas foram realizadas em um espaço reservado na ACE, com exceção de duas, a de Naoki Arima, que ocorreu no Campus da UFES e a do Canal, que foi entrevistado em seu local de trabalho, no Parque Estadual Pedra Azul.

As entrevistas foram concebidas com roteiros semiestruturados, com o objetivo de possibilitar flexibilidade aos diálogos. Os entrevistados foram convidados a relacionar suas experiências e trajetórias, bem como suas opiniões sobre a existência de uma ou mais tribos de montanhistas/escaladores, suas relações com a natureza, condutas de risco, sua visão acerca do grupo de montanhistas do ES e as motivações que

¹⁸ O escalador foi definido como atleta por estar vinculado a competições relacionadas às modalidades em questão.

¹⁹ A prática do slackline consiste em equilibrar-se e deslocar-se em uma fita elástica fixada entre duas estruturas, que podem ser árvores, postes, etc.

²⁰ O blog pode ser acessado no endereço <http://dosedeaftamina.blogspot.com.br/>

²¹ O blog pode ser acessado no endereço <http://naokiarima.com/blogwp/?p=7272>

desencadearam sua iniciação na prática, entre outras questões. Foram permitidas as gravações e transcrições desses relatos, bem como a vinculação do nome do entrevistado a citação de sua fala no corpo deste texto, quando necessário.

Perante essas indicações prévias e o enlace com suas continuidades, foram norteadas as maneiras de se repercutir a etnopesquisa e a construção de reflexões acerca das questões vinculadas à rotina do(s) grupo(s). Frente às subjetividades multirreferenciais que compõem a construção coletiva e individual dos campos da pesquisa, é necessário evidenciar o papel do etnopesquisador. Segundo Macedo (2004, p. 82), esse precisa estar

[...] armado com dispositivos finos para a escuta e para o olhar sócio culturalmente sensíveis, percebe nas linguagens constitutivas da cultura e da sociedade um subsídio significativo, para a compreensão/explicação de construções em vida.

Portanto, é necessário enfatizar que as discussões fomentadas por essa pesquisa não têm a pretensão de generalizar os achados a todos os montanhistas do ES, mas, sim, representar uma parcela composta por aqueles que se dispuseram a contribuir com suas opiniões e impressões acerca das questões divulgadas, seja por meio dos questionários, das entrevistas ou de conversas informais durante as incursões.

No mesmo período de aplicação dos questionários e das entrevistas foi realizada a etnopesquisa. Para enunciar a perspectiva em que a mesma foi planejada e empregada, cita-se, como referência, a proposta de Macedo (2004), que em sua obra “A Etnopesquisa Crítica e Multirreferencial nas Ciências Humanas e na Educação”, estabelece alguns princípios norteadores para os usos de uma etnografia crítica. Este autor transcreve as características metodológicas da etnopesquisa em consonância com Ludke e André (1986, p.144):

[...] tem o conceito como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento; supõe o contato direto de pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada; os dados da realidade são predominantemente descritivos, e os aspectos supostamente banais em termos de status de dados são significativamente valorizados.

Estou de acordo com o autor quanto à necessidade da “escuta sensível”, aqui orientada como forma desejável e necessária para promover uma interação com o campo e, no

decorrer, das possíveis compreensões acerca das intersubjetividades e realidades múltiplas encontradas nas relações sociais do grupo pesquisado. Sobre essas questões, Macedo (2004, p. 53) enfatiza o ideário schutziano (1985) e reflete acerca das relações cotidianas, indicando que o mundo da vida

[...] funciona como um quadro de referências sob a forma de um conhecimento disponível. A esta reserva de experiências disponíveis pertence o fato de que nós sabemos que o mundo onde vivemos é um mundo de objetos bem circunscritos e com qualidades definidas; nós nos movimentamos entre esses objetos, eles nos resistem e, conseqüentemente, nós agimos sobre eles. Desta perspectiva, Schutz considera que o mundo da vida cotidiana é a cena do objeto de nossas ações e interações. Desde o começo, nós, os atores da cena social, vivemos o mundo como um mundo às vezes de cultura e de natureza, não um mundo provado, mas intersubjetivo, isto é, que nos é comum. Para Schutz isso implica em intercomunicação e linguagem.

Com base nesta proposta, o trabalho etnográfico foi permeado pela construção das observações participantes redigidas nos diários de campo sobre os seguintes momentos e campos escolas²² referentes ao montanhismo e a escalada:

- 1) Participação na II e na III “Mostra de Filmes de Montanha do ES”, realizadas na cidade de Vitória, em dezembro de 2012 e dezembro de 2013, respectivamente;
- 2) Oito incursões a sede da ACE, localizada em Bairro de Fátima,²³ no Município de Serra, entre os meses de dezembro de 2012 e fevereiro de 2013.
- 3) Oito incursões à Pedra da Ilha do Boi, localizada em Vitória, entre os meses de janeiro e fevereiro de 2013.
- 4) Cinco dias de participação como aluna do curso básico de escalada, realizado a partir da última semana do mês de janeiro, nos espaços da ACE (1º dia, quinta feira, das 18 às 22hs), na Pedra da Ilha do Boi (2º dia, sexta feira, das 18 às 22hs e no 5º dia, segunda feira, das 7 às 11hs), no Morro do Moreno, localizado na cidade de Vila Velha (3º dia, sábado das 7 às 18hs) e no Complexo de Escalada de Viana, localizado na Cidade de Viana (4º dia, das 7 às 11hs).
- 5) Três incursões, entre 2013 e 2014, ao Parque Estadual Pedra Azul, localizado no território dos municípios de Domingos Martins e Vargem Alta, sendo que uma

²² Dentre os Campos escolas visitados durante a etnopesquisa, destaca-se: a Ilha do Boi, a ACE, o Morro do Moreno e o Complexo de Escalada de Viana.

²³ Foi explicitado o nome do bairro onde a Associação de Escalada Capixaba está localizada porque no local da sede está montado o “Muro de Fátima”, este utilizado diariamente pelos escaladores que frequentam a ACE.

realizada no mês de janeiro, com o objetivo de entrevistar um dos guias do parque; outra realizada no mês de abril, para participar do credenciamento das empresas que trabalham com turismo de aventura no ES e são associados à ABETA.²⁴ A terceira incursão foi realizada em 2014, quando foi relatado via *e-mail*, para a lista da ACE, que alguns escaladores estavam refazendo a via de acesso ao topo da Pedra Azul em concordância com os gestores do Parque.

- 6) Apresentação dos dados quantitativos desta pesquisa, realizado no dia 31 de julho de 2013 a partir das 19hs, na sede da ACE. Para a ocasião, foi enviado um convite para todos os associados participarem do momento.
- 7) Encontro de Escalada Capixaba, que ocorreu em setembro de 2013 e reuniu no Complexo de Escalada de Viana. Na ocasião foi realizado um grupo focal com 12 escaladoras a fim de perceber elementos sobre a participação feminina na escalada do ES. A formação do grupo focal seguiu delineamentos metodológicos apresentados por Macedo (2004, p. 178). A proposta do grupo focal foi apresentada inicialmente para uma das escaladoras que compõem o grupo organizacional da ACE, que sugeriu vincular o convite a um grupo formado em uma rede social para comunicação sobre o Encontro de Escalada. Desta forma, os critérios de escolha para participação foi limitado à escaladoras que moram e escalam no ES, sendo que dentre estas condições o evento foi escolhido como oportuno devido a maior possibilidade de presença das escaladoras em um mesmo lugar.

É importante ressaltar que as incursões na ACE e na Ilha do Boi, referenciadas nos itens 2 e 3 acima, foram concomitantes. A escolha dos dias para estar nestes locais respeitou a própria logística de dias e horários organizados por seus frequentadores. Sendo assim, as segundas, quartas e sextas feiras, das 19hs às 22hs, estive na ACE; as terças e quintas feiras²⁵ na Pedra da Ilha do Boi, no mesmo horário. Dos municípios referenciados, Vitória, Vila Velha e Viana fazem parte da Região da Grande Vitória²⁶ e Pedra Azul e Vargem Alta da Região das Montanhas do ES.

²⁴ Associação Brasileira de Empresas de Turismo de Aventura.

²⁵ Com ressalvas a uma terça feira e a uma quinta feira em que estive na ACE para verificar se a rotina destes dias atua de forma semelhante as de segunda, quarta e sexta feira.

²⁶ Também compõem esta região os municípios de Cariacica, Serra, Guarapari e Fundão.

Deseja-se que o direcionamento estrutural a que o leitor terá acesso a partir daqui não seja interpretado como fragmentação do todo, mas, sim, como uma forma de retratar a singularidade de cada momento dessa pesquisa, o que, posteriormente, facilitará o vislumbre deste cenário de multirreferências e o aprofundamento e/ou elucidação das questões investigadas.

Por meio dessas escolhas metodológicas, buscou-se retratar o cotidiano dos escaladores e, de certa forma, fazer parte dele, a ponto de vivenciar alguns dos sentidos de suas aventuras, interagir com seus enredos relacionais e seus códigos de conduta. Contudo, o traço tênue a que se referencia a auto-etnografia e a etnografia como uma das diretrizes para esta aproximação toma os indicativos de Fortin (2009, p. 82) só propor uma orientação sobre a forma como essas interlocuções foram realizadas nesta pesquisa:

[...] longe de ver a descrição como um simples exercício de transcrição e de adequação entre as palavras e a realidade, impõem firmemente a presença e a subjetividade do pesquisador até fazer deste o objeto central dos estudos auto-etnográficos. De fato se a pessoa que conduza a investigação é indissociável da produção de pesquisa, porque, então, não observar o observador? Porque não olhar a si mesmo e escrever a partir de sua própria experiência?

A partir desses direcionamentos, alguns trabalhos serviram de inspiração para a minha intervenção (auto) etnográfica. Posso citar as experiências de Whyte (2001, p. 285) com sua etnografia, em Conerville:

Quando pensamos que os vemos, somos forçados a reexaminar nossas notas e, talvez, coletar novos dados a fim de determinar se o padrão percebido representa adequadamente a vida que observamos ou é simplesmente um produto de nossa imaginação. A lógica, então, tem uma participação importante. Mas estou convencido de que a evolução real das ideias na pesquisa não acontece de acordo com os relatos formais que lemos sobre métodos de investigação. As ideias crescem, em parte, como resultado de nossa imersão nos dados e do processo total de viver.

Por uma via semelhante, Wacquant (2002) constrói sua pesquisa com base em sua “participação observante” como aprendiz de boxe, mas também por acreditar que sua intenção em campo depende principalmente de sua entrega ao ringue.

Dentre exemplos relacionados às atividades de aventura, Olic (2012, p. 89), que se intitula skatista-pesquisador no caminho de cartografar a aprendizagem da prática do skate em sua pesquisa, pontua que “[...] esta posição ocorre por meio de um “estar

dentro” – na medida em que ando de skate –, assim como por um estar fora – por estar ali por motivos exteriores ao mundo do skate”.

Com base nessas referências, acredito que o estudo do cotidiano dos escaladores, bem como a participação efetiva em meus momentos²⁷ como escaladora, foi mediado por diferentes formas de interação com os cenários a que tive acesso, ora com uma análise mais descritiva dos fatos, ora com uma representação mais enfática sobre o que foi sentido a partir da decisão de arriscar-se no contato com a rocha. Assim, o percurso metodológico desta pesquisa parte do diálogo dos dados obtidos por meio de observações participantes bem como de “participações observantes”.

Revisão de Literatura

Dispostas estas primeiras elucidações sobre a escalada, cabe agora uma aproximação sobre outros aspectos; para tanto, ressalta-se que as obras produzidas no Brasil a respeito do montanhismo e da escalada, são variáveis quanto às áreas de estudo; elas vão desde análises dos aspectos biomecânicos e fisiológicos das atividades físicas desenvolvidas no ambiente de montanha, até análises sobre a relação corpo/natureza em um campo de discursos filosóficos e sociológicos. A obra organizada por Schwartz (2006), por exemplo, está dividida em oito partes, onde são apresentados capítulos sobre o ambiente e as atividades de aventura, aspectos fisiológicos e de treinamento, aspectos psicológicos, aspectos biomecânicos, pedagógicos, organizacionais, sociais e adaptados. Em face das questões investigativas propostas por esta pesquisa reportarem-se aos campos que tratam sobre o risco-natureza, as sensações percebidas a partir da prática da escalada e as relações sociais entre os indivíduos e suas tribos, o debruçar sobre as produções será coerente a estes delineamentos.

Betrán é um dos autores contemporâneos que se propõe a realizar trabalhos sobre as conexões históricas, culturais e sociais dessas práticas. O autor considera que, apesar de inicialmente as mesmas serem concebidas como prática esportiva,²⁸ as características do esporte não podem ser atribuídas a essas práticas na natureza. A necessidade em se

²⁷ Aqui refiro-me aos momentos em que por exemplo pratiquei escalada nos diferentes campos escola.

²⁸ Betrán (1995) relata que essas práticas começam a figurar entre os países economicamente desenvolvidos como uma possibilidade emergente de lazer e consolidação de novos hábitos e valores sociais.

atribuir termos para essas atividades desenvolvidas na natureza, segundo Betrán (2003), apoia-se na caracterização das mesmas e na busca por sua definição semântica. Segundo o autor, essas práticas corporais receberam diversos nomes “genéricos”. Como exemplos, podemos listar os seguintes termos existentes na literatura:

Novos esportes: pelo caráter inovador, diferencial e alternativo dessas modalidades com relação às disciplinas esportivas; Esportes de aventura: em clara referência à busca de incerteza e risco em contraposição à tendência do esporte de reduzir sistematicamente o desconhecimento domesticando o espaço de jogo; Esportes tecnocológicos: enfatizando a simbiose da tecnologia com a natureza, elementos imprescindíveis para sua prática; Esportes em liberdade: com relação à mínima submissão às regulamentações, a inexistência de entidades oficiais ao estilo de federações esportivas que regulamentem as diferentes atividades e as amplas possibilidades de prática no meio natural; Esportes californianos: uma clara indicação da origem de algumas dessas práticas que fazem parte desse âmbito recreativo; Esportes selvagens: para marcar o caráter natural, aberto e incerto de sua prática, em oposição ao esporte estruturado e civilizado; Atividades deslizantes de aventura e sensação na natureza: devido a quatro parâmetros básicos que se encontram na maioria dessas atividades, seu desenvolvimento no meio natural, o caráter deslizante de suas práticas, a produção de sensações corporais e o sentido de aventura que os praticantes procuram na realização dessas atividades (BETRÁN, 2003, p. 67).

Pode-se observar, nos termos citados por este autor, a predominância da palavra esporte. Esta denominação parece ter sido aceita tanto na literatura acadêmica quanto na mídia específica dessas atividades. Apesar disso, Betrán propõe a denominação atividades físicas em ambientes naturais (AFAN's), como sendo a que melhor retrataria as iniciativas destas práticas, apesar de ponderar que, em seu País (Espanha), o termo mais utilizado é esporte de aventura. Segundo o autor, as AFAN's constituem-se em um conjunto de práticas recreativas, individuais, de “deslizamento sobre superfícies naturais” que são promovidas em meio a um risco controlado, por vezes aparente. Ele apresenta sua opinião contrária à esportivização e à utilização dessa concepção para essas práticas, argumentando que:

[...] tende-se a fugir da polissemia ‘esporte’ para definir essas atividades, pois se considera que elas são práticas originais da atualidade e concepções físicas recreativas diferentes do esporte, pelo modelo corporal em que se baseiam, pela motivação e as condições de prática, pelos objetivos a serem seguidos ou pelo meio utilizado para o seu desenvolvimento (BETRÁN, 1995, p. 164).

Villaverde (2003, p. 65), por sua vez, acredita que a expressão atividade física não é a mais adequada; segundo o autor [...], o termo atividade, combinado com o adjetivo ‘física’, parece inadequado e limitado, pois além de não garantir exatidão em sua

especificidade, parece não exprimir a riqueza das ações motoras humanas presentes no repertório da cultura corporal.

Dias e Alves Junior (2007, p. 25), por sua vez, preferem o termo esporte para se referir às práticas/atividades realizadas na natureza. Os autores valem-se das apreciações de Bourdieu (2007, p. 27) quando concebem “[...] que para compreender um esporte, qualquer que seja ele, é preciso reconhecer a posição que ele ocupa no espaço dos esportes”. Eles acreditam que o fenômeno cultural esportivo não representa somente determinada ação de performance midiática ou física, de alto rendimento, ou tenha caráter unicamente competitivo, mas sim, que seja “[...] a manifestação e expressão de um símbolo cultural que é muito maior do que as pretensas instituições que tentam representá-lo” (DIAS; ALVES JUNIOR, 2007, p. 32).

Os autores reportam-se a ampliação do conceito de esporte para defender que não é necessário descartar a palavra ou substituí-la para se tratar dessa temática e consideram que é necessário ampliar a compreensão sobre esse conceito. A terminologia esportes na natureza foi escolhida pelos mesmos para identificar, em suas obras, as práticas do montanhismo, voo livre e surfe, entre outras, na cidade do Rio de Janeiro; foram utilizados os relatos dos “esportistas” e um apanhado de reflexões sociológicas acerca do desenvolvimento destas em ambientes naturais e urbanos. Sobre isto apontam que sua opção teórica é o “princípio de compatibilidade entre esporte e cultura” e argumentam que:

Enquanto um produto cultural o esporte é dinâmico, sofre mutações no seu desenrolar histórico, acompanhando as mudanças estruturais por que vem passando a sociedade contemporânea. Devemos então fugir a tentativa de canonização de uma determinada forma de expressão do esporte e compreender que essa manifestação cultural, como todas as demais é fluída (DIAS; ALVES JUNIOR, 2007, p. 31).

Para caracterizar o conceito, os autores utilizam pontos como a relação subjetiva com a natureza, o desejo da aventura e a necessidade de alta tecnologia, além de afirmar que práticas como o montanhismo fogem aos padrões tradicionais do esporte moderno e, portanto, podem ser considerados como subculturas esportivas. Acerca dessa denominação, os autores defendem que:

O campo dos esportes na natureza configura-se como uma subcultura esportiva, mas sem nunca deixar de caracterizar-se como um esporte. Ao mesmo tempo, suas especificidades esportivas dotam-lhe de uma relativa autonomia diante do campo esportivo mais geral (DIAS; ALVES JUNIOR, 2007, p. 28).

Essas atividades são caracterizadas como subcultura esportiva por serem consideradas “[...] parte integrante da cultura dominante, mas que mantêm e produzem expressões culturais alternativas e residuais” (DIAS; ALVES JUNIOR, 2007, p. 32).

Durante anos a discussão sobre a nomenclatura que melhor abrangeria essas práticas corporais foi aquecida pelas compreensões diferenciadas dos autores sobre suas caracterizações; contudo, optou-se pela apresentação do seu contexto, mas não com a intenção de repelir uma em função do uso de outra, mas, sim, para demonstrar o quão marcante foi este debate conceitual para o desenvolvimento dessa temática. Contudo, existem avanços, como a criação das diretrizes para uma política nacional de ecoturismo; as diretrizes e recomendações para o planejamento e gestão da visitação em unidades de conservação; o projeto de normalização e certificação em turismo de aventura; a criação da comissão de esporte de aventura pelo Ministério dos Esportes; o aumento das publicações em periódicos e livros; a inserção na matriz curricular de disciplinas específicas em cursos de graduação e pós-graduação; e a maior visibilidade e reconhecimento em eventos científicos em várias áreas, nos âmbitos regional, nacional e internacional (MARINHO; SCHWARTZ, 2007, p. 33).

Sobre os eventos, as autoras mencionam a realização do I Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura (CBAA), no ano de 2006. O CBAA é um evento itinerante,²⁹ realizado anualmente e que, a partir de 2012, tornou-se bienal e começou a ser promovido concomitante com o Congresso Internacional de Atividades de Aventura, visando ampliar a participação de pesquisadores estrangeiros e as contribuições advindas de suas culturas. Com um aumento gradativo de participação entre a 1ª e a 7ª edição, de 70 para 320 congressistas, e o estabelecimento de parcerias entre os grupos de estudos das Instituições de Ensino Superior, é notável o crescimento dessa área. Neste ano de 2014, o CBAA volta ao ES e será realizado no município de Vila Velha, em uma Instituição de Ensino Superior. Até hoje, somente Espírito Santo e São Paulo

²⁹ Desde a sua 1ª edição em 2006, realizada em Santa Catarina, o congresso já foi alocado em Minas Gerais (2ª edição), Espírito Santo (3ª edição), Bahia (4ª edição), Rio Grande do Sul (6ª edição) e São Paulo (5ª e 7ª edição).

sediaram duas edições do evento, o que demonstra a convergência de interesses dos setores de organização do congresso e de seus participantes para o Estado, visto que a escolha do local para o evento é feita a partir do lançamento de propostas a candidatura e levada à votação pelo público.

No tocante a produção da área, Marinho e Teixeira (2010) apresentam resultados a partir de um levantamento da produção científica em periódicos, livros e capítulos de livros do triênio 2006-2008, disponibilizados na listagem da Qualis, dos grupos de estudos inscritos no *site* do CNPq. Entre os procedimentos de coleta, realizada em um único dia, foram inseridas as palavras-chave: “atividades de aventura”, “esportes e natureza”, “esporte de risco”, “esporte radical”, “esporte na natureza”, “esportes de aventura” e “aventura” nos campos de busca, sem a utilização de filtros. Sobre os resultados obtidos, ressalta-se que dos 23 grupos de estudos que desenvolvem estudos sobre estas temáticas, 16 são da área das Ciências da Saúde, 6 são das Ciências Humanas e 1 é das Ciências Sociais Aplicadas. Acerca das áreas de conhecimento, a Educação Física possui 15 grupos, a Fisioterapia e Terapia Ocupacional 1 grupo, a Antropologia 2 grupos, a Psicologia 1 grupo, a Educação 1 grupo, a História 1 grupo, a Sociologia 1 grupo e o Turismo 1 grupo. Entre suas conclusões, Marinho e Teixeira (2010, p. 544) afirmam que:

As 90 linhas de pesquisa encontradas, entre os 23 grupos, retratam a diversidade de possibilidades, no contexto das atividades de aventura, apontando para abordagens em diferentes setores da sociedade, relacionados a aspectos pedagógicos, compensatórios, de rendimento, dentre outros. [...] o número de grupos de pesquisa e estudos em atividades de aventura ainda é reduzido, se comparado ao número de grupos cadastrados no Diretório como um todo. Além disso, no contexto dos grupos existentes sobre atividades de aventura, há poucas linhas de pesquisa específicas sobre o tema.

Contudo, uma pesquisa recente apresenta resultados que indicam uma crescente produção acerca dessas temáticas, fato que impulsiona pesquisadores a debruçarem esforços na compilação das obras a fim de tecer um quadro sobre as publicações nesse campo. É o que realizou Terezani et al. (2013), ao analisar todos os artigos publicados na Revista *Licere* que fazem relação com discussões teóricas sobre as atividades físico-esportivas de aventura realizadas na natureza. Segundo elas, “[...] foram selecionados na categoria “Atividades Físicas de Aventura na Natureza” oito (08) publicações e na categoria “Outras reflexões sobre Lazer e Meio Ambiente” quatro (04), totalizando doze

(12) trabalhos” (TEREZANI, et al., 2013, p. 18). São citados ainda autores cuja produção esta concentrada nessa temática:

Em relação às análises e discussões teórico-metodológicas realizadas pelos autores, foi possível verificar que existe a utilização de um vasto e diversificado referencial bibliográfico, sendo acessadas e citadas obras de referência escrita por autores reconhecidos cientificamente na área do lazer, em interface com outras áreas como o meio ambiente, tais como Bruhns, Marinho, Schwartz, Uvinha, Betrán, Costa, Melo, Dias, Alves Júnior, Marcellino, entre outros. (TEREZANI, *et al* 2013, p. 21)

Este campo geral de produções e eventos acadêmicos está em constante diálogo com as considerações acerca das atividades de aventura e temas como o risco, a busca pela aventura, a reaproximação com a natureza e as relações de socialidade entre os grupos de praticantes. Silva e Freitas (2010, p. 224) propõem uma revisão sistemática sobre as publicações acadêmicas entre os anos 2000 e 2009 com base na divisão das categorias: emoção e relação homem-natureza (com dez artigos), risco epidemiológico (com seis artigos) e segurança e gerenciamento de empresas de turismo de aventura (com nove artigos).

Como visto acima, o conceito de risco é referenciado nas categorizações, de modo que autores como Spink et al. (2008) ainda propõem o entendimento do risco a partir da sua classificação em três tipos: I risco-perigo: trata do perigo, ameaça, fatalidades, sorte ou azar; II risco-probabilidade: aborda as instabilidades políticas e econômicas, bem como o lazer, a saúde e a tecnologia; III risco-aventura: debate as aventuras, os desafios e emoções”. Azevedo (2010, p. 265) utiliza esta classificação para dissertar sobre a influência do risco-aventura no processo de coesão das diferentes comunidades de voo livre e ressalta que “[...] o risco, no contexto social, é tido como um gerador de consequências imprevisíveis. No entanto, tal risco pode revelar-se como um elemento positivo e agregador no contexto de determinadas práticas esportivas, como ocorre no voo livre”.

Alguns autores referenciados nas categorias propostas pela revisão de Silva e Freitas (2010) também foram tomados para os diálogos sobre as questões desta pesquisa, como Le Breton (2009, 2013), que propõe uma análise sobre as condutas de risco a que se submetem os indivíduos que buscam as atividades de aventura. Uma consideração

interessante sobre a visão do autor sobre o assunto é a razão apontada para que se busque o risco nessas atividades:

A quem recusa deliberadamente a tranquilidade e segurança do dispositivo de enquadramento social, compete examinar essa margem inesgotável e aí apor a marca de sua individualidade. Terreno de aventura, de jogo criativo consigo mesmo, reserva de alegria pelas sensações e emoções que proporciona, pelo contato privilegiado que promove com o mundo, essa margem permite que o ator enfrente o que ele chama de seus limites. O prazer de flertar com o perigo, mesmo quando isso se faz com prudência, destaca-se sobre o fundo de uma sociedade crispada por uma vontade de segurança (LE BRETON, 2009, p. 24).

Le Breton pontua a tenuidade de entendimentos que separam as definições de risco e perigo e salienta que o cálculo, a percepção e o gerenciamento da atividade diminuem a possibilidade do perigo prejudicar sua progressão e controle dos riscos que estão presentes, mesmo que somente de forma subjetiva. Em outras palavras, o risco pode ser medido, calculado e até falseado para gerar diferentes sensações, enquanto o perigo corresponde a alta probabilidade de que uma determinada ação seja lesiva caso o indivíduo prossiga em sua conduta diante de uma atividade perigosa. Esses riscos são encontrados não somente nas atividades de aventura, mas em todo o momento da vida do indivíduo; sua percepção e as ações decorrentes dessa exposição a perigos e a riscos controlados determinam suas escolhas e mesmo o controle e a forma como lidam com suas emoções.

Em seu artigo de revisão, Silva e Freitas (2010, p. 222) recorrem às ideias de Elias e Dunning (1992) para explicar este fenômeno:

[...] nos quais a preocupação incide na busca da excitação e emoção, constituindo-se por formas de alívio da repressão social, assim, tais sensações permitem ao sujeito sentir-se o agente principal nestes momentos em que as obrigações sociais desdenham a competência destes indivíduos, tornando singular essa busca pela excitação.

Acerca das sensações de estar em contato com a natureza por meio das atividades de aventura, Silva e Freitas (2010, p. 224) referenciam os seguintes estudos:

[...] é importante retornar aos estudos de Bruhns (2009), que explica o cenário da natureza como uma diversidade complexa de situações híbridas, onde o sujeito vivencia sensações e condições de independência, mesmo com a presença de um grupo, em que não há competidores. Esta relação do homem com a natureza constrói a valorização deste espaço, e novos

significados do eu intrínseco neste meio, como ressaltam Marinho (2009); Lavoura et al. (2008; 2007); Tahara et al. (2007); Pereira (2005) e Suassuna et al. (2005). Seguindo este pensar, torna-se importante citar os estudos de Bruhns (2009), a qual esclarece que a busca do prazer por meio destas práticas restabelece ligações entre os atores sociais e a natureza.

Portanto, buscou-se, até aqui, percorrer alguns caminhos para esclarecer o objeto desta pesquisa. No orientar dessas questões, o capítulo I tem por iniciativa apresentar os dados obtidos na pesquisa quantitativa e delinear algumas características acerca do perfil de montanhistas/escaladores que se propuseram a participar desta pesquisa. Um dos objetivos desse momento é realizar a aproximação entre os dados quantitativos e os relatos dos atores entrevistados.

CAPÍTULO I

Perfil dos montanhistas do ES: apreciações a partir dos dados quantiquantitativos

Este capítulo tem por objetivo apresentar o perfil dos montanhistas do ES filiados a ACE. Os dados foram obtidos por meio da participação de 81 montanhistas que se propuseram a responder o questionário de 18 perguntas. Para fomentar as análises acerca dos dados, também serão citados, quando necessário, trechos das oito entrevistas realizadas durante algumas incursões e as falas das escaladoras participantes do grupo focal.

Decerto que as subjetivações e o enredo de particularidades dos grupos de escaladores a que tive contato não poderiam ser transpostos por dados quantitativos, nem mesmo representam a generalização dos grupos, de forma que podem ser tomados como um ponto de partida na busca por entender alguns contextos do grupo. Foi preciso fomentar uma via para que esses (as) montanhistas expressassem e participassem de fato desta proposta de delineamento etnográfico do(s) grupo(s) a qual pertence. Para tanto, buscou-se construir um questionário com perguntas abertas e fechadas que somasse aos instrumentos metodológicos desta pesquisa.

Em suma, inicialmente, um esboço do questionário foi apresentado aos presentes na reunião mensal da ACE, no dia 09 de janeiro de 2013, às 19hs, para que sugerissem questões a serem inseridas. Nesta mesma reunião estabeleci contato com alguns dos conselheiros da associação e pude apresentar a proposta do trabalho. Fui comedidamente interpelada, durante a fala, por réplicas dos presentes acerca das intenções da pesquisa e convidada a esclarecer sobre seus trâmites de maneira objetiva, com vistas a justificar aos mesmos a quem ela interessaria e se, obviamente, retornaria dados aos membros da ACE.

A contextualização expressa por mim acerca do interesse acadêmico e profissional, além da explícita motivação pessoal pelo gosto em realizar atividades de aventura, entre elas o montanhismo, suponho que mobilizou a compreensão sobre o que me impulsionou a engajar-me entre eles, dada a iniciativa dos mesmos em participar e contribuir com suas respostas ao questionário, bem como divulgá-lo aos demais. Dessa

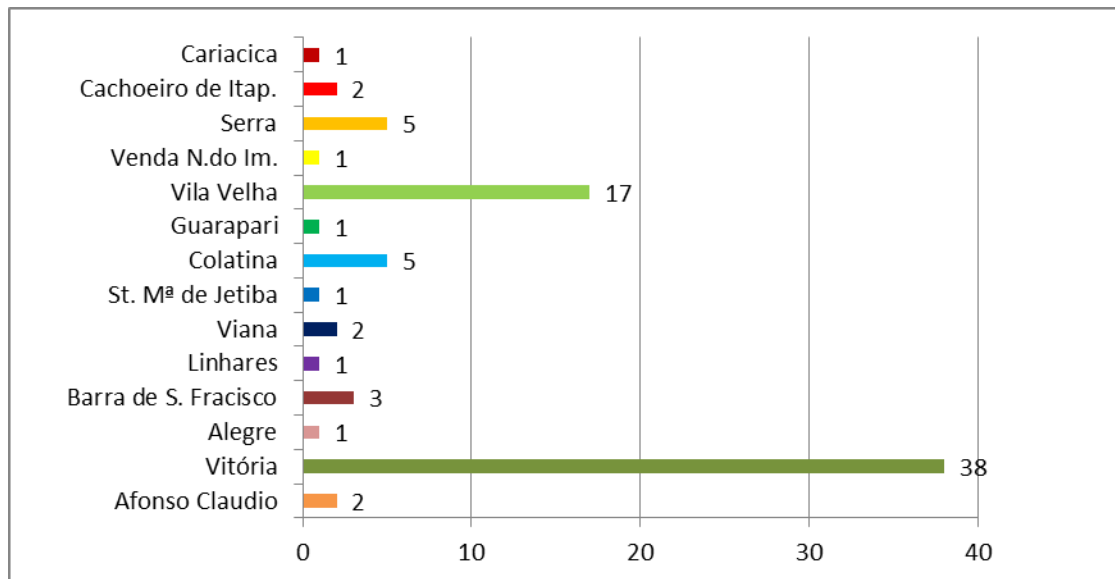
forma, ficou acordado que o *link* de acesso ao questionário fosse encaminhado via *e-mail* para todos, até então, 384 filiados da ACE que dispunham de cadastro em seu sistema e residiam no ES.

A decisão de inserir perguntas dos membros da ACE ampliou sugestivamente o campo de análises a serem referenciadas nessa pesquisa, pois o interesse dos mesmos em inserir questões que remetem à gestão de riscos, recursos materiais, equipamentos, acesso a informações e locais de prática fazem alusão à limitação que o grupo tem acerca das características dos seus filiados. Ainda foi exposto, por um dos conselheiros, que apesar de os montanhistas do ES vinculados a CBME serem convidados pela mesma a participar de alguns sensores sobre o montanhismo, até a presente data não havia dados especificamente sobre o Estado ou pesquisas que apontassem algumas características socioeconômicas dos praticantes.

Sendo assim, deseja-se que, na medida em que os dados sejam revelados e interpostos aos achados na etnopesquisa, o leitor seja capaz de conhecer algumas peculiaridades do contexto em que estão inseridos os montanhistas do ES e, por esta via, possa estar em contato com o que foi possível observar nesta tribo.

A seguir serão apresentadas as análises que configuram as respostas dos 81 montanhistas que se propuseram a responder as 17 questões listadas em questionário. Os dados apresentados no gráfico 1 confirmam a hipótese, aventada antes da aplicação do questionário, de que a maioria dos praticantes de montanhismo reside na Região Metropolitana de Vitória, distribuídos principalmente nos municípios de Vitória e Vila Velha. Essa informação justifica o critério de escolha da pesquisa de campo ter sido realizada nessas localidades e confere respaldo à iniciativa de se tomar a ACE, a Ilha do Boi e o Morro do Moreno como locais a serem referenciados pelos praticantes de escalada como os principais campos escola do ES. A seguir pode-se verificar a distribuição do quantitativo de respondentes pelos municípios do ES.

GRÁFICO 1– MUNICÍPIOS EM QUE RESIDEM MONTANHISTAS DO ES



Dias e Alves Junior. (2007, p. 39), em seus estudos sobre a Cidade do Rio de Janeiro (RJ) e sua relação com as práticas do surfe e do montanhismo, comentam a distribuição dessas práticas: “[...] em geral, os espaços de cada uma delas encontram-se no interior da malha urbana da cidade”; Marinho e Bruhns (2005) afirmam que “[...] os grupos de escalada urbana que se formam, a cada dia, fazem parte de um movimento de resistência frente ao processo de racionalização e à desordem das cidades”. Portanto, o fato da maioria dos escaladores (as) que participaram desta pesquisa residir em cidades da Região Metropolitana da Grande Vitória (a maioria em Vitória e Vila Velha) passa a ideia de que as atividades em contato com a natureza³⁰ podem figurar práticas de interesse entre os moradores dos centros urbanos do ES, principalmente, quando estas cidades mantem em seus territórios elementos naturais com acesso facilitado por meio de vias urbanas, a se citar o Morro do Moreno em Vila Velha/ES e a Pedra da Ilha do Boi em Vitória/ES como referências dessa hibridez entre o urbano e a natureza. Durante os momentos com os escaladores (as), estas impressões também foram mencionadas, como apresentado na fala da escaladora Gleide, que mora no ES há poucos anos e relata sua impressão sobre a proximidade das vias de escalada nas regiões urbanas do ES em comparação com as das cidades da Região Sul do Brasil (ela é natural de Santa Maria, no RS):

³⁰ Aqui expressas não somente as atividades de aventura em contato com a natureza, mas as atividades físicas em geral, como caminhar pelos calçadões das orlas, pedalar pelas cicloviás dos parques das cidades, entre outras possibilidades.

Aqui a Pedra é no meio da cidade, o que é bem diferente na maior parte das cidades do Sul, onde você tem que subir muito morro, atravessar muita trilha pra chegar perto da via da pedra, só ai já era no mínimo 2 horas. Então aqui você tem a Ilha, o próprio muro, mas também próximo o Calogi na Serra, o Morro do Moreno em Vila Velha que é rapidinho pra chegar (Gleide, 37 anos, escala há 3 anos. Trecho de sua fala durante o grupo focal).

Sobre esta formação das cidades e a escolha pela prática de atividades de aventura em contato com a natureza, Dias e Alves Junior (2008, p.34) citam a Barra da Tijuca no RJ e sua coesão ao projeto arquitetônico e urbanístico: “Parece que aquela nova maneira de viver elegeram contato com a natureza como seus elementos definidores, o que se reflete nos costumes esportivos adotados na região”. Os Municípios de Vitória e Vila Velha assemelham-se, nesse aspecto, à localidade citada pelos autores se levarmos em conta a costa marítima que banha estas cidades junto a seus cenários de rochedos e montanhas em meio aos prédios e viadutos.

Também é possível levantar a hipótese que os recursos tecnológicos e as informações fornecidas pelas mídias sobre o desenvolvimento das atividades de aventura seja reportada de forma mais contundente aos indivíduos que residam nos centros urbanos.

Portanto, o número crescente de pessoas que vivem em centros urbanos e tem acesso a estes veículos de informação permeia a análise de que, estes indivíduos comporiam majoritariamente o público alvo para promoção de alguns produtos de consumo relacionados à natureza, entre estes as atividades de aventura, visto que morar e trabalhar em um cenário onde mar e montanhas tangem-se em meio ao asfalto não garante o contato desses indivíduos com a natureza de forma efetiva, sendo necessária essa viabilização por meio da compra de pacotes de natureza e aventura.

Estes produtos consolidados pela mídia podem variar desde pacotes turísticos para conhecer trilhas em meio a matas até a ideia de que a atitude de adquirir um desses produtos em si já possibilitaria uma mudança de comportamento. Cantonari e Oliveira Junior (2005, p. 59) pontuam que “[...] nestas atividades estão presentes a possibilidade de reaproximação da natureza, a condição de se vivenciar algo que está muito distante do dia-a-dia, do corriqueiro, e de experimentar tensões prazerosas há muito distantes do cotidiano das sociedades modernas, ou seja, atividades que vertem a noção de algo altamente arriscado. Assim, é possível analisar que o cenário urbano rodeado de

montanhas pode ter influenciado na sua escolha pela prática da escalada e, dessa forma, ter potencializado sua preferência pelas vias de rochas conquistadas em meio ao asfalto. Na sequência dessas questões foi verificado que dos 81 respondentes, 66 são homens e 15 são mulheres. Outras pesquisas realizadas no Brasil também apontam para a prevalência de homens no montanhismo. Este é o caso da pesquisa realizada em 1991 pela Revista *Mountain Voices*, em que 78% dos assinantes são do sexo masculino, contra 22% do sexo feminino. Em 2005, a “mundo vertical”³¹ realizou uma pesquisa com amostra de 1.469 pessoas e apontou que 83% dos montanhistas são homens e 17% são mulheres. (FRECHOU, 1992, p. 2, apud Dias et al, 2009, p. 100). Em face desses dados é possível inserir as primeiras análises a partir das falas das escaladoras que participaram desta pesquisa:³²

Eu para ser sincera não tô tanto na pedra como gostaria, inclusive falta parceria para esse aspecto. Porque tipo, eu sou casada, a maioria das pessoas que vão pra pedra são meninos, as meninas vão, mas não na mesma frequência. Eu não vou sair de casa e vou pro mato com um monte de homem, não tenho preconceito, mas é que da mesma forma que meu marido não pode gostar a esposa ou namorada do cara também não podem. As pessoas de fora podem interpretar isso de forma ruim, mesmo que meu marido entenda, eu opto por evitar esse tipo de constrangimento, ai as vezes é assim. É mais difícil entre a gente, a gente tem mais obrigações com a família, com outros amigos, acaba que o homem não tem essas mesmas atividades ou sai delas mais fácil. Eu acho mais difícil pra gente conciliar as coisas. (Lucíola Gomes, 27 anos, escaladora há 4 anos)

Em uma das primeiras vezes que fui levei meu filho pra ele entender o que eu fazia quando falava que ia para a montanha, ele tinha uns 10 anos e pernoitamos no local junto a um grupo, ele achou cansativo a caminhada e o que mais gostou foi de acampar. Hoje quando falo que vou escalar ele já esta ciente do que fazemos, o que me ajudou porque antes ele pedia pra que eu ficasse. (Silvia, 47 anos, escaladora há 2 anos)

É possível concluir pelos exemplos acima, que os compromissos sociais, aqui vinculados especificamente à família e a preocupação de como estas mulheres serão vistas dentro de um território com predominância masculina, estão entre os fatores que podem limitar a prática dessas escaladoras. Apesar de esses primeiros ensejos apresentarem pontos limitantes, quando perguntadas sobre como percebem a opinião masculina sobre sua participação na escalada, uma das entrevistadas reflete:

Ah, eu acho que o pessoal gostou...não só pelo fato de serem mulheres, mas porque existe uma demanda muito boa pra escalada feminina, eles falam que

³¹ Empresa de turismo de aventura.

³² Fala coletada por meio do grupo focal que aconteceu durante o 7º Encontro de Escalada do ES.

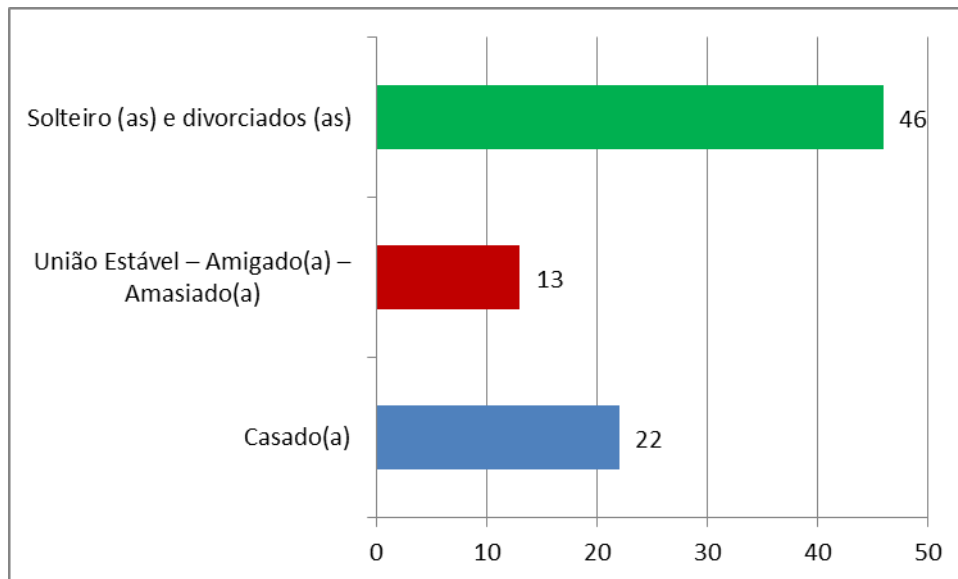
a gente tem muito mais facilidade pra escalar, por causa do nosso jeitinho, sermos mais leves, pelos nosso movimentos, so que é um esporte mais agressivo, é unha curta, cabelo despenteado, não são todas as mulheres que se interessam...é um publico bem especifico...quando eu comecei a escalar já tinha a Ivy, que frequentava o muro com frequência, a Sara a Luciana, hoje eu conheço elas. Aí comecei a escalar também mais com as meninas (Lucíola Gomes, 27 anos, escaladora há 4 anos).

A participação das mulheres na composição do grupo de praticantes foi relatada ainda pelo filme “Amigo Imaginário”, que conta a história da primeira via conquistada por mulheres no ES. Esta produção foi apresentada na “Mostra de Filmes de Montanha do ES”, em 2013, e premiada no “Rio Mountain 2013”, no RJ. O filme de Oswaldo Baldin foi vencedor em três categorias: "Prêmio Terra Brasilis - Melhor Filme Brasileiro", "Mostra Internacional - Melhor Filme Voto Popular", "Prêmio Cidade do Rio - Melhor Filme Júri Oficial". Na ocasião, as escaladoras e protagonistas da conquista participaram da premiação junto ao produtor do filme.

Foi possível notar, durante as incursões e relatos das entrevistas que a participação feminina na escalada é coerente com as percepções pontuadas acima e que as relações jocosas entre homens e mulheres é uma característica da relação entre eles, assim como é possível verificar em outros campos de subculturas esportivas como skate. Até a virada do século, o progresso das mulheres nos esportes e em outras atividades, inclusive no skate, foi dificultado pela questão de respeitabilidade. Muitas mulheres tiveram que lutar contra a desaprovação de sua família e círculo social, mas aceitaram o desafio de qualquer modo (GOELLNER e FIGUEIRA, 2012, p. 161).

Entre o público masculino e feminino de participantes desta pesquisa chama atenção a quantidade de solteiros e divorciados (46) em comparação com o número de casados (22) e em união estável (13).

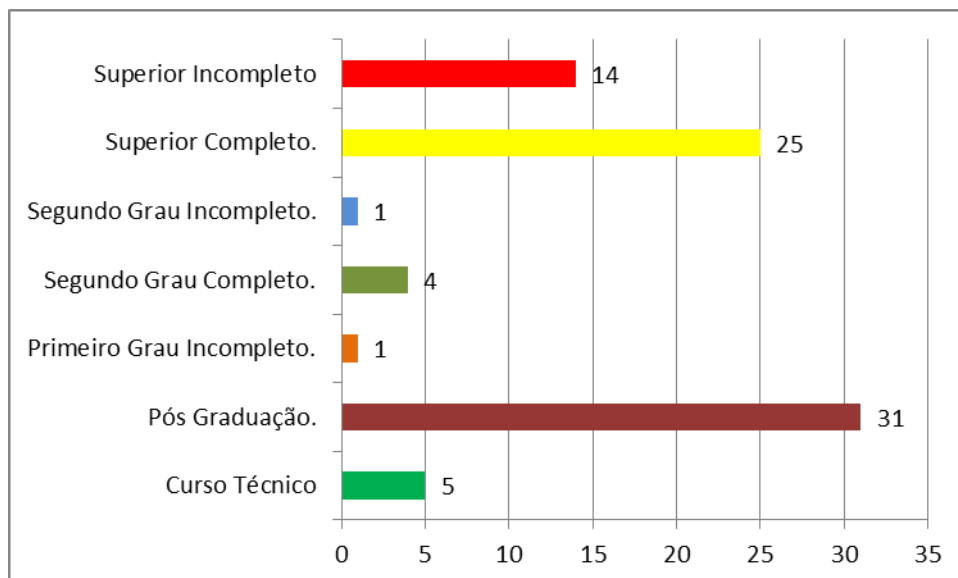
GRÁFICO 2– ESTADO CIVIL DOS MONTANHISTAS DO ES



Contudo, a questão que emerge destas informações é se o estado civil dos escaladores influenciaria na disponibilização de seu tempo para a prática da escalada. Não foram encontradas pesquisas que argumentem se a aderência em atividades de aventura como a escalada pode ser influenciada pelo estado civil de seus praticantes, ou estudos que fortaleçam ou refutem a ideia de que indivíduos solteiros disponibilizariam mais de seu tempo livre para o desenvolvimento de atividades físicas em meio natural. Pelos discursos dos atores que participaram desta pesquisa, entre eles, os relatos das escaladoras destacados no item anterior, é possível conceber que, para estes grupos, a incidência de solteiros e divorciados que disponibilizam seu tempo livre para escalar é maior em comparação com os indivíduos casados ou em união estável. Ainda assim, são necessárias mais pesquisas que investiguem o estreitamento entre estas hipóteses aqui aventadas.

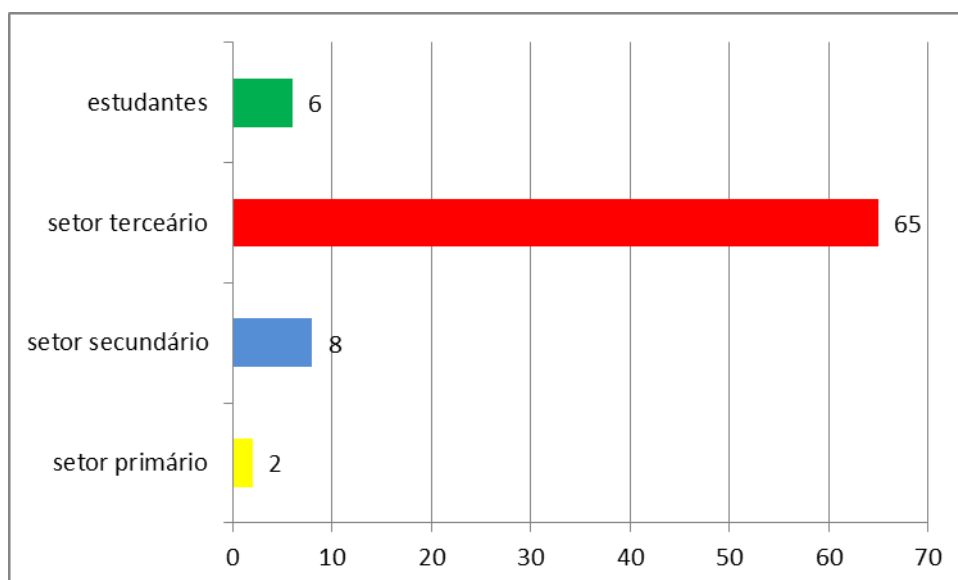
O gráfico a seguir apresenta o nível de escolaridade dos escaladores que participaram desta pesquisa. Nota-se que, em maioria, estes indivíduos têm formação em nível superior ou técnico.

GRÁFICO 3– NÍVEL DE ESCOLARIDADE DOS MONTANHISTAS DO ES



Contudo os achados desta pesquisa revelam que a maior parte dos escaladores tem formação em nível superior ou são pós-graduados e tem idade compreendida entre 23 e 38 anos. Quanto às escolhas profissionais, pontua-se a heterogeneidade entre os respondentes, com distribuição entre várias áreas de atuação, como pode ser notado a seguir:

GRÁFICO 4 – SETORES DA ECONOMIA A QUE ESTÃO INSERIDOS OS MONTANHISTAS DO ES



Na pesquisa de Dias (2009, p. 100), realizada durante a “Abertura da Temporada de Montanhismo do Rio de Janeiro” do ano de 2007, 31% e 30% dos participantes

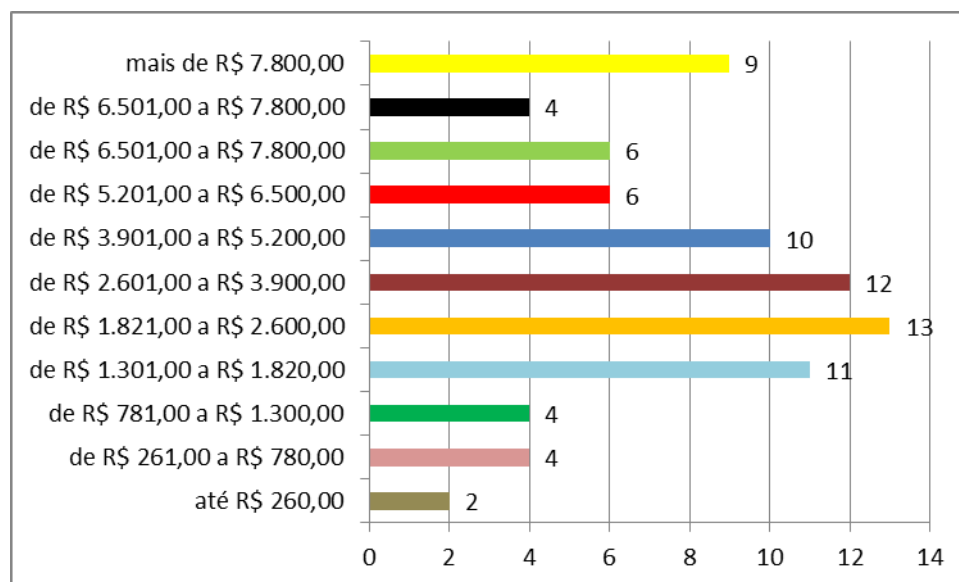
assinaram que são profissionais liberais ou empregados do setor privado, respectivamente.

Uma fala sobre a relação trabalho e a escalada chama a atenção, pois corresponde a opinião de vários praticantes acerca de que o primeiro seria o vetor de renda para possibilitar o acesso ao segundo:

[...] eu sou formado em engenharia de petróleo, e a escalada não tem nada a ver, mas uma forma de viver esse sonho, de poder viajar, comprar equipamentos eu encontro na minha profissão. Mas a minha vontade é de estar sempre na rocha, à profissão é legal, vale a pena, mas é uma rotina que eu tenho que seguir com o objetivo de dinheiro (Caio Afeto, 20 anos, escalador).

Neste contexto, os dados sugerem que muitos escaladores utilizam sua renda e profissão como forma de viabilizar sua prática, visto o quantitativo elevado de indivíduos que tem inserção no mercado de trabalho. A renda mensal individual dos participantes pode ser vista a seguir:

GRÁFICO 5 - QUANTO A SUA RENDA FINANCEIRA MENSAL



Sobre estes fatores econômicos, a pesquisa de Pimentel e Saito (2010) formulam uma análise que colabora para o entendimento da aderência as atividades de aventura pelos indivíduos interessados. Quanto maior o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), maior o interesse pela prática de atividades de aventura. Quanto menor esse índice na cidade, mais singelas financeiramente são as experiências. Independente da cidade, as

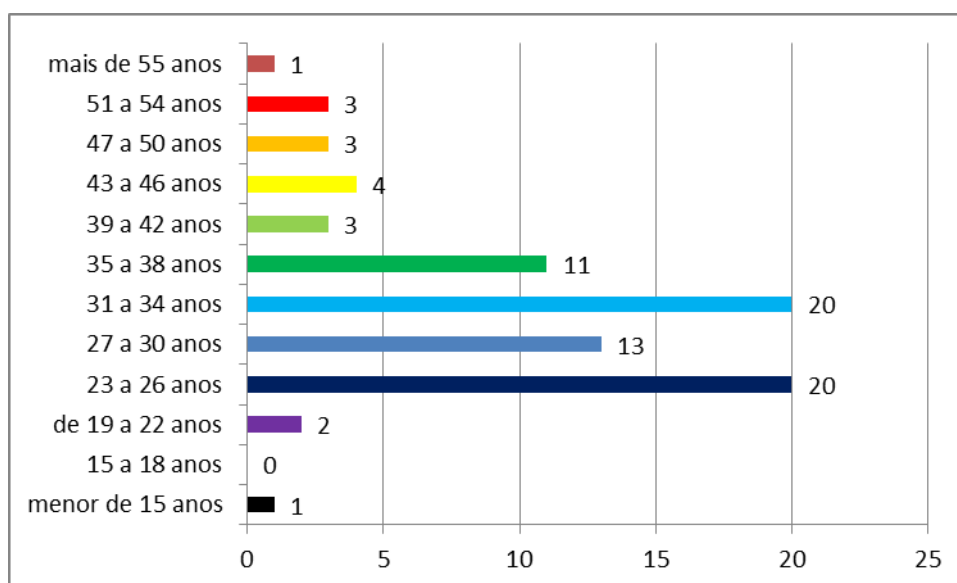
vivências mais onerosas (mais risco e tecnologia) ou estavam concentradas em militares ou em profissionais liberais. Assim, escolaridade e estabilidade profissional aumentam as chances de praticar uma maior diversidade de aventuras. (PIMENTEL; SAITO, 2012, p. 10).

Até aqui foram apresentados alguns dados sobre o perfil socioeconômico dos escaladores que realizam suas atividades no Estado. Nos tópicos seguintes, serão compiladas questões específicas sobre a relação desses praticantes com as atividades desenvolvidas, como: sua trajetória e tempo de prática, sua rotina, a polivalência de preferências acerca das modalidades, entre outras contextualizações.

Das escolhas da juventude à *brodagem* experiente da fase adulta: as condutas dos aventureiros capixabas

A indicativa “faixa etária” reporta a informação de que a maior parte dos participantes é de adultos e que a faixa de idade com maior incidência de respostas foi dos indivíduos entre 23 e 38 anos.

GRÁFICO 6 - FAIXAS ETÁRIAS DOS MONTANHISTAS DO ES:



Dias et al. (2009) apontam que o perfil geral dos participantes de sua demonstrou que a maioria dos participantes é homem (79%), com faixa etária entre 20 e 39 anos. Pimentel

e Saito (2010) pontuam, em suas análises, que a aventura e a fase da vida têm uma forte associação: 23,1% das pessoas abordadas relacionam as atividades de aventura a dimensões privilegiadas, com a da juventude, em respostas do tipo possuir tempo livre e, principalmente, condicionamento físico.

Pondero que, apesar de os dados apontarem para uma maioria de adultos no cenário da escalada do ES, a iniciação nas modalidades acontece durante a adolescência ou juventude e os indivíduos que figuram no quadro atual garantem a adesão pelos anos de experiências, pela recepção e companheirismo com os novos praticantes. Tomemos alguns trechos das entrevistas concedidas por alguns montanhistas do ES, em que, entre outros relatos, tratam sobre a idade em que iniciaram suas atividades na montanha a fim de pensar sobre esta questão:

Eu nasci em Ibuti no RS uma cidade que fica a 150KM de Porto Alegre, e foi la que eu comecei a escalar, ainda bem gurizinho, em 1993, eu tinha 13 anos [...] (Naoki Arima, escalador há mais de 20 anos).

Minha história de escalda começa em um tempo antigo, não sou daqui da Grande Vitoria, sou de Bom Jesus do Norte onde jamais se ouviu falar em escalada, tinha 15 anos na época (Oswaldo Baldin, escalador há mais 15 anos).

[...] no Rio de Janeiro a gente faz muito essa distinção, entre montanhista e escalador, mas eu prefiro ir por trilha...nunca foi meu sonho fazer escalada e sim estar na montanha, fazer trilha...eu fiz meu curso de escalada em 2001 (Redi, montanhista que já aos 5 anos acompanhava os pais em incursões de escoteiros, escalador há mais de 12 anos).

[...] eu sempre escalei, desde a década de 1970. Eu sempre fui muito engajado no esporte, jogava voleibol, capoeira muitos anos, depois comecei a voar de parapente, e um amigo um dia me chamou pra escalar, e ai eu me apaixonei, era aquilo que eu tava procurando [...] (Zé Marcio, escalador há mais de 20 anos).

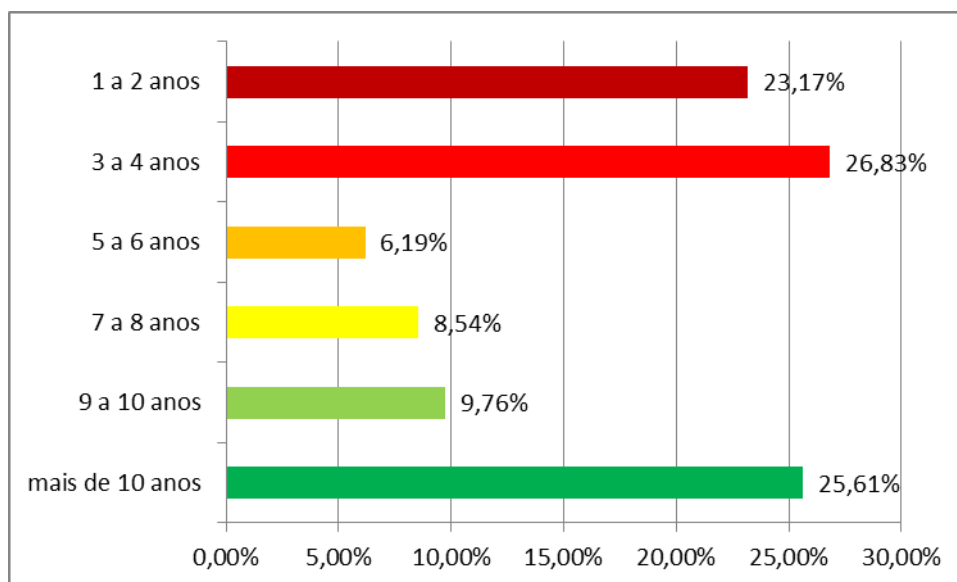
Foi com 18 anos...eu sempre pratiquei esporte, sempre fui bem ativo, mas nunca gostei de academia...achava parado...dai eu remava, mas me machuquei...e numa dessas idas e vindas no esporte, eu tava no 3º ano e um amigo me chamou, ele tinha um amigo que era escalador...subi, escalei, fui mal, mas adorei...trabalhei comprei minha sapatilha e dai um tempo comecei a escalar mais...e o DuNada me adotou la na ilha (Caio “Afeto”, escalador há mais de 8 anos).

[...] meu professor foi o Baldin, eu tinha acabado de quebrar os dois dedos e procurei o curso de rapel porque não conseguia pedalar...e acabei fazendo um curso de escalada com os dedos quebrados...isso foi em 2003...tem 8 anos que eu escalo (Roney “DuNada”, escalador a mais de 8 anos, desde os 13 anos praticava mountain bike).

[...] mas eu realmente sempre gostei muito de natureza, eu ainda não conhecia o muro, e a gente começou a ir mais pra pedra, e depois de um tempo eu tava fazendo faculdade e a galera começou a ir mais pro muro do Porko...depois da aula..que a galera se reunia...tem 3 anos que eu comecei (Lucíola Gomes, 26 anos, escaladora há mais de 3 anos).

Nesta vertente de análise, as informações acerca da relação entre idade e tempo de prática, que remete ao tempo de adesão desses indivíduos ao montanhismo/escalada, pode ser aprofundada pela leitura dos dados seguintes, que sugerem que a adesão dos praticantes não necessariamente tenha ocorrido em sua idade atual. Esta verificação pode ser realizada se observados os dados sobre a faixa etária e o tempo de prática dos atores.

GRÁFICO 7 - HÁ QUANTO TEMPO VOCÊ É PRATICANTE DE ESCALADA/MONTANHISMO?



Na linha desses prescritos, a prevalência de indivíduos adultos na escalada do ES é um dado que pode balizar a relação dessa fase da vida com a possibilidade de independência financeira e a culminância da disponibilização de recursos financeiros próprios para o lazer e para a demanda de aquisição de equipamentos, que oportunizam a prática das modalidades escolhidas, o consumo de viagens, artigos específicos para montanhismo, entre outros.

Contudo, Tahara (2006, p. 121), ao descrever os elementos impeditivos da aderência à prática das atividades de aventura cita exatamente o preço dos equipamentos, de viagens

e a falta de infra estrutura básica de alguns locais. Para o autor, “[...] alguns antes mesmo de iniciarem a prática, compram todos os apetrechos necessários, procuram estar sempre informados, entretanto na hora da prática da atividade propriamente dita, acabam desistindo”.

Apesar de considerar os fatores acima como possíveis limitadores à prática, ao observar os dados relacionados a esta pesquisa, outras questões aparecem vinculadas como impedimento à prática da escalada; o tempo disponível para estar nas vias é uma delas. Foi possível observar que a aquisição de equipamentos não é essencial para se iniciar a atividade, mas que dispor de tempo para frequentar os locais de escalada é imprescindível aqueles que desejam aperfeiçoar a prática e vincular-se aos grupos.

Adiantando alguns passos, com o objetivo de fortalecer os argumentos, podemos citar as informações contidas na questão 16, referente aos fatores limitantes à prática, onde somente 6.54% dos respondentes apontam o custo das atividades como obstáculo. Os itens 8 e 9 do questionário indagam se os respondentes adquiriram equipamentos necessários a prática e se acessam revistas, livros e/ou assistem a filmes ou reportagens sobre montanhismo, respectivamente. Sendo que 6.10% dos indivíduos apontaram que não adquiriram equipamentos para sua prática, enquanto a maioria de 93.90% afirmou que tem o material próprio para realizar suas atividades.

Na questão seguinte, 10.98% afirmam não acessar revistas e outros itens de informação sobre o montanhismo, enquanto 89.02% responderam que acessam revistas, livros, assistem a filmes, entre outros veículos de informação sobre montanhismo. É possível afirmar que uma parcela significativa dos respondentes investe seus recursos financeiros para a compra de equipamentos e artigos necessários ou relacionados à prática de sua modalidade apesar de afirmarem que as primeiras incursões podem ser feitas sem investimento inicial em equipamentos, como é possível verificar:

[...] eu tava no 3º ano e um amigo me chamou, ele tinha um amigo que era escalador. Subi, escalei, fui mal, mas adorei. Trabalhei comprei minha sapatilha e dai um tempo comecei a escalar mais e o DuNada me adotou la na Ilha.

Durante as incursões, foi possível ter acesso a relatos de que é comum aos iniciantes em escalada utilizar equipamentos emprestados de outros escaladores para suas primeiras

vivências. Ao passo que aderem à prática, adquirem os seus próprios equipamentos. Isto ficou constatado quando iniciei as incursões e foram emprestados a mim, na Pedra da Ilha do Boi, os equipamentos necessários para que escalasse a via das damas.³³

A partir dessas visualizações, é possível concluir que após a fase de iniciação e com a intencionalidade de continuar a escalar, os indivíduos tendem a adquirir os próprios equipamentos e aumentam seu consumo em materiais vinculados ao montanhismo. Para Souza et al. (2011, p. 344), “[...] o gosto pode se exprimir de duas formas complementares, ou seja, contemplando as exigências impostas pela necessidade dos agentes e grupos, ou então, como estratégia cuja expectativa é suprir um estilo de vida distintivo e condizente com as posições ocupadas”.

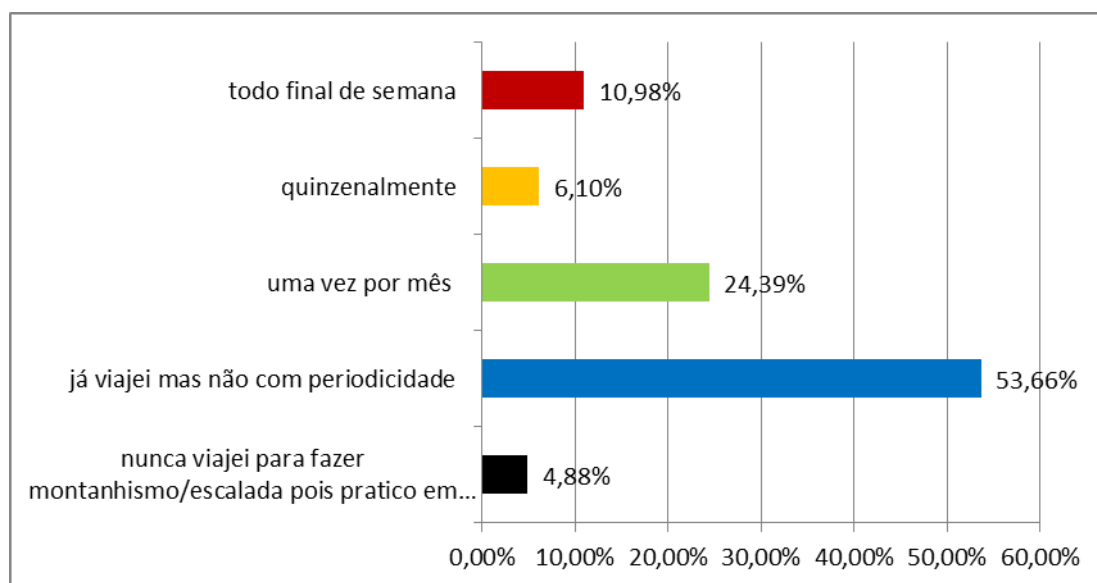
Em análise, possuir estes equipamentos de escalada pode demonstrar o pertencimento ao grupo, bem como a promoção da autonomia dos atores para propor outras formações de grupos. Sobre isto Souza et al. (2011, p. 342) utiliza os ideários de Bourdieu (1998, p.108) a respeito das representações para explicar as lutas pelas classificações de novos grupos ou subgrupos, isto é, “[...] lutas pelo monopólio do poder de fazer ver e fazer crer, de fazer conhecer e de fazer reconhecer, de impor uma definição legítima das divisões do mundo social e, por essa via, de fazer e desfazer os grupos.” Outra informação relacionada à prática e ao consumo dos montanhistas refere-se à periodicidade de viagens e incursões realizadas pelos mesmos. Para o ideário que envolve o ato de viajar, utilizarei a construção de Almeida et al. (2007), que argumenta que

[...] viagem tem no estrangeiro o seu personagem típico, pois o mesmo está vinculado à ideia de deslocamento espacial e ao ímpeto de ir que o colocou em trânsito. A noção de viagem sempre esteve relacionada de alguma forma ao chamado mundo natural - às paisagens exuberantes - e as culturas exóticas, pois ambos atraem os cidadãos, impelindo-os a procura de novos lugares, estimulando o seu deslocamento para além do ambiente urbano, como uma forma de experienciar formas de lazer no qual é possível vivenciar o contato com as paisagens e as culturas que nelas vivem e as produzem.

Os dados abaixo apresentam uma revogação da hipótese de que os montanhistas viajariam com certa regularidade com o objetivo de acessar campos de prática distantes de suas residências. Analisemos o gráfico:

³³ A Pedra da Ilha do Boi é dividida nas seguintes vias de escalada: das damas, dos machos, dos gays e do xixi.

GRÁFICO 10 – COM QUE FREQUÊNCIA VIAJA PARA FAZER MONTANHISMO/ESCALADA?



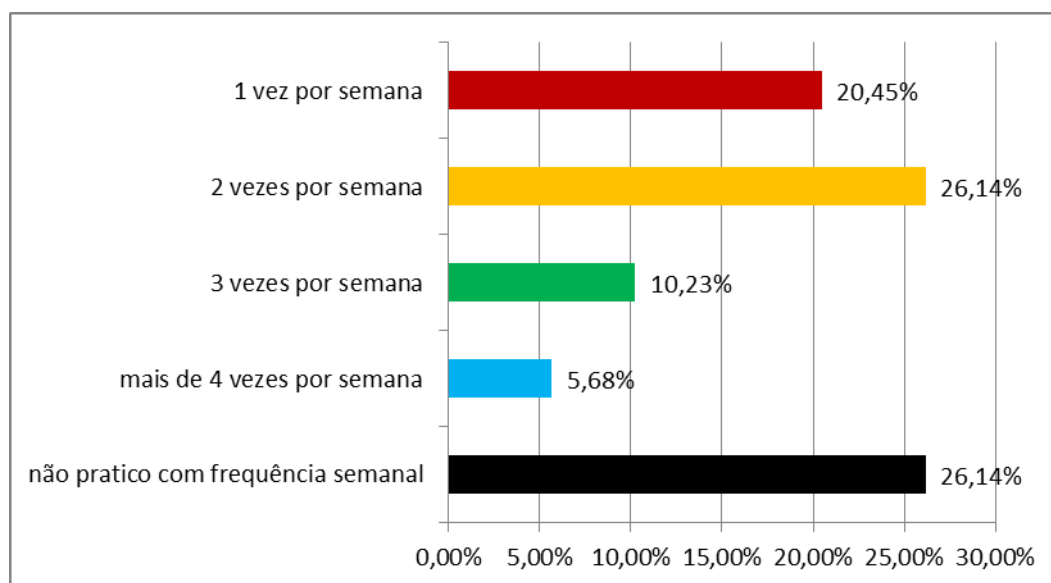
Uma parcela expressiva (53,66%) alega não viajar com periodicidade, em contraponto com os que têm uma frequência, ao menos mensal (24,39%), destinada às incursões. A falta de tempo disponível para viajar e acessar vias de escalada distantes do eixo dos Municípios de Vitória/Serra/Viana/Vila Velha – onde estão localizadas as vias mais próximas aos centros urbanos - pode ser considerado um argumento que explique estes números, visto que as incursões para outras localidades exigem maior demanda de recursos materiais, organização quanto à previsão meteorológica e estudo topográfico³⁴ da região.

Dias (2009) aponta, em sua pesquisa, que 81% dos montanhistas realizam suas atividades nos finais de semana e ocupam geralmente a manhã e a tarde (44%) ou o dia inteiro (42%) em suas investidas na montanha. Segundo os relatos dos escaladores e pelas observações realizadas, viajar para escalar em um local diferente do habitual pode refletir uma inserção efetiva no grupo, já que comumente os escaladores com menos experiência, e que demonstram interesse e dispõem de tempo para escalar nos campos escola, são convidados pelos mais experientes a compor o grupo durante alguma investida.

³⁴ Aqui refiro-me, principalmente, ao estudo do croqui da via, que corresponde a um mapa de localização das proteções fixas da rocha e locais por onde o escalador deve ter preferência por utilizar.

Para melhor entender esta disponibilidade de tempo, o questionário tinha uma pergunta interessada em saber sobre a frequência semanal a que os indivíduos dedicam-se a escalar; pois apesar de não ser o único delimitador acerca da adesão dos indivíduos à atividade, esta frequência pode configurar o tenro estreitamento entre a rotina dos mesmos e sua disponibilidade de tempo para a prática. O gráfico a seguir apresenta esses dados:

GRÁFICO 11 - COM QUE FREQUÊNCIA VOCÊ PRATICA ESSA (S) MODALIDADES?



Se somados os percentuais da frequência dos que praticam suas modalidades semanalmente, obteríamos 62,5%; por esse quantitativo é possível analisar que, mesmo com pontualidades adversas, o contato semanal com a atividade, dentre outras apropriações, configura a incorporação da escalada na rotina dos participantes.

Ainda sobre a ótica de analisar os investimentos financeiros, de tempo e atitude dos escaladores, ponto que apesar de os dados sugerirem que para aderir à prática da escalada é necessário algum investimento financeiro, principalmente após a fase de iniciação,³⁵ existem condutas que minimizam a importância da aquisição de

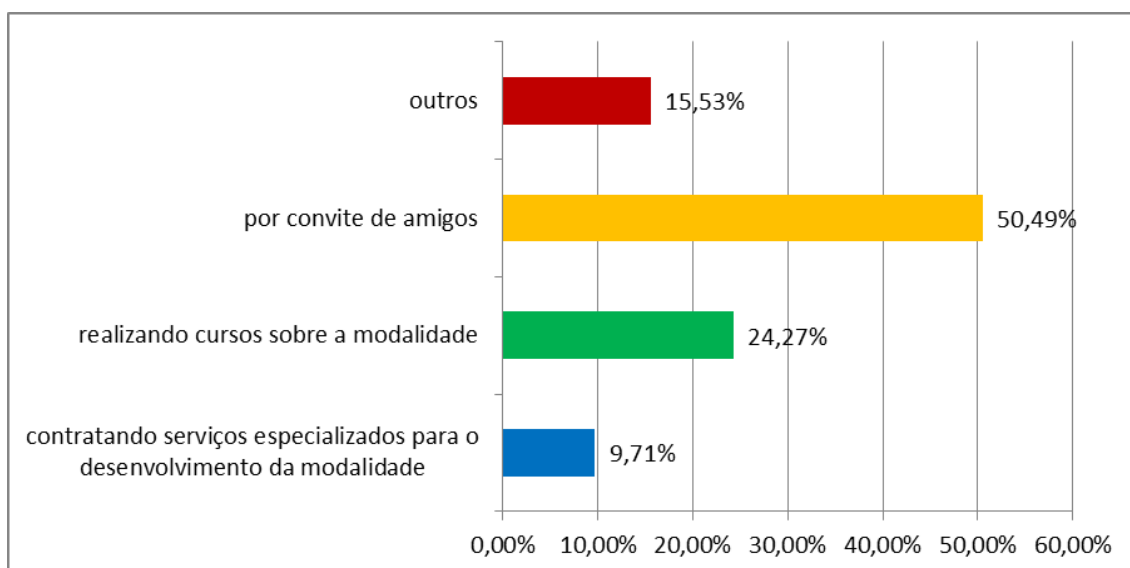
³⁵ Se levarmos em consideração os custos do conjunto de equipamentos necessários para se iniciar a escalada, o valor inicial é elevado quando comparado ao de outras modalidades.

equipamentos, como as afeições reivindicadas em paternidade³⁶ e os atos de companheirismo demonstrados nas relações entre os montanhistas experientes e os novos aspirantes a prática, sejam eles jovens ou não, portando ou não, disponibilidade de recursos materiais para sua iniciação.

Sobre isto Monteiro (2003, p. 6) pontua que “a vivência coletiva destas práticas são associadas, sobretudo a momentos de intensificação da relação do sujeito consigo próprios e com a alteridade, aí incluídos a natureza e os outros sujeitos que compartilham tais momentos”.

É necessário pontuar que muitas dessas relações, que às vezes se transformam em amizades, acontecem em tempos/espacos diferentes, ou seja, apesar de serem praticantes da mesma atividade os atores foram levados ao primeiro contato por ocasiões diversas, como pode ser verificado no questionamento “como começou a praticar a modalidade?”.

GRÁFICO 12 - COMO COMEÇOU A PRATICAR ESSA (S) MODALIDADE (S)? (se for o caso marque mais que uma opção)



³⁶ Não usarei o termo apadrinhamento para ser fidedigna aos relatos sobre a relação que os escaladores estabelecem com seus pupilos. Entre este grupo se pergunta quem é o pai ou mãe na escalada, em referência a quem os ensinou ou incentivou a ir à montanha.

Pelas informações contidas no gráfico acima é possível verificar o indicativo da relevância do convite de amigos (50,49%) para vivência no montanhismo. Pelos trechos das entrevistas abaixo é possível perceber como estes enlaces acontecem:

Isso foi uma história que começou ao longo dos anos, foi natural, aqui no estado tem isso. Quem te incentivou? Quem te arrastou pra montanha? Não necessariamente precisa ser por curso, ah foi fulano, então eu tenho muito filho por ai (Oswaldo Baldin, escalador, contando sobre como surgem às paternidades na escalada).

[...] eu comecei a escalar depois que o DuNada me adotou, eu comprei uma sapatilha e comecei a ir pra pedra da ilha. (Caio “Afeto”, escalador, em concordância com o trecho acima).

Segundo Costa (2009, p. 54) “[...] os praticantes das modalidades de esportes na natureza e na zona urbana, organizados em coletivos menores, ligam-se, eventualmente, por interesses comuns”. Além da necessidade em se ter o outro para a instrumentalização dos equipamentos de segurança,³⁷ o imperativo da socialidade³⁸ entre os atores garante ao grupo um convívio permeado por significações que remetem a seus interesses e condutas éticas.

A amizade com o outro é acima de tudo uma aproximação de crenças e valores e os sentimentos de proximidade revelam interesses e significações comuns na vivência de práticas de lazer. É também neste sentido que elas são tidas como diferenciadas em relação a relações de amizade suscitadas, por exemplo, no ambiente de trabalho ou a partir dos vínculos mais próximos ao círculo familiar. Trata-se de tipos de relacionamentos menos institucionalizados e burocratizados, uma vez que, em certa medida, tendem a fugir da rigidez dos vínculos orgânicos tradicionais, quer eles sejam vinculados ao trabalho, a religião ou façam referência às metáforas familiares (MONTEIRO, 2003, p. 8).

Se, de um lado, alguns indivíduos são convidados por amigos a experimentar a atividade, é evidente, inclusive por minha experiência como aluna do curso de escalada,

³⁷ Para se escalar uma via é necessário que um outro escalador forneça o “seg” para quem esta na rocha. Seg é a expressão utilizada para segurança, o individuo que dá o “seg” ao companheiro garante por meio dos equipamentos de segurança que o mesmo fique com a corda retesada no caso de uma queda, por exemplo, o que impediria o acidente por queda livre.

³⁸ Azevedo (2010, p. 54) compreende a socialidade como as “[...] relações sociais cotidianas que permitem, a partir de comunicação multi-direcional, formar grupos com interesses semelhantes”.

que muitas dessas redes de relacionamento fluem a partir da contratação de serviços especializados, aqui pontuados principalmente pelos cursos de escalada ou pela contratação de guias para incursões pontuais para se praticar o rapel,³⁹ por exemplo.

Brinca-se de sobreviver, mas sem angústia, sem tensões, e por poucos dias, com todo o apoio de especialistas (LE BRETON, 2009, p. 93). Na fala de um desses prestadores de serviços, que também é escalador, é possível perceber sua concepção acerca do serviço prestado: “Eu vendo realização de sonhos, esse é o meu produto, e a única coisa que me motiva a trabalhar com isso é a realização dos sonhos das pessoas” (Baldin, escalador e guia de turismo de aventura, 31 anos).

Estas práticas têm sido, de forma geral, fortemente incorporada pelo mercado esportivo e/ou turístico, este último especialmente em sua versão “ecológica” ou “de aventura”, passando assim a despeito de suas potencialidades e do discurso ecológico que as sustentam, a reproduzir acriticamente a lógica do consumo de massa, do espetáculo esportivo e da indústria do entretenimento, sobretudo nesta fase da modernidade (MONTEIRO, 2003, p. 4). No que cerne a essas considerações acerca do acesso inicial a essas atividades e, além dos convites por *brodagem*,⁴⁰ que no cenário desta pesquisa reflete a maioria desta iniciação ao montanhismo (50,49%), é possível verificar que a contratação de serviços (9,71%) e a realização de cursos (24,27%), como o de escalada, também são enaltecidos e, se somados (33,98%), figuram uma representativa porta de entrada para esses novos praticantes.

Além disso, algumas das respostas a essa pergunta foram descritas no campo “outros” e marcado entre as opções por significantes 15,53% dos respondentes. Neste campo destinado às apreciações de outras possibilidades, foram listadas as seguintes opiniões: “por vontade própria”, “sozinho”, “tá no sangue”, “com a família”, “buscando esportes radicais”, “com escoteiros” e “interesse individual de ir às montanhas”.

Assoladas por um sofisticado aparato de segurança, regulador do risco a que se submetem, essas práticas esportivas realizadas junto à natureza, em florestas, rios,

³⁹ É importante salientar que o rapel não é considerado uma modalidade do montanhismo, e sim, uma técnica vertical comumente utilizada por escaladores para descer das vias após a escalada.

⁴⁰ Termo utilizado pelos escaladores para referir-se a camaradagem, ajuda e incentivo para com os demais.

mares e montanhas, são marcadas por desenvolver um cuidado com o corpo, com a manutenção da aparência jovem, higiênica e da expressão de saúde e bem-estar. Tal postura, em interação com o ambiente, desencadeia no praticante uma percepção diferente do espaço e da natureza (COSTA, 2007, p. 221).

Interessante a exaltação das apropriações individuais, a vontade incontestável de ir às montanhas e a autonomia desses montanhistas. Fica claro que, para estes, é necessário dar voz ao âmago que os move. Sobre essas formas de argumentar o interesse por essas atividades, Le Breton (2009, p. 114) analisa que:

Certas atividades físicas ou esportivas se desenvolvem em uma procura apaixonada de emoções, de sensações de contatos físicos, alcançam momentos de intenso gozo, proporcionam um sentimento de fusão com o mundo. Porém, sem a sensação de risco que se corre, a prática não teria sabor nem essa repercussão sobre a vida pessoal.

Contudo, é preciso enfatizar que apesar do fator risco estar presente nessas atividades, ele está ancorado na perspectiva de um risco controlado, ou seja, em um série de cálculos racionais que remetem a prudência necessária para que se realize a atividade com segurança. Sendo assim, a hipótese de que o risco compreendia um dos principais motivadores para a escolha dos atores pela escalada foi derrubada. É possível verificar este cuidado na fala de muitos escaladores, entre eles a de Naoki Arima, que pondera:

Desde que eu comecei a escalar eu nunca associei a escalada ao risco, vou buscar o risco, a emoção do risco, a gente quer fazer a atividade, eu nunca busquei o perigo da coisa não. Acho que foi mais como uma atividade recreativa e física do que como exposição. Também não faço as coisas buscando o risco, a exposição do perigo, nunca foi pela busca do perigo, foi mais pela vontade de estar nos lugares mesmo.

Portanto, se há tribos que podem se interessar expressamente pelo risco arraigado as atividades de aventura e tê-lo como impulsionador de suas ações, também é preciso considerar a existência daquelas que tratam o risco como mais um elemento da atividade, um risco controlado e vivido a partir de procedimentos de segurança e que não corresponde a seu principal motivador. As ideias apresentadas por Le Breton (2009) enraizam o risco como promotor de sensações, como o “sabor” da prática, o que é contestado pela realidade dos grupos de montanhistas a que tive acesso, como é possível verificar nos trechos das entrevistas a seguir, onde estes atores demonstram extrema preocupação com a segurança:

[...] como escalador eu acho que já teve uma fase que já foi pior, que transmitia uma mensagem muito errada, que é da coisa da associação da escalada ao risco, e eu acho que não é bem o caminho. Acho que a escalada esta mais pra uma pratica desportiva, pra uma filosofia de vida, então eu diria que se tivesse que classificar pra um lado seria mais par ao religioso do que pra um lado de adrenalina, de emoção. Muitas pessoas falam que depende de como tu te insere no meio, de como as pessoas vão fazer as coisas em torno disso (Naoki Arima, maior conquistador de vias esportivas do ES).

[...] você precisa analisar os riscos, saber quem tá dando a sua segurança, analisar os equipamentos. Nunca vou pedir pra alguém que eu nunca vi pra me dar segurança, a gente tem que conseguir mensurar isso, porque qualquer coisa que acontecer não vai ser só pra uma pessoa, mas pra todo mundo que faz a atividade. Eu tenho medo de cair e isso me da certa segurança, porque se eu me machucar vou ter que ficar sem escalar (Lucíola Gomes, escaladora e associada da ACE).

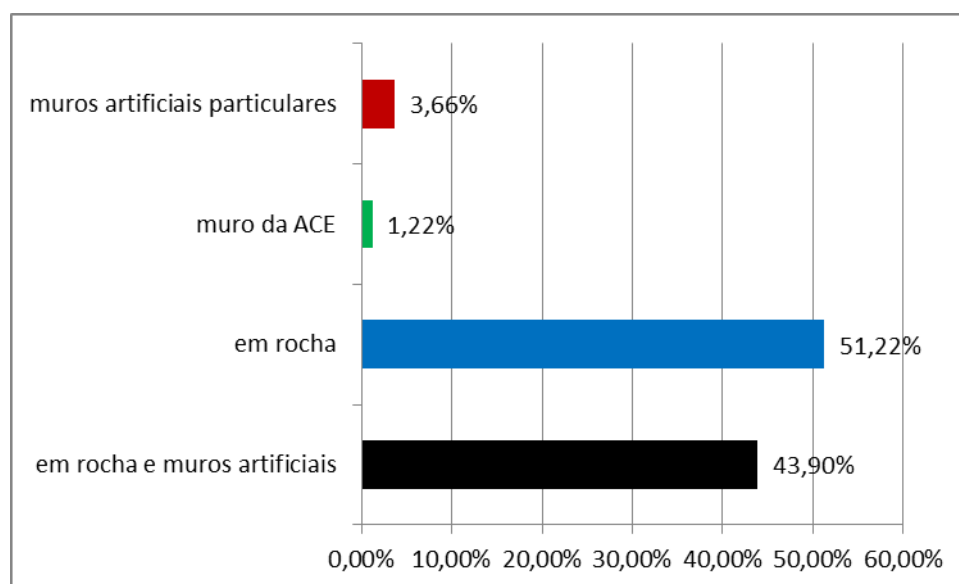
Em sua pesquisa com praticantes de vôo livre, Pimentel (2006) destaca que habilidades motoras especializadas e controle psicológico não são suficientes para o surgimento de afinidades entre os voadores. O autor pontua que o surgimento dessas afinidades também depende de aspectos como idade, local de residência, afinidades estéticas, tipos de equipamentos entre outros. No caso dos escaladores que participaram desta pesquisa, estes critérios que promovem as afinidades entre os praticantes também estavam presentes, principalmente no que cerne a formação e escolha de parceiros de escalada. Para Costa (2010, p. 265) “[...] além do risco, aspectos como habilidade, experiência e praticidade de manuseio também podem ser determinantes para o processo de coesão das comunidades que se formam neste contexto”. Contudo, “[...] é preciso estar bem para cuidar do outro, da mesma forma que eu sei – para além de uma lógica racional– que o outro precisa, portanto, estar bem para cuidar de mim. Logo, o estar-bem e o estar-junto são recíprocos (PIMENTEL, 2006, p. 67).

Apesar de o senso comum tratar esses indivíduos como “amantes do risco”, por vezes pude ouvir os escaladores refutando essa ideia por acreditarem ser esta uma visão superficial sobre suas práticas e que causam uma imagem negativa por conta desta interpretação. A partir dessas considerações buscarei aprofundar as análises sobre essas motivações e as possíveis limitações que permeiam esta vontade de estar na montanha, nas pedras e nos muros.

Dos motivos de se querer a montanha às diferentes limitações e apropriações de seus espaços: *escalaminhando*⁴¹

O gráfico a seguir apresenta as possibilidades de espaços de realização das modalidades de escalada no ES. As informações contidas muito dizem sobre a rotina dos espaços a que estes escaladores acessam durante seus momentos de prática. O estreitamento com essas rotinas será realizado nos capítulos II, III, IV e V, que tratarão sobre as incursões realizadas a ACE, a Ilha do Boi, o curso de escalada e ao Parque Estadual da Pedra Azul. Por ora, chamo a atenção para as preferências dos escaladores que frequentam os muros artificiais e as rochas.

GRÁFICO 13 - ONDE COSTUMA PRATICAR ESCALADA?



Como nem sempre é possível estar nas montanhas, à modalidade *indoor* favorece os escaladores que priorizam uma rotina de treinos como forma de desenvolver as habilidades específicas e resistências requeridas nas escaladas em paredes rochosas. O relato de José Márcio Dorigueto, presidente da ACE, ilustra essa questão:

Eu prefiro as vias tradicionais, com mais de um dia de escalada, eu gosto de dormir na rocha, inclusive eu frequento o muro pra manter meu nível, mas o meu negocio é pra que quando eu chegar em uma montanha eu não passar tanto aperto, é um treino (Zé Márcio, escalador).

⁴¹ Termo utilizado pelos montanhistas para referenciar momentos em que se precisa alternar a escalada e a caminhada.

A escalada *indoor* requer a instalação de muros/paredes com agarras artificiais em locais como ginásios, casas, clubes ou nas próprias instituições de escalada, como no caso do “Muro de Fátima”, localizado na sede da ACE. A divisão das modalidades do montanhismo não significa, para os praticantes, a escolha por uma única atividade. Como é visto nos relatos desses escaladores sobre esse tema:

Eu acho que as pessoas fazem um pouco de tudo ate encontrarem a preferência, e misturam muito também. Porque a via esportiva é menos exposta, os grampos são mais próximos, mas as vias são mais difíceis e na tradicional tem uma exposição maior porque os grampos são mais longos, mas em compensação as paredes são mais positivas. [...] Mas tem aqueles que escolhem, eu sou um que não quero escolher, eu gosto das duas modalidades (Roney DuNada, escalador).

[...] eu na minha historia de 18 anos nunca consegui me identificar com só uma modalidade, o que aconteceu, eu tive fases de dedicação, passei dois anos fazendo só Boulder, depois esportiva. [...] Hoje eu me dedico a abrir vias tradicionais no ES e fazer escaladas de grandes paredes, big wall (Baldin, escalador).

A visão dos escaladores entrevistados, que frequentam ou já frequentaram a ACE, a Ilha do Boi e outros campos escola no ES, coaduna com os dados apresentados no gráfico acima:

Então essa galera não vai pro cume vai pela via, pela dificuldade e a tradicional visa o cume, as vezes se fica o dia inteiro na montanha...aqui no Estado não tem muito a historia do indoor...aqui é mais pra treino mesmo...e quem tinha indoor em casa trouxe pra ACE pra fazer um muro só...mas em SP por exemplo tem gente que curte só indoor...agarra colorida...mas é bem diferente na pedra. (Redi, escalador)

Outras pesquisas, como a de Marinho (2007, p. 322), analisam as relações que se estabelecem a partir desses locais de prática:

[...] O GEEU, assim como outros grupos de escalada urbana que se formam, a cada dia, faz parte de um movimento de resistência frente ao processo de racionalização e à desordem das cidades, manifestando inovação e criatividade, preservando e promovendo a sociabilidade, como reação ao individualismo. Os membros do grupo se organizam, tentando conciliar estudos, escaladas e todas as atividades diárias, mantendo relações afetivas e dando sentido ao muro - lugar comum entre eles. Isso os diferencia e os torna singulares.

A relação entre os espaços e os objetivos desses atores em frequentá-los são permeados de representações. O muro e a rocha tornam-se, durante a rotina semanal, os *point's* de escalada em meio ao que é possível realizar entre o trabalho e o descanso, no tempo que lhes resta espremido entre as obrigações.

A aventura, nos muros artificiais de escalada, não se liga ao desconhecido e ao perigo; contrariamente a isso, é vivida com base nos acontecimentos anteriores e posteriores à atividade, ou seja, a um estudo do que é possível se realizar em cada investida; seus limites são determinados com referência a eles, sob segurança calculada e completamente integrado ao cotidiano de tarefas, deveres e trabalhos dos escaladores. A experimentação lúdica do corpo, em suas formas genuínas, é bastante perceptível no muro, vivendo-se, com isso, novas emoções, dando diferente conotação às possibilidades de risco e perigo (praticamente inexistentes) e às sensações de prazer e medo (MARINHO, 2007, p. 322).

É possível afirmar que o traço mais marcante de cada tribo de escaladores é definido pela modalidade a qual se tem maior vontade de escalar, isso pode ser visto nas falas dos atores, que apesar de serem contra qualquer tipo de segregação por conta de estilos admitem que as falas sobre as preferências estão presentes em todos os momentos dentro dos grupos, propiciando trocas e aproximações:

Eu acho que as pessoas fazem um pouco de tudo ate encontrarem a preferencia, e misturam muito também, porque a via esportiva é menos exposta, os grampos são mais próximos, mas as vias são mais difíceis e na tradicional tem uma exposição maior porque os grampos são mais longo, mas em compensação as paredes são mais positivas (DuNada, escalador).

[...] é um trabalho nosso nas reuniões de ACE de trabalhar essa questão de não haver divisão entre grupo daqui e grupo de lá, a gente não quer que exista isso, não tem motivo, sei que tem preferencia de modalidade mas a ideia é que aqui fique conhecido como uma sede de escaladores onde tem um muro de escalada, então a gente faz noites culturais, de confraternização (Lucíola Gomes, escaladora).

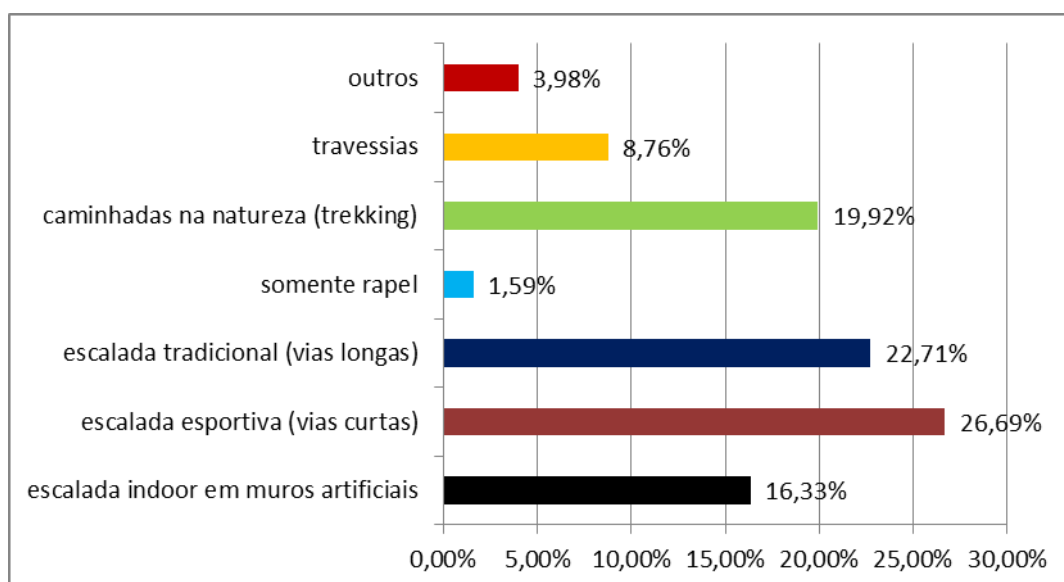
Eu prefiro as vias tradicionais, com mais de um dia de escalada, eu gosto de dormir na rocha, inclusive eu frequento o muro pra manter meu nível, mas o meu negocio é pra que quando eu chegar em uma montanha eu não passar tanto aperto, é um treino (Zé Márcio, escalador).

Sobre estes espaços de relacionamento virtuais que operam na continuação dos sentidos vivenciados na prática, Machado (2012) cita a expressão “pedaço virtual”, conceituada por Magnani (1984), para retratar como os skatistas estabelecem seus vínculos após e durante os momentos de campeonatos. Segundo o autor, a principal característica do pedaço virtual é o predomínio da comunicação por escrito, em contraposição às diversas

formas de comunicação verbal e não verbal que ocorrem nos pedaços físicos (MACHADO, 2012, p. 75). Ainda nesse contexto, os sites de associações, federações e confederações⁴² das modalidades fomentam um enquadramento específico de interesses bem como viabilizam aos seus associados a participação e integração que almejam. Este interesse em participar de grupos organizados relacionados a interesses específicos pode ser verificado nas respostas a questão 13 desta pesquisa, onde 91,46% dos indivíduos afirmaram que participam ou estão cadastrados em alguma instituição/entidade de escalada/montanhismo.

Sendo assim, não somente nos espaços físicos ocorre a divulgação dessas modalidades; as teias virtuais entre os praticantes, bem como a busca de informações sobre as modalidades desenvolvidas, também são lócus. Quanto a essas duas “variáveis”, pontua-se a importância dos vetores de comunicação virtual, como *blogs* e *sites* sobre montanhismo, que permeiam tanto a troca de percepções sobre a atividade, quanto o armazenamento dessas informações e conhecimentos entre os interessados. Para ampliar a discussão sobre os dados acerca das modalidades desenvolvidas pelos montanhistas do ES, passemos a apreciação das questões do questionário que tratam dessas opções.

GRÁFICO 14 – QUAL TIPO DE PRÁTICA RELACIONADA AO MONTANHISMO VOCÊ DESENVOLVE? (marque mais de uma opção caso necessário)



⁴² Veja como exemplos a Associação Capixaba de Escalada, a Federação de Montanhismo e Escalada no RJ e a Confederação Brasileira de Montanhismo e Escalada, respectivamente.

A possibilidade do desenvolvimento de mais de uma modalidade relacionada ao montanhismo é pontuada pelos participantes desta pesquisa como ponto positivo ao desenvolvimento do grupo e relaciona-se com a vocação territorial do ES para estas práticas. Pela impressão dos escaladores entrevistados, o fato de estar na montanha desenvolvendo alguma atividade não pode ser subjugado pela escolha determinante de por uma única modalidade:

Dentro da escalada tem as modalidades da escalada, Boulder, esportiva, tradicional e big wall...tem, gente que fica a vida inteira fazendo a mesma modalidade...tem pessoas que se identificam e tem pessoas que tao ali e aqui...entao quando eu comecei o lance era trepar na pedra...se tivesse que pisar no grampo pisava ate...nao tinha muita noção, o negocio era chgar em cima...eu na minha historia de 18 anos nunca consegui me identificar com so uma modalidade (Baldin, 31 anos, escalador e guia de turismo de aventura).

Eu comecei, mas não terminei um curso, eu mesmo não me considero muito um escalador, no RJ a gente faz muito essa distinção, entre montanhista e escalador, mas eu prefiro ir por trilha...nunca foi meu sonho fazer escalada e sim estar na montanha (Redi, montanhista, 37 anos).

Portanto, as opções que compõem este gráfico foram pensadas a partir das observações realizadas durante a etnopesquisa sobre as atividades desenvolvidas pelos atores e com referência a bibliografias que tratam das modalidades relacionadas ao montanhismo e a escalada. Sendo assim, se relacionarmos esses percentuais aos relatos e observações de campo, pode-se deixar de lado o apontamento de preferências que limitem a prática e exaltar o interesse desses indivíduos em aventurar-se nas diferentes modalidades. A fala de um escalador pode ajudar no argumento dessa afirmação:

Tem uma frase de um escalador muito experiente que diz que o melhor escalador é aquele que escala bem tudo e que consegue levar o que sabe de uma modalidade para outra, e dessa forma faz um ganho para o esporte (Naoki Arima).

Esta alternância intensa, vivenciada pelos montanhistas do ES, também decorre da variedade de formações rochosas do Estado, que possibilitam a conquista, a chegada ao cume, a travessia e o encadenar de diferentes vias. O escalador gaúcho Naoki Arima, que mora no ES desde 2007, estabelece relações acerca do que é possível vivenciar de acordo com a localidade onde se reside:

É o que eu mais pratico (esportiva), é muito da escola da onde tu vem. No RS, por exemplo, a escalada esportiva é mais desenvolvida porque não tem

montanhas grandes como tem aqui. La não é que as pessoas não queiram fazer a tradicional, é que não tem lugar mesmo. É igual o cara que chega e diz que pratica esqui no Brasil (risos) não tem neve aqui, então fica difícil né! A escola daqui tem mais montanhas, por isso a inserção de modalidades diferentes no ES (Naoki Arima abriu a maior parte das vias esportivas do ES).

Havia, antes da aplicação do questionário, a hipótese da prevalência da participação de escaladores e trilheiros⁴³ em decorrência das questões terem sido remetidas pelos canais de comunicação ligados a ACE, entre eles, redes sociais e lista de *e-mails* dos filiados a associação. A hipótese foi confirmada quando se verificou a pequena quantidade de indivíduos que afirmam praticar somente o rapel (1,59%). Este é um indicativo que se fortalece pelas diversas alusões dos escaladores, durante minhas incursões etnográficas, em não considerar o rapel como uma modalidade do montanhismo, mas, sim, uma técnica de descida da escalada. Baldin, instrutor de escalada que já formou mais de 500 escaladores no ES, ratifica este argumento por meio de seu relato sobre a história do rapel:

Como desescalar é muito mais difícil que escalar, eles solavam a montanha e desciam por trás, só que algumas não tinham como descer por trás e eles queriam escalar de qualquer jeito. Então tiveram a ideia de bater uns pinos, amarrar a corda na cintura e ao chegar ao topo passaram um grampo, jogavam a corda e rapelavam de 50 em 50 metros que era a metragem da corda. Então a palavra rapel vem do francês *rapeler* que significa recuperar a corda (Oswaldo Baldin, escalador).

A explicação de Baldin sobre o rapel está de acordo com os trabalhos acadêmicos de Pereira (2008) e Nazari (2007). Como não se trata de um esporte e, sim, uma técnica e/ou atividade de aventura, ou seja, não é institucionalizado, não tem regras definidas nem competições específicas, sua prática se restringe a estudos, prazer, resgates e trabalhos em alturas e outros. É bastante difundido em corridas de aventura, sendo uma das modalidades físicas praticadas nesse tipo de competição. O rapel é um termo que vem do francês "rapel", que significa "chamar" ou "recuperar", para designar uma técnica do montanhismo (NAZARI, 2007, p. 2).

É importante salientar que, uma vez o indivíduo tendo aderido à escalada, em suas dimensões mais amplas, acredita-se que não haveria mais contentamento em realizar somente o rapel. Redi, escalador e conselheiro da ACE, reforça este argumento em sua fala:

⁴³ Montanhistas que realizam trilhas, trekking e travessias.

Agora quando você tá escalando e vai ter que fazer rapel, enjoa! Porque imagina você tá com uma corda de 50m, tem que dividir ela em duas de 25m, pra ter que descer uma parede de 150 metros, vai ter que fazer muito rapel! Enjoa! Mas tem muita gente que começa pelo rapel porque é mais fácil. Mas o cara que escala geralmente para de fazer só rapel. Tem muita piada sobre rapeleiro, sobre o escalador de agarra colorida, mas é tudo brincadeira, a gente pilha igual piada de loira (Redi, escalador).

Contudo, é comum verificar a incidência dessa técnica como uma prática fora do contexto da escalada; basta verificar a quantidade de empresas que o ofertam como produto de roteiros de turismo de aventura, assim como as caminhadas ecológicas e excursões de ecoturismo estabelecem seu espaço neste mercado. Fragmentadas ou não, há de se enfatizar que, por vezes, essas vivências pontuais são a porta de entrada para que os indivíduos interessados em atividades de aventura se aproximem de outras modalidades.

Seguindo as análises sobre esses dados, dentre os 3,98% que descreveram no campo destinado a “outros”, listam-se as seguintes atividades: *mountanbike*, cachoeirismo,⁴⁴ *boulder* e *big wall*. Outra pesquisa que também identificou as preferências dos montanhistas quanto as modalidades foi a de Dias (2009), que relata que 21% dos montanhistas do RJ que participaram da “Abertura da Temporada de Montanhismo” preferem a escalada com agarras, seguidos por 17% que preferem as fendas e 17% as aderências, 14% as chaminés e 13% os *boulders*.⁴⁵

Por esta pesquisa ter sido remetida aos associados da ACE, não era esperado a participação de um número expressivo de praticantes de outras modalidades, como a *mountanbike*. Ainda assim essa indicação é relevante para contextualizar a questão da apropriação dos espaços de montanha por praticantes de diversas atividades. Em Estados como o Rio de Janeiro, essas apropriações podem ser verificadas durante o evento da abertura da temporada de montanha, como revela um dos entrevistados:

Quando a gente tem abertura de montanha no RJ a gente vê bem isso. São varias galeras, escaladores, trilheiros, gente da *bike* e a montanha tem espaço pra todo mundo, a montanha é um sistema diverso e isso reflete nas pessoas (Redi, escalador).

⁴⁴ Rapel realizado em cachoeiras.

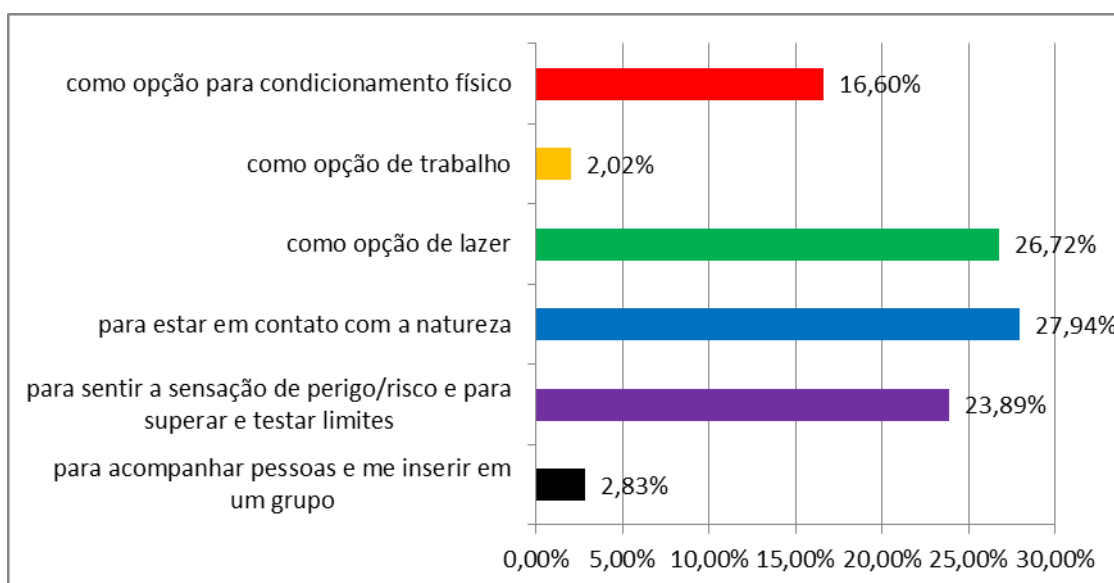
⁴⁵ As caracterizações destes tipos de escalada estão disponíveis no glossário.

O que se pode afirmar é que, independente da modalidade, o desejo de estar na montanha é motivado por várias razões. Pela apresentação desta questão, 16.60% dos participantes vinculou o desenvolvimento do condicionamento físico como fator motivacional a prática. Souza et al. (2011) também apresenta análises sobre esta indicação em sua pesquisa e discursa sobre os propósitos dos que vinculam esta ideia:

O benefício mais lembrado foi a saúde, tendo os praticantes se referido de forma parcial (mental ou física) ou global. Aparece ser paradoxal que as atividades de aventura, conhecidas pelo risco de acidentes, sejam vistas como promotoras de melhora na saúde ou na qualidade de vida (categorias de significados diferentes, equiparadas nas representações coletivas). Essas representações sugerem inclusive ser razoável a colocação de Amaral (2005) a respeito de um movimento mercantil no turismo de aventura, vendendo a adrenalina como uma espécie de fármaco natural. O sucesso dessa fórmula reside na percepção de praticantes que o estresse agudo da aventura suspende temporariamente o estresse cotidiano.

Nos relatos sobre as motivações acerca do se querer estar na montanha, ouvi de várias pessoas a mesma menção: “para estar em contato com a natureza”. Porém, este é somente um dos motivos que instiga os indivíduos à prática dessas atividades; além deles, podemos mencionar: a sensação de perigo, a inserção em grupos e a superação de limites; os dados sobre estas opções estão descritas no gráfico a seguir.

GRÁFICO 15- PORQUE ESCOLHEU PRATICAR ESSA MODALIDADE? (se for o caso marque mais que uma opção)



As opções mais pontuadas pelos respondentes referem-se ao lazer (26,72%), a natureza (27,94%) e a sensação de risco (23,89%). Estes dados sugerem uma tríade de referências amplamente debatida por autores que desenvolvem pesquisas relacionadas às atividades de aventura.

Um comentário que ajuda a analisar os dados apontados no gráfico pode ser visto a seguir; quando perguntado sobre o porquê do seu desejo de estar na montanha, o entrevistado reflete sobre o contato com a natureza e o estilo de vida

É, contato com a natureza com certeza, viver nas montanhas, é uma grande coisa, é um estilo de vida que a pessoa tenta sair um pouco só sistema, tem uma coisa meio do ser alternativo, então você acaba meio que tentando sair de todo o sistema que existe. As pessoas que realmente levam isso ao pé da letra tentam meio que se afastar da sociedade e levar uma vida paralela. (Naoki Arima, escalador, 34 anos)

Para Campagna (2006, p. 214), “[...] nas discussões cotidianas, a (re) descoberta da natureza e o (re) conhecimento do homem como ser dotado de natureza própria e integrante/integrado a essa mesma natureza, também suscitam muitas reflexões na atualidade dos mais diferentes campos de conhecimento humano”.

É neste sentido que considero possível entender o lazer, particularmente as práticas corporais vivenciadas na natureza, como campo de experiências humanas privilegiadas junto aos processos de constituição de subjetividades, já que, ao potencializar os aspectos anteriormente destacados, oferece uma rica possibilidade de exercitar e intensificar uma relação renovada consigo próprio, com a cultura e com a alteridade, aí incluídos os outros seres humanos e os demais seres e elementos do planeta (MONTEIRO, 2003, p. 5). A própria noção de quem seja o aventureiro recreativo, reforça a leitura supramencionada, bem como abre perspectivas de análise. Na pesquisa realizada por Souza et al. (2011, p. 345):

Segundo os sujeitos, as características mais marcantes dos praticantes de esportes de aventura são: possuir recursos econômicos (17,01%), condicionamento físico (14,93%), estar entediado com a rotina (15,62%), ser turista, estar em férias (12,84%), personalidade desequilibrada (9,72%) e gostar do contato com a natureza (3,12%). Se forem enfocados os respondentes, vê-se que a associação das práticas de aventura com a relação homem-natureza é fraca nas representações sociais.

Os achados do autor acima citado contrariam outros estudos que mostram como a aventura esportiva evoca a natureza. Porém, em geral, a exemplo do trabalho de Dias e Alves Júnior (2007), na cidade do Rio de Janeiro, as pesquisas que apontaram para a relação aventura e natureza analisaram participantes reais e em locais privilegiados com recursos como mar, montanha, florestas e cachoeiras. Souza et al (2011, p. 345) pontua que seu estudo englobou atores não-praticantes e em uma região com poucos atrativos naturais. Logo, vale suspeitar que, no senso-comum de quem está fora do ‘meio’ de praticantes, não existe uma relação *a priori* entre ser aventureiro e a busca pela natureza. No somatório das práticas,⁴⁶ obteve-se a seguinte ordem decrescente de benefícios: Mais saúde/qualidade de vida; Sair da rotina; Emoções fortes; Rejuvenescer/estar sempre jovem; Contato com a natureza; Motivações compensatórias; e Espiritualidade (SOUZA et al., 2011, p. 346).

Contudo, as evidências que relacionam a importância que os respondentes desta pesquisa dão ao contato com a natureza durante suas atividades também podem ser verificadas pelo apontamento dos 51,22% que preferem realizar suas atividades na rocha a locais artificiais, como foi visualizado, anteriormente, no gráfico 13.

Esta natureza a que se tem acesso nestes momentos, por vezes, faz parte do cenário urbano e, por vezes, é encontrada em reservas ou áreas mais distantes dos centros das cidades onde vivem; contudo, o que demonstram os dados quantitativos e as falas dos atores é que o contato com o natural, com a pedra, com a montanha, quando não se faz frequente no cotidiano dos praticantes, se faz objeto de desejo dos mesmos. Essa aventura motriz, no meio selvagem, não se apresenta somente como uma prática física, mas se manifesta como um exercício da vontade do sujeito que a vivencia, de sua imaginação, da razão e do sacrifício para chegar ao objetivo primordial: o êxtase. O êxtase de seu próprio reencontro (COSTA, 2007, p. 224).

Na sequência sobre esta questão é o quantitativo de 23.89% de praticantes que revelam o interesse pela sensação de perigo/risco. Esta opção está entre as mais vinculadas; porém, na contraposição desta ideia, alguns escaladores apresentam suas falas sobre à motivação pelo risco:

⁴⁶ O autor refere-se a práticas de atividades de aventura como escalada, *rafting*, rapel, skate, entre outros.

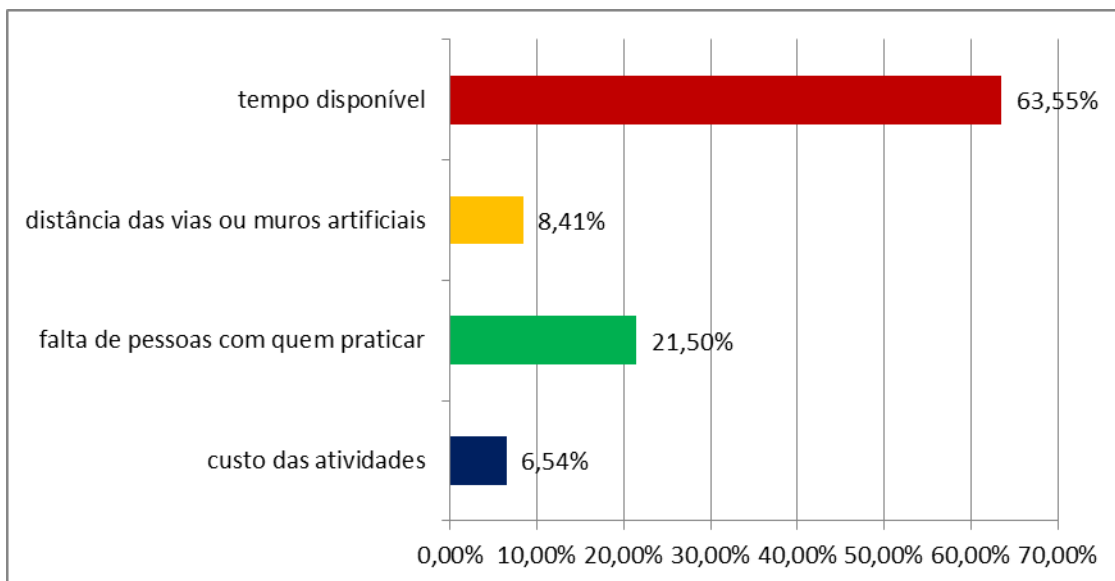
Eu não sei se o risco é a porta de entrada, tem gente que gosta, a pessoa que pratica o esporte tem que ser propensa a conviver e a gostar do risco, senão ela nem procura esse esporte por causa do medo (Naoki Arima, escalador, 34 anos).

Acho que tem um pouco de tudo, algumas pessoas buscam o esporte atrás do risco e depois descobrem que o esporte não é bem aquilo de extrema exposição. Esse negocio do risco, você vê que é controlado, que as exposições são em busca do controle, e outras buscam o contato com a natureza...subir montanhas, que eu acho que é uma coisa natural do ser humano. (Redi, escalador, 37 anos).

A ideia de risco apresentado por estes escaladores ajuda a construção de que este risco seria calculado com base nas possibilidades de se investir na via, na rocha. Para os atores, este risco estaria inerente a atividade, mas é justificado pela capacidade do praticante de verificá-lo. Explodem no risco, de maneira fictícia, riscos que são provocados, calculados e que contribuem para a alta demanda na procura por essas aventuras imaginárias (COSTA; TUBINO, 2006; TAHARA, 2006).

Para Le Breton (1996), o desejo da aventura marca o inacabado da condição humana; esta aspiração para desejar o que não existe ainda, para responder aos pensamentos de fuga em que se deseja ser outro diferente de si. Em referência aos dados apresentados no gráfico 15, as práticas desenvolvidas foram escolhidas com enfoques relacionados ao tempo de lazer em contato com a natureza (maiores percentuais), para superar/testar limites e como opção de atividade física. Estas motivações, quando analisadas junto aos dados do gráfico 16, permitem afirmar que os fatores de motivação têm estrita relação com os fatores que podem limitar esses atores a escalar. Basta reportar-se ao significativo percentual de 63,55% dos respondentes, que indica a falta de tempo disponível como fator limitante à prática e que, mesmo em face desta limitação, tem no montanhismo sua opção de lazer e condicionamento físico.

GRÁFICO 16- QUAIS FATORES LIMITAM VOCÊ A PRATICAR MONTANHISMO/ESCALADA?



Sobre esta falta de tempo e esforço para a disponibilização do mesmo para a prática, Costa (2007, p. 227) apresenta a ideia de que “[...] por se conduzir fora da rotina ou de caminhos domesticados, ela exige uma via clandestina, marginal, noturna, imprevisível, notadamente perigosa e atraente. A exaltação que ela suscita dá ao aventureiro uma consciência excitada de existir”.

Os dados apresentados até aqui foram coletados durante 4 meses por meio da disponibilização de um *link* com o questionário remetido via *e-mail* para a lista de associados da ACE. No mês do envio, a ACE contava com 384 indivíduos cadastrados em seu sistema. A significância desses resultados é notada pelas participações dos 81 atores e não pelas omissões dos demais, apesar das mesmas também fomentarem indicativos. Contudo, confere-se aos montanhistas que se reportaram a esta pesquisa o interesse em se perceber como sujeitos mediadores da contextualização do grupo ao qual pertencem. A intencionalidade de apresentar indicações e análises que possibilitassem o delinear do perfil dos montanhistas do ES foi alcançada; porém, é importante suprimir qualquer menção à inflexibilidade de análise desses achados. Em suma, buscou-se elucidar a trajetória dos atores que, à revelia das limitações, escolheram a montanha como *locus* para suas práticas.

Por fim, o cenário a que pude imergir revela traços únicos quanto a sua organização se comparado a outros Estados brasileiros, que também vinculam pessoas que praticam a

escalada. No ES, a ACE exerce, enquanto instituição, uma função de mediadora da socialidade entre os praticantes de forma que em outros locais essa transmissão de condutas é realizada por mais de uma entidade, como relatado pelo escalador Naoki Arima e Redi, que vivenciaram a escalada em suas cidades natal, Rio Grande do Sul (RS) e Rio de Janeiro (RJ), respectivamente, antes de alocarem-se no ES.

Bem lá (RS) é muito grande, então tem várias instituições que não são tão integradas, apesar de que existe uma federação. Já aqui no ES a ACE responde por cerca de 90% das ações relativas à escalada no ES (Naoki).

Quando a gente tem abertura de montanha no RJ a gente vê bem isso, são varias galeras, escaladores, trilheiros, gente da bike e a montanha tem espaço pra todo mundo, a montanha é um sistema diverso e isso reflete nas pessoas, e isso reflete nas pessoas. Aqui a gente se juntou mais porque não tem muita opção, tem muita região que foi desmatada, é mais complicado porque tem muitos parques que tem proibições de passagem livre, o que restringe a gente estar por lá, a ace vem fazendo um trabalho contra isso. No RJ a maioria dos parque é gerenciada por montanhistas, por gente que sabe da atividade e não somente pelo IBAMA, antes do IBAMA, era o IBF.

Com base nestas primeiras constatações, será possível aprofundar-se neste emaranhado de identificações a que tive acesso durante as observações participantes, tema dos próximos capítulos. Nele, a ACE e outros campos foram os cenários para as experiências obtidas e para a elucidação de outras duas questões: como acontecem as condutas sociais desses escaladores e de que maneira eles verificam suas relações com a natureza e o risco a partir de suas práticas?

CAPÍTULO II

Este capítulo tem por objetivo apresentar e fomentar análises acerca dos locais onde foram realizadas as incursões para esta pesquisa. Argumento desde já que as particularidades dos momentos vivenciados durante o período que estive na ACE, na Pedra da Ilha do Boi, no Curso de Escalada e no Parque Estadual Pedra Azul serão apresentadas conforme a perspectiva em que foram observadas e sentidas por mim, ora como observadora participante, ora como participante observadora.

Digo isto para enfatizar que estes campos foram cenários de diferentes sensações e observações e que, neste contexto a percepção descritiva a que proponho a escrita desta pesquisa etnográfica está arraigada às características de cada um desses locais, das pessoas a quem tive a oportunidade de conviver e as situações que experimentei.

É importante ponderar que as incursões à ACE e a Ilha do Boi ocorreram no mesmo período – entre dezembro de 2012 e fevereiro de 2013, de forma que houve alternância de dias em que estive na Associação (as segundas, quartas e sextas-feiras) e na Ilha do Boi (terças e quintas feiras). O motivo desta organização se deu pelo fato dos encontros na Ilha do Boi serem constantes nos dois dias da semana supracitados e pela constatação de que a maior frequência de pessoas na ACE acontecia às segundas e quartas feiras. Contudo, para verificação desta rotina, também realizei algumas visitas a Ilha do Boi em outros dias da semana, bem como fui a ACE em uma terça e quinta feira. Na sequência, ainda será apresentado o curso de escalada que realizei junto a empresa de Baldin, “Planeta Vertical”, e as 3 incursões realizadas a Pedra Azul. Os detalhes destes momentos e as análises fomentadas a partir destas convivências podem ser acompanhados a seguir na descrição de cada um desses campos.

Incursão etnográfica à Associação Capixaba de Escalada (ACE)

1ª incursão: primeiros contatos ao vivo⁴⁷

⁴⁷ Diário de Campo do dia 17/12/2012, segunda-feira.

Havia estabelecido contato por telefone com Zé Márcio para saber se poderia ir a ACE para conversarmos um pouco sobre escalada, sobre a associação e sua rotina. Cheguei à sede da associação por volta das 19h30min horas e havia algumas pessoas próximas ao muro; cerca de três revezavam-se na escalada enquanto outras duas observavam atentas a seus movimentos. Zé Márcio e DuNada⁴⁸ consertavam um ventilador de parede. Aproximei-me dos dois e perguntei a Zé Márcio se poderíamos conversar sobre a rotina da ACE; ele consentiu e convidou DuNada, que também é conselheiro,⁴⁹ a participar. Esclareci que minha intenção era realizar uma pesquisa sobre a escalada e o montanhismo no ES e que a ACE seria meu ponto de partida; pedi a eles que me disponibilizassem o maior número de informações sobre a associação que pudessem.

Segundo os relatos dos conselheiros, a associação foi criada em abril de 2003 e é tida como órgão sem fins lucrativos que representa os escaladores e montanhistas do ES. Sua sede é localizada no bairro de Fátima, no município de Serra e é um espaço destinado ao encontro dos escaladores e montanhistas de todo o Estado que queiram participar das reuniões de demandas administrativas e sociais, ou praticar escalada *indoor* no muro localizado dentro do galpão da sede, que foi batizado com o nome do bairro: “Muro de Fátima”.

Foi relatado pelos presentes que a chegada de um novo membro ou pessoa interessada nas atividades da ACE é, na maioria das vezes, realizada por meio do convite de um escalador frequentador do “Muro de Fátima” ou por pessoas que desejam escalar e encontram informações sobre a instituição pela *internet*. Para escalar, o indivíduo paga uma diária de 15 reais ou uma mensalidade de 100 reais. Às quartas-feiras há uma programação especial para as pessoas trazidas por associados para conhecer o Muro; neste dia não é necessário pagar diária para escalar.

Sobre isto, é importante informar que a ACE segue um calendário semanal de atividades e é aberta somente à noite, das 18 às 22hs, de segunda a sexta-feira, por monitores

⁴⁸Já conhecia DuNada. Ele organizará, por um tempo, excursões à frente do Grupo de Turismo de Aventura denominado “Escaladores” e eu havia participado de expedições ao Pico da Bandeira/ES e do rapel na Cachoeira de Matilde/ES.

⁴⁹A ACE conta com conselheiros que são tomados como lideranças para o desenvolvimento de atividades relacionadas a associação e seus interesses, como: manutenção de vias de escalada, administração dos recursos financeiros, organização de eventos, etc. Estes conselheiros são votados pelos demais associados e no geral são escaladores que frequentam a associação.

associados que são os responsáveis em fornecer os “betas” para os praticantes, pela manutenção do muro, pela recepção das pessoas e pela venda de alimentos e bebidas.

Outro fato que chamou a atenção é que as quartas feiras são reservadas a atividades sociais diferenciadas: a primeira quarta-feira do mês é dedicada à reunião mensal da ACE; neste dia, não há escalada no muro; a segunda quarta-feira do mês é dedicada a mostra de vídeos sobre montanhismo, confraternizações, entre outros; também não há escalada nesse dia; a terceira quarta-feira do mês é referenciada como uma noite livre, onde não se paga para escalar; foi uma estratégia discutida pelo conselho para que os escaladores levem visitantes para conhecer a associação. Por fim, a última quarta-feira do mês é disponibilizada ao escalador e proprietário da empresa “Planeta Vertical”, referência na escalada capixaba, Oswaldo Baldin, para o desenvolvimento do primeiro momento⁵⁰ do curso básico de escalada.

Quando perguntados sobre o motivo da disposição dos horários e dias, os conselheiros apontaram questões como: o impedimento de se frequentar o muro em outros horários por conta do emprego e a preferência de escalar ao ar livre nos fins de semana. Sobre a questão da preferência em se escalar ao ar livre, os dados encontrados na pesquisa quantitativa confirmam esta opção, pois somente 1,22% dos respondentes disseram escalar no muro da ACE e 3,66% somente em muros artificiais particulares.

Foi possível analisar que os muros instalados nas casas dos praticantes de escalada, e mesmo o muro da ACE, funcionam como recursos utilizados para estar em contato com a atividade e com outros escaladores, mesmo quando não se pode estar na rocha. Ainda assim, é importante salientar que, para os frequentadores da ACE, o Muro de Fátima não é o único motivo para ir a associação, pois a sede é considerada um local de socialização pelos escaladores como foi verificado na fala e nas ações dos sujeitos observados durante as incursões.

Estas ambiguidades foram marcantes nos grupos aos quais convivi. Na ACE, por exemplo, por vezes verifiquei a presença de pessoas que simplesmente sentavam-se nos bancos ou

⁵⁰ O curso de escalada ministrado pela empresa “Planeta Vertical” é composto por cinco momentos (cinco dias) onde os alunos do curso participam de aulas práticas e teóricas sobre escalada. O delinear do curso poderá ser percebido no próximo tópico sobre minha participação como aluna do curso básico de escalada.

no chão, próximos ao muro, para conversar com os colegas que escalavam, ou pessoas que passavam pela sede para cumprimentar os que ali estavam e depois de poucos minutos de conversa iam embora, assim como foi visto que alguns realizavam ambas as ações: conversavam, interagiam e escalavam. Sobre estas relações e atividades que permeiam a rotina dos que frequentam estes locais de escalada, Marinho e Brhuns (2001, p.43), em sua pesquisa sobre escalada urbana com os integrantes do muro *indoor* da UNICAMP, revela que:

Os ambientes artificiais de escalada, sejam eles superestruturados (construídos por empresas especializadas, como no caso dos ginásios anteriormente apresentados) ou mais simples (feitos manualmente, em paredes, pelos próprios interessados) apesar de possuírem diferenças, têm em comum a oportunidade oferecida: uma atividade que, tendo uma estética e comportamento próprios, torna-os importantes espaços urbanos para o encontro de pessoas (com os mais variados fins), permitindo a fruição dos corpos.

Estas foram as primeiras impressões do momento de convívio que tive na ACE; foram durante estas duas horas que desvelaram-se um pouco da privacidade e vestígios da rotina daqueles escaladores. Contudo, meu intuito com essa primeira visita não foi apresentar a pesquisa a todos que ali estavam, mas, sim, coletar alguns dados e percepções acerca do campo. Esta apresentação formal foi realizada no dia da reunião mensal da ACE a qual fui convidada a participar e esclarecer sobre a intencionalidade da pesquisa.

2ª incursão: reunião mensal da ACE⁵¹

A reunião foi iniciada às 19h30min e foi pedido para que eu falasse um pouco sobre as intenções da pesquisa e a metodologia, porque a mesma faria parte da ata de reunião. Nesse dia, estavam presentes sete pessoas filiadas a ACE. No decorrer da reunião, foi perceptível que aqueles sete participantes representavam papéis de destaque e representação perante os demais associados, apesar de nem todos fazerem parte do conselho da ACE.

Apresentei-me ao grupo que estava para a reunião: Redi, DuNada, Zé Márcio, Karapeba (Tiago), Sandro, Afeto (Caio) e Lucíola. O grupo era bem heterogêneo, com pessoas

⁵¹ Diário de campo do dia 09/01/2013, quarta feira.

que trabalham, não trabalham (segundo eles quem não trabalha escala mais), sérias, irreverentes (principalmente Afeto, o mais jovem do grupo).

Quando fui convidada por Zé Márcio a explicar as intenções da pesquisa, percebi que o grupo demonstrou interesse em saber como a mesma seria reportada aos demais montanhistas e que também seria uma boa oportunidade de coletar dados sobre os filiados da associação.

Ao falar sobre os instrumentos metodológicos, apresentei o esboço do questionário e pedi que eles dessem sugestões para perguntas. Zé Marcio perguntou diretamente como a ACE seria favorecida com a pesquisa e sugeriu que algumas perguntas fossem acrescentadas para que as respostas fornecessem um censo para a associação sobre os escaladores e montanhistas do Estado. As questões que foram propostas pelo grupo dizem respeito principalmente à prevenção de acidentes relacionados à escalada, entre elas: que tipos de via de escalada são de preferência dos escaladores; onde costumam escalar; se são filiados a associações de montanhismo, se têm cursos de primeiros socorros para situações específicas de escalada e se precisaram se afastar por acidentes durante escaladas.

Esclareci que, além do questionário, faria algumas entrevistas com membros que frequentemente fazem postagens sobre notícias e comunicados sobre a escalada via e-mail e que esse seria o critério para a escolha dos que comporiam o grupo de entrevistados; isto para garantir maior fidedignidade aos dados coletados quantitativamente.

A reunião seguiu com os temas colocados acerca da estrutura da sede, compra de materiais e prestação de contas das finanças do mês. Todos os pontos foram discutidos e as decisões tomadas precisavam ter a aprovação da maioria. A organização dos informes e ações era acompanhada por um clima informal, com brincadeiras que, por vezes, eram interrompidas para que se falasse sobre conquistas de novas vias, de forma que o linguajar técnico e informal era oscilante, e, apesar das reuniões serem guiadas pela pauta de demandas e pela construção de uma ata, o que se pôde perceber deste momento era a intimidade com que os indivíduos se tratavam e a seriedade com que discutiam os assuntos relevantes para o grupo. Esse equilíbrio entre a formalidade e a

informalidade é pautada pelas relações tecidas para o alcance dos interesses do grupo, em favor de sua prática e das condutas que a permeiam.

Ainda sobre isto, é importante analisar que esta socialidade, entendida por Azevedo (2010, p. 54) como as “[...] relações sociais cotidianas que permitem, a partir de comunicação multi-direcional, formar grupos com interesses semelhantes”, foi citada em todo momento durante as entrevistas com os escaladores, quando os mesmos faziam menção a sua iniciação na atividade, aos grupos que compõem seus interesses e também aos que não compõem.

O conceito de socialidade está intrinsecamente ligado a relações sociais cotidianas das quais é possível, por meio de comunicação multi-direcional, construir grupos relacionados a temas afins. Essa socialidade é “subterrânea”, por tentar fugir do controle político e da rigidez institucional. O que conta nesses grupos são os momentos de despesa improdutiva, de engajamentos efêmeros, de submissão da razão à emoção de viver o estar junto (MAFFESOLI, 1999, citado em AZEVEDO, 2010, p. 55).

Por fim, cabe uma consideração sobre a participação da única mulher na reunião, que por observação pode-se afirmar que é bem quista por todos os demais integrantes e tem voz ativa nas decisões do grupo, pois é uma das responsáveis pelas questões financeiras da ACE.

Na ocasião, também perguntei sobre outros locais onde os escaladores costumam se encontrar; foi neste dia que obtive a informação que a Pedra da Ilha do Boi é frequentada semanalmente, às 3ª e 5ª feiras, e que, dessa forma, também deveria compor a pesquisa de campo.

3ª incursão: os aparatos e equipamentos da ACE⁵²

O Bairro de Fátima⁵³ é conhecido por ficar nos limites entre a Capital Vitória e o município de Serra. A rua onde localizasse a associação é de fácil acesso e, apesar de

⁵²Diário de campo do dia 14/01/2013, segunda-feira.

⁵³ Bairro do Município de Serra onde localiza-se a ACE.

não ficar na avenida principal, o ponto de referência para quem deseja chegar a ACE é a praça ou a igreja católica do bairro.

A sede funciona em um galpão e tem em sua entrada um grande portão que permanece sempre fechado por questões de segurança, de forma que para se entrar na ACE há necessidade da abertura deste portão por um dos monitores que detêm a chave. Também é importante enfatizar que não há sinalizações chamativas informando sobre o funcionamento da ACE naquele local, existe apenas uma placa na entrada com o nome da associação. Ao perguntar a Zé Márcio sobre o porquê de o local ser pouco sinalizado, a resposta que obtive é que a ACE, apesar de estar regulamentada como associação, não tem permissão para funcionar como um centro de treinamento de escalada, pois se assim fosse os valores a serem pagos por este tipo de licença sobreporiam as condições financeiras da associação.

Desta forma, é necessário evitar que as pessoas da localidade vinculem a sede como um tipo de academia, motivo pelo qual a maior parte das pessoas que visitam a ACE pela primeira vez, segundo os conselheiros e alguns entrevistados, o faz por convite de associados ou buscam contato por *e-mail*.

Contudo, neste dia fui recebida pelos dois monitores que tomavam conta das atividades: Redi e Jô.⁵⁴ Já havia conhecido Redi no dia da reunião mensal da ACE e apresentei-me a Jô, que foi demonstrou simpatia em interesse em saber sobre os motivos da minha presença. Como foco de minhas observações e sem sobrepujar outros acontecimentos, pretendi dar maior atenção a caracterização do espaço físico da associação e como ele era utilizado pelos que ali estavam; o objetivo era a partir dessas observações perceber se haviam locais de preferência para se estar e formações diferenciadas de grupos para que, com base nas primeiras constatações, eu pudesse realizar comparações entre a rotina dos próximos dias.

⁵⁴ Depois que comecei a frequentar a Pedra da Ilha do Boi, percebi que estes dois escaladores tinham papéis de destaque em ambos os espaços de escalada. Na Ilha do Boi, prioritariamente eram os principais organizadores do espaço nos momentos de escalada, armando as proteções das vias, ajudando os que ali estavam por meio dos “betas”; em outras palavras, o espaço da Ilha era visivelmente comandado por eles.

Sendo assim, a partir do portão de entrada se tem acesso a um espaço onde se dispõem: um sofá e alguns bancos⁵⁵, algumas fotos de escaladores em rochas na parede, um quadro que dispunha a escala dos monitores durante a semana, um armário com revistas de montanhismo e escalada, outro armário com equipamentos de escalada, principalmente sapatilhas para empréstimo,⁵⁶ e dois vestiários.

A partir dos vestiários pode-se visualizar o espaço do muro de escalada. Disposto em ângulo negativo de 45°, o Muro de Fátima⁵⁷ tem agarras distribuídas por seus dois módulos, como se fossem duas paredes uma de frente para a outra, cada uma com extensão de 6,6 metros de largura por 3,5 metros de altura; a base é forrada com um grande colchão de alta densidade, necessário, para amortecer possíveis quedas dos escaladores⁵⁸. Neste espaço ainda foi possível identificar um computador e uma caixa de som e, aos fundos, um banheiro. Há uma imagem, o símbolo da ACE, desenhado em um das paredes de fundo, onde fica encostado um banco que recebe os que aguardam ou observam a escalada. A música que tocava no dia era do estilo rock metal internacional, percebi que, assim como nos outros dias, dava-se importância especial à trilha sonora. Sobre as pessoas que ocupavam estes espaços, segundo os monitores, a segunda feira é um dia de bom movimento no Muro de Fátima. Estavam escalando no muro um rapaz de 14 anos (frequentador assíduo) cujo apelido é Graveto⁵⁹ e Lucíola. Outras pessoas cuidavam da instalação de um ventilador, ato que foi discutido na última reunião. As falas jocosas entre as pessoas que estavam no local aconteciam a todo momento. Uma delas envolvendo mulheres, DuNada provocando Lucíola disse para ela desagarrar da parede para varrer o chão (que estava com poeira por causa da instalação do ventilador). Ela riu, e disse para eu anotar na pesquisa que os escaladores só não são machistas porque as mulheres não permitem (todos riram). Tudo acontecia simultaneamente: escalada, observação, conversas.

⁵⁵ Foi neste espaço que entrevistei Redi, aFeto, Zé Márcio, Lucíola e DuNada.

⁵⁶ Caso alguma pessoa visite a ACE e não tenha equipamento para escalar, no caso do muro, são emprestadas a sapatilha e o magnésio. Isso também foi verificado quando estive na pedra da ilha do boi e em outros locais de escalada. Apesar do cuidado que os escaladores demonstram com seus equipamentos é prática entre os mesmos emprestar equipamentos para aqueles que dividem a rocha no momento da escalada.

⁵⁷ Ver foto no anexo com as ilustrações.

⁵⁸ Essas informações encontram-se disponíveis no site da Associação: www.ace-es.org.br

⁵⁹ Pedro Pires era o mais novo escalador associado à ACE e é como o mascote do grupo, de forma que demonstra sempre atenção aos ensinamentos dos mais experientes e já demonstra destreza na escalada.

Pedi aos escaladores que estavam no local que respondessem ao questionário piloto e falei a eles sobre a pesquisa; seria assim nos dias seguintes, minha ideia era apresentar-me como pesquisadora, mas também como interessada na prática da escalada e, por meio desses diálogos, conhecer mais o grupo, mais sobre montanhismo.

A apropriação do muro pelos monitores, Redi e Jô, é bem visível e pode-se dizer que seu interesse em compartilhar sua experiência com os demais é manifesta. Neste dia se falou muito sobre materiais de escalada e a proteção das vias próximas ao mar, por conta da maresia estar corroendo alguns grampos. Fala-se muito de segurança e as pessoas mencionam sempre acidentes que poderiam ter sido evitados se ações de precaução e maior zelo fossem tomadas. É visto que para os escaladores as notícias vinculadas a acidentes incomodam o grupo, pois como foi dito, “fica parecendo que todo escalador ou montanhista é desleixado ou não tem condutas de segurança” (Redi). Alves e Colaboradores (2008, p. 10) analisam um dos fatores que contribui para o aumento do número de acidentes na escalada, a mercantilização das atividades de aventura. A mercantilização

[...] dos símbolos e signos relacionados às práticas de contato com a natureza, contribui para que cada vez um maior número de pessoas inexperientes esteja nas montanhas por meio de expedições pagas. Portanto, em decorrência desta prática, pensa-se que mesmo havendo uma redução na taxa de morte por ascensão bem sucedida, pode ocorrer um incremento – desnecessário – ao risco de vida desses praticantes e colocar em risco os outros integrantes da expedição.

Contudo, pode-se analisar que a crescente publicidade que se faz com conteúdos relacionados a aventura, ao risco controlado e desafiador de limites, tende a aumentar a procura de pessoas em busca dessas sensações, como ressalta Spink (2012, p. 60). Em sua análise das propagandas direcionadas aos esportes na natureza identificou que “aventura e liberdade estavam fortemente associadas à possibilidade de sair de estradas bem comportadas: primeiro com as bicicletas *mountain bike*, com as motos e, em seguida, com os carros na modalidade off road”. A autora ainda discursa sobre “[...] as três estratégias que levam à naturalização de repertórios, como os de risco-aventura: a conversacionalização (que leva à banalização e, portanto, à naturalização de um determinado estilo de vida); as conexões de sentido que obstaculizam a reflexividade e a marquetização, que transformam o receptor em consumidor (de produtos e estilos de vida)” (SPINK, 2012, p. 62).

Esse apelo comercial e algumas ocorrências desastrosas relatadas por conta de despreparo ou imperícia sempre eram noticiadas por meio de *e-mails* aos associados e, durante sua entrevista, Baldin fez várias menções a um dos problemas que envolve esse fato:

Muita concorrência desleal, um grupo de pessoas que queriam ganhar dinheiro, que tinha alguns equipamentos, mas não sabiam chegar na humildade. Se intitulavam como empresa, mas hoje existe a facilidade da venda do produto, há uma grande oferta, são várias pessoas fazendo, mas nem sempre que seguem as recomendações de segurança. Então é o cliente que penera, o site de compra coletiva foi um problema, quem anunciava muitas vezes fingia que tinham empresas e não tinham, prostitui o mercado.

Sendo assim, os diálogos que permeavam estes e outros assuntos aconteciam principalmente no entorno do muro de escalada e, decerto, contribuía para a formação das condutas éticas do grupo. Sobre estes momentos de socialidade e os códigos impressos a esses momentos, Azevedo et al. (2010, p. 56) analisam que:

[...] a socialidade envolve o compartilhamento de representações (códigos) entre integrantes de determinada coletividade. Esse conhecimento garantiria conhecimentos em comum, atualizados e confrontados mediante aprendizado recíproco nas interações. Portanto, o acesso à representação social dos integrantes de um grupo é uma forma ímpar de compreender suas práticas.

A partir dessa compreensão, pode-se dizer que mesmo aqueles que não iam a ACE para escalar e somente passavam pelo muro para cumprimentar os colegas podiam ouvir e falar sobre vias de escalada, sobre demandas da associação, sobre equipamentos e contar casos sobre suas investidas nas montanhas. Portanto, o muro, a ACE, era um local de encontro de escaladores, um local de estreitamento entre as afinidades e, sobretudo, de aprendizagem sobre condutas e símbolos relacionados a prática. Longe, portanto, de se pensar a “socialidade” como uma necessidade racionalizada. Ela é fomentada pela “incompletude” e “finitude” das coisas e do próprio ser humano na sua contínua formação como indivíduo e como parte da coletividade (AZEVEDO et al., 2010, p. 57).

4ª incursão: possíveis futuros escaladores⁶⁰

⁶⁰ Diário de Campo do dia 16/01/2013, quarta-feira.

Esta é a quarta-feira livre, dia em que não se paga para realizar a escalada; o objetivo deste dia é fazer com que membros da ACE tragam pessoas interessadas a iniciar a escalada. O marido de Lucíola, Xerxes, levou dois casais de amigos para fazer a vivência. Ainda estavam no muro Lucíola, Karapeba, DuNada, Graveto e Zé Márcio.

Dentre os casais, somente os homens foram escalar; suas esposas ficaram sentadas no banco em frente ao muro conversando entre si e tirando algumas fotos dos maridos. Todo o material utilizado foi emprestado pela ACE; falo sobre as sapatas (termo mais utilizado para as sapatilhas) e o mag (termo utilizado para o magnésio) e antes que começassem foi explicado a eles que as numerações e cores ao lado das agarras indicavam vias diferentes que variam de grau de dificuldade.

Os convidados observaram as pessoas que já estavam no muro e depois experimentaram seus primeiros movimentos, guiados pelo anfitrião, Xerxes, que com uma espécie de antena tocava nas agarras que eles deveriam utilizar para completar a via. Os convidados demonstraram gostar da experiência, mas ficou claro que a dificuldade da via proposta foi subestimada por eles, pois era possível perceber seu grande dispêndio de energia para completá-la. Pareceu-me que o que se queria era evidenciar aos visitantes as reais limitações que se encontrariam em uma parede natural, onde as agarras não estariam dispostas uniformemente. O objetivo não era chegar ao topo do muro, era completar a via pelo caminho pré-determinado.

Eu mesma, quando comecei a observar o movimento de escalada no muro, não tive a compreensão de que cada pessoa traçava para si, antes de iniciar a escalada, uma via que deveria ser conquistada. Meus olhos ficaram mais atentos com o passar do tempo e com as informações dadas a mim pelos escaladores, comecei a refinar meus sentidos para perceber que dentro do grupo as ações mais simples eram carregadas de sentidos. Através da multiplicidade dos gestos rotineiros ou cotidianos, o ritual lembra à comunidade que ela 'é um corpo'. Sem a necessidade de verbalizar isto, o ritual serve de anamnese à solidariedade (MAFFESOLI, 1998, p. 25).

Em um mesmo muro de escalada era possível interagir com diferentes graus de dificuldades e simular a permanência em uma via por tempos diferentes para se treinar a resistência, por exemplo. Sendo assim, os visitantes foram convidados desde o início a

seguir a ordem da via e somente depois que experimentaram esse grau de dificuldade foi dito que escolhessem as agarras de acordo com a própria vontade.

Os iniciantes tiveram dificuldades em completar a via e não a fizeram a vista.⁶¹ Durante as tentativas, as pessoas que estavam no local davam os betas e me pareceu que o anfitrião falou demasiadamente sobre o que deveria ser feito em cada momento da escalada, dando a perceber que, assim como os monitores de segunda-feira, queria mostrar sua experiência. Sobre essa forma de demonstrar destreza sob certas condutas Azevedo et al. (2010, p. 58) ponderam que “[...] isso se observa em relação aos micro-grupos urbanos que se expressam por meio de rituais. Estes necessitam de um “sólido conhecimento interno” para serem bem interpretados, não sendo objeto de fácil descrição”.

Por várias vezes foi dito a eles que a escalada *indoor* era considerada fácil por pessoas que só haviam tido contato com a modalidade pela televisão ou outros vetores de comunicação, como vídeos na internet, mas que a técnica sobrepõe a força em várias situações. Citaram por exemplo que já receberam a visita de lutadores de jiu jitsu e que os mesmos não conseguiram completar as vias traçadas previamente.

Curioso foi perceber que essa necessidade não se deu de maneira igual a todos os convidados de Xerxes. Enquanto os maridos conversavam e escalavam, as mulheres tiravam várias fotos da atividade e demonstravam pouco ou nenhum interesse em experimentar a escalada, mesmo depois de serem convidadas. Na verdade, depois de cerca de uma hora da chegada dos mesmos e após alguns outros escaladores terem ido embora, houve uma aproximação dessas mulheres na área de escalada do muro. A meu ver ficou claro que a presença de outras pessoas as inibiu e após a ACE diminuir o fluxo de pessoas elas aproveitaram que o muro estava mais vazio para escalar. Porém, foi visível que o intuito delas estava mais inclinado para tirar fotos na posição de escalada do que realmente completar as vias/escalar. Elas utilizaram o muro de forma lúdica e para “representar” que estavam escalando.

⁶¹ Expressão utilizada pelos escaladores para a conquista das vias.

Portanto, ao observar aquelas pessoas que foram a ACE para vivenciar a escalada, fica claro que o vínculo de interesses entre os que aceitam o convite a experiência é complexo, ou seja, mesmo dentre um grupo de pessoas leigas quanto a prática é possível estabelecer diferentes conexões com o que estas vem em busca: conhecer, iniciar, representar, emitir, aprofundar-se, são algumas dessas possibilidades.

Este estar ligado pode ser reconhecido entre as mulheres convidadas a vivenciar a escalada naquela noite, e de certa forma entre os homens que escalavam e também posavam para as fotos, visto que, diante de uma atmosfera de descoberta foi necessário emitir e apreender as imagens que comprovassem o seu “estar ali”, mesmo que representado, como no caso das mulheres.

Por fim, há de se pontuar que durante todo o momento houve interação entre os escaladores assíduos do muro. De certa forma, todos se conhecem de locais comuns de montanha e muros de escalada; porém, é comum perceber a formação de pequenos grupos. A partir deste foco e com a pretensão de entender melhor sobre essas formações de grupos que interagem por afinidades e interesses quanto à escalada, é que relatarei as observações da próxima incursão.

5ª incursão: uma sexta-feira quase rotineira⁶²

Afeto é o monitor da sexta-feira. Ele é o monitor mais jovem e desenvolve a prática do slackline juntamente com a escalada. Em conversa ele disse ter participado de um quadro do globo esporte (nacional) que reúne atletas de esportes radicais em uma competição. Na sexta-feira, o movimento de pessoas que vem a ACE pode ser estimado, segundo Afeto, pela previsão do tempo no final de semana; se for de céu aberto e pouca possibilidade de chuva, normalmente a frequência é menor; em contrapartida, se for verificado a inviabilidade de se escalar por conta do tempo chuvoso é possível esperar um maior movimento de pessoas na associação. Portanto, na sexta-feira que estive presente, pode-se considerar que a passagem de cerca de quinze pessoas no muro foi também motivada pelo final de semana sem possibilidade de escalada ao ar livre.

⁶² Diário de Campo do dia 18/01/2013, sexta-feira.

Assim como nos outros dias, as pessoas chegam, em maioria, por volta das 19hs e 21hs e revezam-se nas investidas ao muro, sempre permanecendo no máximo duas pessoas em cada módulo, por vezes em níveis diferentes de dificuldade da via. Neste dia, um escalador que é bem reconhecido entre os membros da ACE, por sua experiência, estava presente; seu nome é Naoki Arima. Esse gaúcho, fotógrafo e escalador disponibiliza suas investidas e conquistas em seu blog e página na internet e foi um dos idealizadores do “Muro de Fátima”, atuando diretamente em sua projeção e montagem. Naoki é um dos escaladores que têm montada em sua casa uma parede de escalada, de forma que sua presença na ACE reforça a ideia de que a associação é um *point* de encontro entre os escaladores e não somente um centro de treinamento de escalada.

Percebi que muitas pessoas tem em Naoki uma referência na escalada esportiva, modalidade em que tem maior dedicação e que é considerado o maior conquistador de vias no ES, segundo relatos de outros escaladores.

Alguns escaladores que frequentam a Pedra da Ilha do Boi estavam presentes, mas percebi que os mesmos preferem circular pelo local, conversar, observar e somente às vezes fazem alguma investida no muro, de forma que ficou explícito que sua passagem pela ACE está mais relacionada à socialidade do que propriamente ao treino. Com efeito, a ênfase espacial não é um fim em si. [...] Gostaria de fazer notar que a constituição dos microgrupos, das tribos que pontuam espacialidade se faz a partir do sentimento de pertença, em função de uma ética específica e no quadro de uma rede de comunicação. Estas poderiam ser as palavras chaves de nossa análise (MAFFESOLI, 2010, p. 224).

Como disse no final do relato da 4ª incursão, o foco deste dia seria voltado para observar a possível formação de grupos de interesses e entender como os mesmos se relacionam entre os demais, se há divergências e quais seriam e quais seriam estes mecanismos para formação e aceitação de um novo componente ao grupo. Eu, por exemplo, estava como iniciante entre os escaladores e via que, apesar da minha presença ser aceita com simpatia pelos associados, algo mais era necessário para que realmente fizesse parte do grupo; eu ainda era vista como a pesquisadora no meio dos escaladores e, de certa forma, isso fazia sentido para ambas as partes. Integrar-se e fazer parte significa, pela minha percepção, muito mais que estar no local; fazer parte de um

grupo de escalada significava ser convidada a estar com escaladores e não somente impor minha presença. Foi assim com Afeto, como contou DuNada durante entrevista:

Pra você ter noção teve um dia que eu tava na Ilha do boi e tava o Afeto la, ele chegou do nada, com um freio 8 pendurado, um bouldrier,⁶³ uma sapatilha e tava la, solando umas vias Eu achei engraçado o moleque enrugando o bigode, sozinho e cheguei nele pela atitude doida de estar ali sozinho, ai troquei uma ideia com ele, ele tava de bobeira a tarde e eu também e chamei ele pra escalar comigo. Daí surgiu a minha primeira paternidade.

Comecei a perceber que a interação entre os pequenos grupos de pessoas que conversavam e escalavam se fazia de forma fluida, de forma que novos grupos se formavam após o desfecho de algum assunto ou outras pessoas se inseriam no decorrer das conversas. Há que se pontuar que o local favorece essa fluidez de assuntos e grupos, visto que a ACE tem proporções pequenas e os espaços são abertos, de forma que todos veem e ouvem a todos. É perceptível que os interesses pelas diferentes modalidades de escalada, como a esportiva e a tradicional, são alguns dos fatores que impelem as escolhas de com quem e sobre o que falar, de forma que essa atração é que garante as saídas para as pedras e montanhas a serem escaladas no tempo livre. Naoki fala em entrevista sobre sua experiência com a formação desses grupos e destaca que:

Bem isso a gente chama de panelinha, não no sentido pejorativo, mas não existe esporte que não tenha. Tem pessoas que se escolhem por afinidade, as pessoas também se agrupam por níveis de escalada diferentes, tem gente que escala mais, outro menos. Então seria pelo objetivo e habilidade, tem gente que quer treinar, tem gente que leva mais na boa. E por ai o pessoal vai se juntando. Mas nada impede de você se comunicar com outros grupos, de fazer outras coisas.

Em sua análise sobre a ética no montanhismo, Struminski (2003, p. 130) relata a partir de sua experiência que “[...] montanhistas costumeiramente possuem mais de uma visão biofílica⁶⁴ sobre a montanha, não sendo, portanto totalmente incompatível a reunião de pessoas com diferentes visões no mesmo grupo, muito embora atritos possam surgir”. Sobre estas possibilidades de interação entre pessoas com os mesmos interesses, Monteiro (2003, p. 7) também vincula sua experiência como montanhista para analisar a formação desses grupos e revela que “[...] a amizade com o outro é acima de tudo uma

⁶³ Equipamento também chamado de cadeirinha, que é vestido sobre a calça e prende o escalador a corda e o aos demais equipamentos.

⁶⁴ Wilson (1984) é citado pelo autor para embasar o conceito de biofilia, que seria a “ideia da necessidade intrínseca humana do contato com a natureza”.

aproximação de crenças e valores, e os sentimentos de proximidade revelam interesses e significações comuns na vivência de práticas de lazer”.

6ª incursão: a gafe⁶⁵

Nesta segunda-feira, estavam no muro Jô, Redi, Zé Márcio, Afeto, Karapeba e quatro escaladores visitantes da cidade de Belo Horizonte que passaram parte de suas férias no ES e foram conhecer a associação e escalar. Quando perguntei como encontraram a ACE, os mesmos disseram ter feito contato via *e-mail* e que foram convidados a conhecer a associação. Eles relataram que devido ao mau tempo no final de semana a escalada ao ar livre ficou inviável, mas que os muros artificiais são uma boa opção para quando não se pode estar nas rochas e por isso chegaram ao Muro de Fátima.

Pelo acompanhamento dos *e-mails* encaminhados a ACE, percebi que esse tipo de atitude de pessoas que vem ao Estado e desejam escalar é comum e que a mesma interação acontece com os escaladores, do ES que viajam para outras localidades. Segundo relatos de alguns escaladores esta é uma conduta ética entre os grupos; entrar em contato com escaladores locais e checar informações sobre as vias de escalada antes de aventurar-se nas montanhas; é o que se espera dos escaladores quando estão em espaços que não conhecem. A ética na escalada se configura como autoética, isto é, como regras criadas que o escalador deve conhecer e decidir se seguirá, ou não, dependendo das suas convicções e das necessidades existenciais do indivíduo e do planeta (PEREIRA, 2013, p.64).

Para os escaladores, entrar em contato e apresentar-se antes de acessar aos espaços de escalada pode favorecer o encontro de pessoas que desejam realizar a mesma via e até evitar situações de perigo, como nos casos em que o acesso ao local está dificultado ou mesmo houve alguma ocorrência que prejudique a ida a montanha, como no caso de assaltos nas mediações. Depois de os visitantes terem se apresentado de maneira informal aos presentes, fiquei a observá-los enquanto escalavam e aproximei-me de Zé Márcio para saber como funcionava a abertura de uma via de escalada em rocha.

⁶⁵ Diário de campo do dia 21/01/2013, segunda-feira.

O interesse surgiu depois que constatei, após algumas entrevistas e idas a campo, que o escalador que consegue conquistar vias, ou seja, aquele que primeiro escala e funda determinado caminho pela rocha, é reconhecido com mérito pelos demais escaladores; era perceptível, por exemplo, que os nomes de Baldin, Zé Márcio e Naoki eram citados nas rodas de conversa pelos seus feitos enquanto conquistadores de vias, e que isto estava diretamente vinculado a experiência e ao nível elevado de envolvimento desses escaladores com a modalidade e tudo que lhe diz respeito; contudo, queria saber como se dava o processo de conquista.

Após a explicação técnica de Zé Márcio sobre os equipamentos e os procedimentos necessários para a conquista, perguntei-lhe se era possível que abrisse uma via em um local onde costumo visitar, para que assim eu pudesse treinar a escalada em rocha; perguntei-lhe, ainda, quanto seria necessário “investir” para montar a via, ou seja, eu cometi a gafe de perguntar a um escalador quanto ele cobraria para abrir caminho na pedra, já que eu mesma, por ter pouca experiência, não poderia o fazer tão cedo.

Dadas às circunstâncias, Zé Márcio desconversou educadamente e disse que não haveria valor a ser pago pelo trabalho, mas que poderíamos marcar para que ele visse a pedra. Somente com o tempo de convivência entre mim e alguns escaladores, e após entrevistar Baldin, consegui compreender que a palavra conquista, atrelada ao feito de ser o primeiro a traçar uma via, está relacionada a algo que precisa ser galgado pelo escalador e que assim não era possível, simplesmente, pedir a alguém que o fizesse por mim. O ato de conquistar uma via é intransferível, tanto que, sua manutenção⁶⁶ é de responsabilidade do conquistador. Calegari (1975), citado por Struminski (2003, p. 124), esclarece o valor sobre esta conquista quando reflete que:

O montanhismo é a projeção concreta de um ideal e não simplesmente uma mescla de atividades atléticas, ou o resultado do aprendizado mecânico de certas técnicas. Para este autor, as vitórias obtidas dentro do montanhismo servem como uma prova de que o montanhista se reconhece como pessoa eficiente e capaz de afirmar sua própria personalidade.

⁶⁶ A manutenção da via, segundo os escaladores, acontece por necessidade, pois com o tempo o grampo fincado na pedra, ou qualquer outro tipo de proteção, tendem a deteriorar e precisam ser trocados, entre outras ações.

Passado algum tempo, pude perceber que por conta dos diferentes níveis de exposição ao risco, o serviço de montagem de paredes de escalada era possível por suas dimensões e por não necessitarem do uso de equipamentos de segurança, e que a inviabilização do mesmo serviço para a rocha se dava pelo fato de que um escalador que não tem experiência em guiar uma via estaria em perigo por não dominar efetivamente os procedimentos de ascensão em montanha.

Guiar uma via significa ser o primeiro a equipá-la para se escalar; significa, ser o primeiro a subir e preparar a via para os demais escaladores; o escalador que equipa a via é aquele que está em maior exposição de risco e também é aquele que desencadeia as relações de confiança daquele dado momento. A forma de socialidade exercitada no contexto de tais práticas é bastante intensa, pois a relação que se estabelece entre guia (escalador que se coloca à frente no trajeto a ser feito na rocha) e participante (escalador ou escaladores que seguem o mesmo trajeto feito pelo guia após a chegada deste num determinado lugar da parede de rocha) implica confiança, comunicação, incitação recíproca e entendimento mútuos, a fim de evitar acidentes e fazer com sucesso o trajeto pretendido (MONTEIRO, 2003, p. 4).

Depois de compreender essas questões ficou claro que minha gafe havia exposto duas características de minha presença no grupo: por um lado, minha inexperiência quanto a alguns códigos de conduta; mas por outro, minha vontade de estar na pedra.

7ª incursão: O Muro de Fátima também é opção para a terça⁶⁷

A terça-feira e a quinta-feira são dias a serem observados de maneira especial para esta pesquisa por exibirem duas opções de ambientes para a escalada: a ACE e a Ilha do Boi. Dessa forma, como a Ilha do Boi é frequentada prioritariamente nestes dois dias, decidi não ir a ilha nesta terça-feira para perceber como funciona a rotina da ACE neste dia. Cheguei às 19hs e já havia pessoas escalando e outras no entorno do muro, como de costume. Este dia foi essencial para perceber que as pessoas que frequentam e escalam na Pedra da Ilha do Boi não o deixam de fazer para estar na ACE. Encontrei com Lucíola, Karapeba, Zé Marcio, DuNada, Naoki, entre outros e em contrapartida ao

⁶⁷ Diário de Campo do dia 22/01/2013, terça-feira.

perguntar por Jô, Redi e Pedro, tive a resposta de que às terças e quintas era mais certo encontrá-los na Ilha.

Neste dia pude perceber, em análise aos dias anteriores e frente às observações que realizei na Ilha, que o perfil dos que buscavam escalar no Muro de Fátima era diferente. No entanto, esta análise não visou comparar as características de um em detrimento de outro, mas, sim, entender as necessidades que sentem as pessoas que, ao ter que escolher entre escalar no muro artificial da ACE ou na rocha da Ilha do Boi⁶⁸ no mesmo dia, optam pela escalada na ACE. Cabe ressaltar que essa análise refere-se a um grupo específico: escaladores experientes, que já escalaram as vias da Ilha do Boi e tem no muro a oportunidade de aprimorar seus movimentos e condicionamento físico de forma que isso os ajude quando estiverem na rocha.

Fica claro que, além da socialidade, as pessoas que buscam estar no muro o fazem por incentivo ao treino, a *performance* e a melhoria de suas capacidades físicas para enfrentar escaladas com grau de maior exigência; o muro oferece essas possibilidades, ao passo que a Pedra da Ilha do Boi já não permite a mesma variação de estímulos depois que o escalador completou suas vias. As pessoas que acessam o muro de Fátima durante a semana o fazem também para otimizar seu tempo, pois o muro permite que o escalador faça um maior número de investidas em diferentes graduações⁶⁹ e sem a necessidade de equipar-se. O objetivo, portanto, dos que optam pela escalada no muro da associação relaciona-se, também, à oportunidade de melhorar suas técnicas para quando estiverem na rocha.

Por outro lado, os iniciantes ou visitantes revezam-se entre a Ilha do Boi e o Muro até que consigam definir suas redes de convivência a partir de seus interesses e pela forma como tomam a escalada em suas vidas. Esta forma está relacionada com os interesses analisados acima ou, em outras palavras, o que se pretende ou se deseja ao fazer da escalada uma prática entre outras tantas opções de lazer ou atividade física.

⁶⁸ Esta análise será retomada pela perspectiva dos que escolhem a Ilha do Boi na descrição das incursões a Ilha, especificamente nos relatos da primeira incursão.

⁶⁹ As vias de escalada são divididas em graduações ou níveis, sendo categorizadas pelo seu nível de dificuldade, altura e inclinação. Um exemplo simples é que quando comparadas duas vias de mesma altura porém de inclinações diferentes a que esta em grau negativo geralmente é mais difícil de ser escalada do que a que esta em grau positivo.

Contudo, como visto no capítulo I, fatores como o tempo disponível e a disponibilidade dos colegas para a prática figuram entre os principais limitantes à prática dos indivíduos; por este dado, pode ser entendida a importância com que os indivíduos tratam seus grupos e explica a fluidez que tem para formar novos, tudo pela necessidade de se fortalecer o grupo ou as tribos de escaladores, que mesmo com objetivos diferentes a serem alcançados por sua prática veem no fortalecimento de seus vínculos e condutas éticas a maneira de se consolidar a escalada no território do ES.

Como pontuado anteriormente as preferências por modalidades e maneiras de se escalar não vinculam junto ao grupo uma sensação de separação de um em detrimento de outro, o que impera, segundo os escaladores, é o respeito entre os praticantes. Porém, entre os frequentadores da ACE e da Ilha existe uma diferença, como pontuam Zé Márcio e Redi, frequentadores assíduos da ACE e da Ilha, respectivamente:

Já que você tocou nesse assunto, eu tenho percebido uma diferença sim, eu acho que o pessoal lá tá se especializando em uma coisa mais recreativa e lúdica e aqui é uma coisa mais de esporte mesmo. Lá é bem lúdico. Aqui você vê o pessoal treinando, fazendo barra, revezando direto o muro. Pra gente escalar tem que fazer movimentos específicos que as vezes não dá pra fazer durante a semana na rocha. Aqui o pessoal é mais sério, vem mais pra treinar. (Zé Márcio).

Tem uma galera que se diverte, não é sangue nos olhos, de escalar, mas é uma galera que se diverte e tá representada, por exemplo, pela galera da ilha, que vai pra lá, pede pizza, faz um pouco de tudo, antes do ano novo fomos passar a noite no alto do frade mas caminhando. Se fosse a galera da esportiva, sangue nos olhos, vamos, mas só se for escalando. A gente é meio diferente. (Redi).

Escalar é um exercício de respeito para a maioria dos praticantes. Os escaladores costumam se reunir em grupos para sua diversão; em função dos locais, da amizade, do companheirismo, das necessidades de segurança e do exercício do diálogo (PEREIRA, 2013, p.64).

8ª incursão:⁷⁰ quarta cultural, apresentação dos dados quantitativos da pesquisa

Depois de alguns meses de convivência com os escaladores que frequentam a ACE e a Ilha do Boi e, após o término do curso básico de escalada retornei, a associação para

⁷⁰ Diário de Campo do dia 24/07/2013, quarta-feira.

apresentar os dados da pesquisa quantitativa realizada entre os meses de janeiro e maio. Entrei em contato com os associados por *e-mail* para perguntar qual seria a melhor data para nossa reunião e eles me indicaram a quarta-feira; seria uma quarta cultural.

Foi combinado que eu apresentaria os gráficos por meio de slides e que após este momento todos estariam convidados a assistir um filme sobre escalada. Acredito que ter realizado o curso de escalada e ter tido a oportunidade de estar em alguns *points* tenha contribuído para meu entendimento sobre algumas questões sobre a tribo de escaladores, suas formas de organização e suas demandas.

Antes da apresentação da pesquisa foi retomado um acontecimento divulgado durante a semana pelas redes sociais e que causou descontentamento entre os escaladores de uma das vias do Morro do Moreno, um dos campos escola da escalada no ES. Uma dupla de escaladores havia colado agarras artificiais na rocha para facilitar a ascensão a uma das vias. As questões éticas são sempre relacionadas aos diálogos sobre a conquista de vias ou a utilização das paredes ao ar livre, pois se presa pelo mínimo impacto durante as incursões bem como o bom relacionamento com os donos das propriedades onde as mesmas se localizam.

Pimentel (2006, p. 69), em sua experiência com praticantes de vôo livre, também pontua situações de desaprovação entre os grupos; “[...] coletei comentários desairosos sobre voadores que: são seletivos demais em seus vôos; mostram atitudes pouco cooperativas; fazem apenas vôo prego (quando não há regularidade em ir voar, a pessoa só consegue fazer esse tipo de vôo); abandonam o aprendizado ou a prática do vôo livre”. As pessoas que têm atitudes que contrariam as regras estabelecidas pela ACE (que esta vinculada a CBME) têm seus nomes divulgados e seus feitos relacionados à postura antiética, o que acarreta a exclusão do escalador da comunidade caso a postura inadequada seja mantida. Essas condutas e regras são baseadas no tratado do Tirol de 2002, que dispõe sobre o Código de Ética do Montanhismo. As normas compreendidas pelo tratado do Tirol simbolizam as ações esperadas quanto ao relacionamento dos escaladores com a montanha e entre si. Sendo assim, montanhistas e escaladores experientes desenvolveram uma sólida ética que os impulsionam a evitar a dependência de recursos que não sejam suas habilidades, seus conhecimentos e o material que levam consigo para a montanha (ENNES, 2013, p. 45).

Fala-se muito, no meio montanhístico, de uma “ética local”, que é aquela que usualmente vigora no presente momento em um determinado lugar de escalada (montanha, escola de montanhismo, maciço de montanhas). Assim, um escalador adepto de uma determinada visão da montanha se vê obrigado a respeitar as regras éticas que vigoram nos diferentes locais por onde passar, sob pena de ser execrado. Por outro lado, uma ética local excessivamente fechada pode levar à estagnação da atividade (STRUMINSKI, 2003, p. 128). Struminski (2003) ainda apresenta outra opinião acerca dessas condutas ao citar o caso de Messner (MESSNER, 1995, p. 26), um montanhista renomado que acredita que “não há efetivamente deslize ético, pois o que importa é a conquista da montanha”. Contudo, este é um ponto de vista rechaçado pelos montanhistas a que pude conviver. Para eles, os fins não justificam os meios, ou seja, nem tudo é aceitável para se conquistar uma via de escalada.

Como a atitude de colar as agarras na rocha foi reprovada pelo grupo e pelo conquistador da via, Baldin, esperou-se a retratação por parte dos escaladores que colaram as agarras na pedra. Como isto não aconteceu, ficou decidido que o transgressor não poderia mais ser associado da ACE e houve uma ampla divulgação via *e-mail* e redes sociais em represália a sua atitude, de forma que, na sequência, alguns escaladores foram até a via realizar a remoção das agarras artificiais. O que se atribuiu, contudo, é que estes recursos utilizados para acessar a via descaracterizam o que para estes escaladores é uma das essências da escalada: merecer a via, trabalhá-la e conquistá-la somente com os aparatos necessários a segurança.

Nesta prática corporal específica ligada ao montanhismo, especialmente sendo ela vivenciada como lazer, o que parece estar em jogo é uma composição, de preferência sensível e criativa, do praticante com os obstáculos, com as possibilidades oferecidas ao corpo pela rocha (em suas agarras, fendas, fissuras, etc.), com os equipamentos utilizados (cordas, fitas, mosquetões, etc.) e com quem o acompanha nesta aventura em sentido vertical (MONTEIRO, 2003, p. 5).

Após o trato deste assunto a palavra foi passada a mim para que fizesse a explanação sobre os resultados da pesquisa quantitativa. Neste dia havia treze pessoas na ACE, sendo que eu já havia tido contato com a maioria delas durante as incursões, o que facilitou a discussão sobre os dados. Os resultados apresentados foram recebidos de

forma satisfatória por parte dos presentes, pois, na compreensão dos mesmos as perguntas foram pertinentes à necessidade de informações sobre o grupo que até então eram escassas.

Solicitei aos presentes que falassem sobre sua impressão entre a compatibilidade dos dados e sua coerência com o que presenciavam ao longo do tempo de vínculo com a ACE e com a escalada. Foi consenso entre os escaladores participantes desta quarta cultural que o quantitativo de pessoas cadastradas na ACE não está de acordo com o número real de indivíduos praticantes; portanto, para eles, o número efetivo de escaladores é menor que os cerca de quatrocentos associados vinculados ao *site*, de forma que as oitenta e duas pessoas que responderam ao questionário desta pesquisa podem ser consideradas como mais representativo dos escaladores.

Eles ressaltaram que essa diferença significativa entre o número de cadastrados e o número real de escaladores acontece porque qualquer pessoa interessada em montanhismo, mesmo que não praticante, pode cadastrar-se no *site*. Para os escaladores presentes o número de respondentes é significativo e a localização dos mesmos em Municípios da Região Metropolitana de Vitória condiz com o esperado.

Os demais dados socioeconômicos foram apresentados em meio a brincadeiras sobre a faixa etária dos mais velhos do grupo e outras considerações que enfatizaram a importância da participação feminina no cenário da escalada capixaba. Os dados específicos sobre a relação dos indivíduos com a prática foram tomados com atenção pelo grupo. As questões que mais motivaram os diálogos entre os presentes foram: a modalidade do rapel como forma de iniciação a escalada, o pequeno número de pessoas que escalam no muro de Fátima e a ocorrência e prevenção de acidentes na escalada.

Sobre o rapel, os presentes levantaram a questão do descaso daqueles que compram os equipamentos e mesmo com pouca experiência levam pessoas para realizar a atividade. Foram citados casos em que os indivíduos iniciaram a descida em rochas no Morro do Moreno e precisaram ser socorridas por outros escaladores, pois os supostos guias responsáveis pelo percurso não sabiam como proceder em determinadas situações. Fica claro para mim que, apesar de lidarem com uma atividade de risco, os escaladores a quem tive a oportunidade de conviver não tem nessa sensação o principal motivador

para a atividade, haja vista o pequeno percentual (5,7%) de pessoas que atribuíram estar na atividade para sentir a sensação de perigo/risco, em detrimento de outras opções, como estar em contato com a natureza (27,9%), condicionar-se fisicamente (16,6%) ou como opção de lazer (26,7%).

As pessoas não se atiram a essas atividades sem levar em conta fatores aos quais estão habituadas, como por exemplo, e acima de tudo, o fator segurança/confiança. Parece-nos que a adoção destas atividades como meio privilegiado para a experimentação de fortes excitações emocionais se deve, em grande parte, à confiança no material utilizado, ou seja, na confiança na tecnologia empregada na fabricação dos materiais pertinentes a cada uma das modalidades. (CANTONARI, 2005, s/p).

Sobre o pequeno percentual de pessoas que utilizam o muro de Fátima como opção para escalar, isso reflete o pequeno número de pagantes da mensalidade da associação, pois muito associados entendem que a mensalidade é para pagar as diárias de escalada no muro. É consenso dos que estavam na reunião que a associação não se resume ao muro e que sua construção é somente mais um atrativo para aqueles que desejam treinar; nas palavras de um dos participantes, “[...] a ACE é a representação maior da escalada no ES, é local de encontro pra trocarmos ideias, não é somente um lugar de treino, e todo mundo aqui sabe disso. E por isso que se mais pessoas contribuíssem com a mensalidade teríamos mais possibilidades para fazer novas ações.” O dinheiro arrecadado pelas mensalidades cobre custos do aluguel do local, luz, água, entre outras despesas e por vezes tive acesso a *e-mails* encaminhados aos associados convocando-os a ajudar, pois a associação estava com dificuldades para manter estas despesas.

As informações sobre os acidentes chama a atenção para algo que já foi mencionado em outros momentos: à preocupação dos escaladores com a segurança. Zé Márcio pediu a palavra para solicitar que todos atentassem para a importância em se realizar cursos de primeiros socorros específicos para atividades como a escalada. Disse ainda que por ser uma atividade vista pelo senso comum como perigosa, a imprudência de alguns montanhistas ao fazerem suas investidas sem a preparação devida, acaba por desfavorecer todo o grupo, pois reforça a ideia de que na escalada, por exemplo, não há tomadas de decisão quanto a gestão de riscos e que as pessoas que investem neste tipo de atividade estão mais sujeitas a sofrer acidentes do que as que desenvolvem outras

atividades. Nas palavras de um dos presentes: “gente, é muito mais fácil se machucar jogando bola que escalando, mas quem olha a calangada⁷¹ na pedra acha o contrário e que ainda estamos inventando moda. Então para não reforçar a ideia desse povo vamos prezar pela segurança.”

Neste sentido, percebi que o grupo é muito coeso quanto à ideia de gestão de risco e que, apesar de alguns dos que ali estavam já terem sofrido acidentes durante a escalada, existe um diálogo acerca das formas de se evitar acidentes, escalar com segurança para se escalar sempre. O que se quer é estar na pedra. Por conta disso é possível compreender a escolha que alguns fazem por melhorar seu condicionamento físico, investir em equipamentos adequados e buscar orientações sobre as vias antes de escalá-las, os meios justificam os fins na escalada.

O nível de organização da ACE quanto a esta gestão de risco perpassa, por exemplo, pela comunicação sobre as vias; existe uma “croquiteca” no *site* da associação, uma espécie de biblioteca virtual com os croquis das vias do ES, ou seja, é possível encontrar as orientações e mapas (croquis) das vias para preparar-se antes de escalá-las. Além disso, a ACE organiza cursos de prevenção de acidentes e auto resgate bem como divulga casos de acidentes como forma de alertar os escaladores para os erros que resultaram na ocorrência. Ao fim da apresentação, agradei a todos pela presença e pela contribuição na pesquisa.

⁷¹ Calangada é um termo que ouvi bastante durante as incursões, seria o apelido geral para um grupo de escaladores, fazendo analogia aos calangos subindo nas rochas.

CAPÍTULO III

Incursão etnográfica à Pedra da Ilha do Boi

Quando ainda não havia instituições no ES, como a ACE, era na base de uma pedra no meio da cidade que os montanhistas reuniam-se para consolidar suas atividades. Este tópico tem por objetivo apresentá-la e a seus frequentadores. A Pedra da Ilha do Boi, há mais de dez anos, é o local ao ar livre onde escaladores se reúnem semanalmente para trocar experiências e escalar. Durante vários anos, os encontros na pedra da Ilha do Boi aconteciam às quartas-feiras a noite e, segundo alguns escaladores, a passagem pela pedra, além de ser um momento de socialidade, fomenta a busca pela superação e conquista das vias ali localizadas.

Os relatos dos entrevistados sempre rememoram a Ilha do Boi como *point* de escaladores. Hoje, eles se reúnem às terças e quintas feiras por volta das 19 horas. É neste novo contexto que iniciei as incursões a Ilha do Boi e a partir daqui buscarei apresentar algumas peculiaridades da mesma, com base nos diários de campo realizados durante as observações participantes.

1ª incursão:⁷² a chegada à Ilha

A informação sobre os encontros semanais na Ilha do Boi, fornecida pelos membros da ACE no dia da reunião mensal, expandiu significativamente as hipóteses que eu havia levantado sobre a organização dos grupos de escaladores, ou seja, apesar de participarem da mesma atividade, a escalada, isto não significaria que estes atores teriam os mesmos interesses e até os mesmos códigos de conduta em suas relações com a prática e com outros grupos de escaladores. Algumas pessoas na ACE já haviam comentado sobre os diferentes focos de prática dos frequentadores da Ilha. Frequentar a Ilha do Boi em dias alternados à ACE foi à oportunidade ideal para entender sobre como as tribos de escaladores interagem entre si e com os territórios⁷³ da escalada. É possível verificar na fala dos atores o quão significativo é este espaço:

⁷² Diário de Campo do dia 18/12/2012 – terça-feira.

⁷³ Por territórios entende-se não somente aqueles de frequência física mas, também, os de frequência virtual como as comunicações via *e-mail* e pelas redes sociais.

Eu consegui ter um contato maior foi por isso, porque lá era o ambiente da escalada, tive um contato maior com gente experiente, porque a Ilha fica dentro da cidade, a ACE já existia mas não tinha uma estrutura física, não tinha muro, então as reuniões eram na pedra da ilha. Então tinha os escaladores, a pedra e o bate papo pra galera se entrosar, foi bom pra mim. (Caio Afeto)

E o pessoal da Ilha tá fazendo um trabalho muito legal porque estão misturando as vias...eu sinto falta durante a semana do contato com a rocha. (Lucíola)

Redi foi meu primeiro contato na Ilha e foi com quem acertei os detalhes quanto ao horário para minha primeira incursão na pedra da Ilha do Boi. Cheguei às 19hs, pois, assim como na ACE, às atividades na Ilha concentram-se no período da noite. Apresentei-me e disse que uma das intenções de estar ali era para realizar a pesquisa sobre montanhismo, mas que também gostaria de aprender mais sobre escalada na prática. Pessoalmente me senti mais motivada a escalar na rocha do que na parede *indoor*. Na rocha da Ilha existem nove vias com inclinações diferentes; a maioria em positiva ou 90°, a maior delas tem cerca de 15 metros de altura e as agarras são, sem dúvida, menos visíveis que as do muro artificial. As vias são divididas em três setores: dinamitado, principal e dos *babys*.

Os setores da Ilha são considerados ideais para iniciantes e têm acesso facilitado por estar localizado no centro urbano da Capital Vitória. As pessoas deixam os carros próximos à pedra e ao chegar percebi que as que ali estavam, cerca de doze, em maioria homens, tinham características comportamentais diferentes das que frequentavam a ACE. Primeiro porque todos parecem que se conhecem, segundo pela permanência de crianças com seus pais no local, terceiro pelos diferentes focos e objetivos dos presentes durante a escalada.

Sem dúvida, a pedra da Ilha do Boi atrai olhares de pessoas que caminham pelo calçadão, de moradores, de ciclistas, enfim, a escalada ali é expressa abertamente no meio da cidade, basta atravessar a rua para se estar no calçadão de uma das orlas de Vitória.

Todos faziam parte de um cenário onde equipamentos específicos (construídos para a realização de atividades de lazer) e não específicos (espaços que são tomados para o

lazer, mas que não foram construídos para isso) de lazer eram utilizados por diferentes pessoas, por diferentes tribos e para diferentes finalidades.

Os escaladores revezam-se nas investidas e a ordem é não deixar as vias livres; por vezes ouvi Redi dizer “vamos conversar, comer, mas vamos escalar também gente”. Busquei apresentar-me a tantas pessoas quanto foi possível e quando falava da pesquisa percebia que muitas delas já sabiam do que se tratava por terem recebido o questionário via *e-mail* ou por terem ouvido falar de mim por outros escaladores. Por outro lado busquei integrar-me sem “forçar a barra”, pois não queria que me percebessem somente como pesquisadora e, sim, com uma pessoa que também se interessava pela prática do montanhismo, isso porque, meu objetivo era observar e participar da rotina dessas pessoas de maneira natural, e se com isso eu ainda conseguisse aprender sobre escalada estaria satisfeita.

Ao ler os relatos de Whyte (2001, p. 301), sobre sua observação participante em Conerville, percebi algumas semelhanças na maneira como esses reconhecimentos aconteciam:

Logo descobri que essas pessoas desenvolviam sua própria explicação a meu respeito: eu escrevia um livro sobre Conerville. Pode parecer uma explicação absolutamente vaga, mas ainda assim foi suficiente. Descobri que minha aceitação no distrito dependia das relações pessoais que desenvolvi, muito mais que de qualquer explicação que pudesse dar.

Contudo, era impossível que não me percebessem como uma “estranha no ninho”. Foi assim com Afeto, que contou durante sua entrevista, que começou a se aproximar da escalada indo a Ilha e ficando próximo aos escaladores, segundo ele: “[...] quando viram eu arranhando a pedra, tentando fazer a via mais fácil mesmo sem técnica e equipamento nenhum alguns riram e, por acharem engraçado aquele cara naquela situação, um deles (DuNada) se aproximou de mim e me convidou pra ficar com eles, foi assim que comecei.”

As atividades de aventura, na maioria das vezes, são praticadas em grupos, dos quais fazem parte pessoas de diferentes estilos de vida. Em comum elas têm a descoberta de uma nova relação com a natureza e, inclusive, a descoberta de sentimentos possíveis de serem vividos coletivamente. (MARINHO, 2007, p. 12). Eu era mais uma dessas

peessoas em busca de descobertas, galgando um espaço dentro do grupo e para isso, assim como relata Whyte (2001, p. 301), “aprendi bem rapidamente a importância crucial de ter o apoio dos indivíduos-chave de qualquer grupo ou organização que estudasse”.

2ª incursão:⁷⁴ sobre as vias das damas, dos machos, dos gays, dos *babys* e do xixi

Neste dia busquei saber mais informações sobre as vias de escalada da Ilha do Boi, se havia vias com maior preferência entre os escaladores, quais eram as consideradas fáceis e difíceis e o porquê dos nomes tão curiosos dados a elas. Conversei com Redi e Jô, que são os frequentadores mais assíduos da Ilha, e ambos confirmaram que o maior atrativo da Ilha é a facilidade que se tem para chegar às vias. Segundo eles, para aqueles escaladores que preferem o contato com a rocha a muros artificiais, as vias da Ilha do Boi oferecem essa oportunidade de acessibilidade e possibilidade de escalada noturna, já que a Pedra tem iluminação de refletores a noite. Assim, como destacado na pesquisa quantitativa, como muitos escaladores não dispõem de tempo durante a semana para dedicar-se, a prática a escalada noturna na Ilha do Boi torna-se uma opção.

Eles continuaram dizendo que nos três setores (dinamitado, principal e dos *babys*) as vias mais acessadas por eles eram a dos gays, dos machos, das damas, do xixi e dos *babys*. Perguntei o porquê dos nomes e eles me disseram que inicialmente foi batizada a via das damas e dos machos, sendo que a das damas tem um grau mais fácil (4ºsup) que a dos machos (6ºsup). A terceira via localizada entre as duas, sendo a mais difícil entre elas (7c), foi batizada como dos gays, exatamente por estar disposta entre a dos machos e das damas, “não é lá e nem cá”, disse Redi.

Perguntei sobre o porquê do nome de uma das vias mais difíceis ser batizada de xixi (7b) e Redi respondeu: “por este motivo mesmo que você esta pensando. Então perguntei se aquele seria “banheiro” da Ilha. Redi disse que inicialmente aquele era o local mais escondido e próximo que se poderia usar para esse fim, mas que com o tempo as pessoas começaram a utilizar os banheiros dos quiosques. Por fim, perguntei sobre a via dos *babys* e Joatane afirmou que aquelas eram as vias mais fáceis e

⁷⁴ Diário de Campo do dia 20/12/2012, terça-feira.

comumente utilizadas pelos iniciantes, por isso *babys* em alusão a bebê, a criança, a iniciante.

Decerto que aqueles nomes representavam um dos símbolos da Ilha para os escaladores: ser um campo escola, ser um ponto certo de encontro com outros escaladores. A diversidade de vias, com diferentes graus, favorecia aqueles que desejassem iniciar ou se aprimorar na escalada; tudo ali, no meio da cidade.

A Ilha arraiga em seu território uma tribo de escaladores que verificam em sua socialidade diferentes representações de sua prática e estilos de vida e isto se deve ao ambiente ao qual estão inseridos. Diferente da ACE, ali se pode chegar, sentar na grama e observar, ou ficar do outro lado da rua contemplando e talvez desejando estar na rocha. Pode-se dizer que a Ilha é uma das propagandas mais eficazes da escalada no ES. Durante toda a noite vi pessoas escalando pela via das damas, dos machos e dos *babys* e isso indica o nível de escalada dos que ali estava representado. É importante ponderar que essas vias normalmente são usadas por *top hope*, ou seja, se tem acesso a elas por cima para realizar a ancoragem e a montagem do sistema de segurança feito por quem ficará na base. Percebi que a montagem das vias depende da quantidade de material disponível que é trazido pelos escaladores, sendo assim, se no dia houver uma única corda somente uma via será equipada. Observei, ainda, que os equipamentos são emprestados entre os que ali estão, sendo que por falta do quite básico de escalada (bouldrier, freios, solteira, mosquetões, cordeletes, capacete e sapatilhas) ninguém ficaria sem escalar.

3ª incursão:⁷⁵ a segunda vez como se fosse a primeira na via das damas

Logo que cheguei fui convidada a escalar a via das damas. Ao perceberem que eu tinha minha própria sapatilha e que era de uma marca reconhecida, creio que alguns entenderam que eu realmente já havia me aproximado da escalada, porém não me perguntaram se eu já havia feito à via.

⁷⁵ Diário de Campo do dia 08/01/2013, terça-feira.

Tentei esboçar algo sobre, mas não consegui completar a fala, pois logo vieram outros me equipando e me dando os primeiros betas. Percebi que para eles era importante me mostrar os prazeres e desprazeres da escalada em rocha, e talvez perceber em mim expressões de medo ou mesmo de euforia com a prática. Há alguns anos, durante uma aula de pós-graduação, consegui completar a via sem maiores dificuldades, porém não dessa vez. Parei no meio da via não consegui passar pelo crux⁷⁶ da escada, fiquei com pernas e braços fadigados, tentei algumas vezes, me ralei e desisti.

Creio que a quantidade de informações e pessoas dando os betas tenha sido um fator negativo para que eu completasse a via. A sensação de frustração foi sentida não só por mim, mas pelos que estavam dando a segurança e os betas. Trata-se de cuidar de si e do outro na emoção de uma aventura compartilhada, onde os movimentos de troca do corpo com o ambiente tendem a ser, a um só tempo, suaves e intensos (MONTEIRO, 2003, p. 4).

Ao meu lado, quase que escalando a via junto a mim, estava uma escaladora que por vezes até encaixou meu pé nas agarras; abaixo outro escalador também dava os betas e me impedia literalmente de desistir, pois retesava a corda para me manter na pedra com a intenção de que eu seguisse em frente depois de descansar. Se, de um lado, regulamentam-se as possíveis condições de segurança, de outro, é necessário garantir a percepção do risco possível. As sensações associadas ao risco constituem característica fundamental da aventura; negá-lo, na atual configuração, seria ignorar que suor, arranhões e diamantes possam conviver (SPINK, 2002, p.57)

Enfim, ao descer ouvi frases de encorajamento e outras de “parecia fácil não?”. Disse que continuaria a treinar para tentar em outra oportunidade e fui para a pedra ao lado onde fica a via dos *babys*. Outro escalador aproximou-se e disse que ouvir muitas informações durante a escalada prejudica o raciocínio e as tomadas de decisão individuais e que o ideal é que cada um sinta a pedra e que, se precisar solicite os betas,

⁷⁶ O crux da via é ponto considerado de maior dificuldade para ser transposto pelo escalador. Comumente os crux são considerados por unanimidade pelo grupo ou mesmo encontra-se descrito no mapa da via. Porém a percepção da dificuldade de determinado ponto também depende do nível do escalador e suas capacidades físicas para realizar a via. Em meu caso, apesar do ponto não ser considerado pelos escaladores que frequentam a via como um crux, dentro de minhas condições de iniciante aquele era um ponto de dificuldade acentuada.

mas que elas não podem vir sem o pedido de quem esta escalando. Ele me disse pra tentar alguns movimentos na via dos *babys* e me ensinou alguns que me ajudaram em outras investidas.

Sobre os dois escaladores que me acompanharam na via das damas cabe ressaltar que também são monitores na ACE às segundas-feiras, e na Ilha do Boi desempenham um papel semelhante de monitoria. Os mesmos tem um papel de destaque neste lócus, são eles que delimitam as paradas para os lanches e se organizam para sempre estarem por lá apesar de já conhecerem e já terem feito todas as vias.

Como dito no tópico sobre as incursões a ACE, um dos motivos de muitos escaladores deixarem de escalar a pedra da Ilha é que a ideia de realizar a mesma via mais de uma vez somente é considerada atrativa quando a mesma ainda oferece alguma limitação ou nível de dificuldade a ser transposta. Nos muros artificiais, as vias podem ser modificadas com maior facilidade, pois não tem autoria de conquista, isto é, uma via conquistada na rocha é batizada com um nome por seu conquistador e a ele somente é dado o poder de alterá-la, o que não acontece comumente, pois a ideia dos escaladores é ir à busca de novas conquistas, novas vias, novas rochas e *points*.

Em análise, o grupo de escaladores que frequentou a Ilha neste dia demonstrou ser mais descontraído quanto à pretensão das investidas na rocha e brincavam com a expressão “sangue nos zóio” com a intensão de dizer que era preciso determinação para realizar as vias. Eles revezavam-se entre a via dos homens e a via das damas, alguns mais habilidosos que os outros, sendo que os mais habilidosos demonstravam menos interesse pela *performance* e os menos habilidosos, por necessitarem de treino, eram mais concentrados durante as investidas.

Foi perceptível que a possibilidade de inserção durante a terça e quinta-feira em dois espaços distintos Ilha/Muro de Fátima revela a intencionalidade de escolha pelos escaladores que tem a escalada como pratica cotidiana. Ir à pedra da Ilha ou ao Muro em algum desses dias corresponde também à preferência pessoal pelo treino *indoor* ou *outdoor*, pela otimização ou não do tempo de treino e melhora da técnica.

Por fim, quando estavam todos indo embora, às 23hs, perguntei sobre os possíveis perigos de se estar ali até aquele horário e ouvi relatos de escaladores que disseram sentirem-se seguros e que nunca presenciaram assaltos ou atos violentos no local. O volume de pessoas que frequentam a Ilha pode ser considerado maior quando comparado a ACE e, a todo o momento, pessoas chegam e vão embora, algumas só passam para conversar e até mesmo para comer, como neste dia que havia um lanche coletivo. Fui bem recebida e o episódio da tentativa de chegada ao *top hope*⁷⁷ foi como meu batizado entre os frequentadores da Ilha.

4ª incursão⁷⁸: uma segunda chance para escalar a via das damas

Cheguei às 19hs e já havia cerca de dez pessoas no local, entre elas um pai que levou seus dois filhos de 10 e 9 anos para escalar. Enquanto quatro escaladores ocupavam a via das damas e dos machos, os outros ficavam próximos a eles conversando.

Neste dia marquei a entrevista com Baldin e enquanto esperava observei que as crianças rapidamente se “vestiam” com os equipamentos e na sequência, enquanto um escalava, o outro fazia a segurança. A expressão “fazer a segurança” ou, como dizem os escaladores “dar o seg”, é de responsabilidade do escalador que fica na base da via enquanto o outro a escala. A escalada envolve riscos que se devem controlar para preservar a vida. Nesse jogo, a responsabilidade é dividida e aprendida com o outro (PEREIRA, 2013, p. 64).

Ouvi vários relatos durante as incursões sobre a importância de se conhecer a pessoa a quem se escolhe fornecer ou receber a segurança; todos frisaram a importância de se ter confiança no escalador que vai dá o seg. É ele que vai retesar a corda caso ocorra alguma queda, ou seja, diretamente é o responsável pela segurança de quem esta na via. Enquanto os meninos escalavam, o pai que também pratica a atividade observava e fornecia alguns betas sobre a via. Ele fez questão de falar para os presentes que seus filhos eram 9º, ou seja, já haviam feito escaladas bem difíceis, inclusive superiores as vias da Ilha. Percebi que as pessoas que ali estavam não conversavam com ele e ao

⁷⁷ Fim da via.

⁷⁸ Diário de Campo do dia 10/01/2013, quinta-feira.

perguntar o motivo para um escalador que estava próximo tive a resposta de que este pai/escalador é visto como inconveniente pelo grupo por vangloriar os feitos dos filhos. Algo que verifiquei, tanto na ACE quanto na Ilha, é que as pessoas buscam trocar experiências e reconhecer os escaladores por seus feitos, mas também pelo companheirismo, engajamento, humildade, simplicidade, demonstrações éticas e pela generosidade em dar dicas sobre vias e investidas.

Sendo assim, por mais que as crianças não dessem demonstrações de preciosismo, o pai influenciava diretamente para que o grupo se afastasse também das crianças. Por volta das 21hs Baldin chegou e todos o cumprimentaram; ele conhecia todos os que estavam no local, ou por terem sido seus alunos no curso de escalada ou por outras ocasiões de encontro. Como já havia conversado com ele por telefone, nos encaminhamos para um local próximo onde eu poderia entrevistá-lo.

Antes de iniciar a entrevista contei-lhe sobre o episódio da minha tentativa de chegar ao final da via das damas e que não havia conseguido completá-la por ter sentido muita fadiga e pelos excessos de informações que recebi durante a escalada. Baldin demonstrou compartilhar a mesma opinião de outros escaladores que disseram que o ideal é que a pessoa sinta a pedra e busque o melhor caminho para escalá-la e que, caso tenha alguma dificuldade, o pedido pelos betas da via precisa partir de quem esta na via; disse ainda que esta conduta é conhecida pelos escaladores, mas que alguns cometem o erro de não esperar pelo pedido.

Terminada a entrevista fui convidada a escalar novamente a via e aceitei. Quando parei na mesma dificuldade, a escada era o meu crux da via, as mesmas pessoas do dia em que fiz a primeira tentativa começaram a falar e uma delas já se preparava para ficar novamente ao meu lado. Baldin pediu a eles que não interferissem e que se eu não conseguisse a pedra me “cuspiria”.⁷⁹ Após esse comentário me perguntou se eu gostaria que ele me desse os betas. De certo modo ele estava demonstrando aos demais uma forma de conduta diante de uma situação como aquela. Eu disse que sim e segui suas

⁷⁹ Essa é uma expressão utilizada pelos escaladores para figurar o momento em que um escalador cai da via por não ter conseguido realizar algum movimento que o mantivesse na pedra ou mesmo ter se cansado fisicamente ou psicologicamente da investida.

instruções, ele ficou de longe, sentado no chão, dizendo mais sobre a movimentação para que eu alcançasse as agarras do que propriamente onde elas se encontravam.

Eu não senti medo da altura, assim como também não senti no primeiro dia. Meu impedimento estava mais relacionado a superar meus limites físicos e atender as expectativas dos que me observavam. Passei a escada e fiz os próximos lances sozinha. Deixar o crux para trás foi uma sensação incrível de superação, fiquei satisfeita por não ter desistido! Quando cheguei ao *top hope*, olhei para baixo e vi que as pessoas também estavam felizes por mim, ao menos foi o que pude ler de expressões corporais acerca de 15 metros de altura. Consegui mandar mais uma vez a via das damas, mas que essa era minha segunda tentativa em cerca de 4 anos só eu sabia.

Outras pessoas escalaram neste dia e como encerramento das atividades foi comemorado o aniversário de Baldin e outro escalador. Havia bolo, refrigerante, salgados, suco, tudo ali, em cima do refletor que ilumina a pedra.

5ª incursão:⁸⁰ mais sobre a Ilha

Cheguei como de costume às 19 horas. Uma das características da Ilha é a grande rotatividade de pessoas; durante os dias que ali estive e conversando com os escaladores percebi que aquele local é tanto passagem para alguns como rotina para outros.

Os pais que levam seus filhos e que os colocam na via dos *babys* para as primeiras investidas aproveitam para conversar com outros escaladores; os iniciantes em escalada começam a frequentar a Ilha após terem feito o curso básico de escalada, a fim de aprimorar o que aprenderam e criarem vínculos para escalar em outros locais; os escaladores mais experientes e que, estão sempre na Ilha organizam, atividades como idas ao cinema, trilhas e escaladas em outro campo escola,⁸¹ o Morro do Moreno, em Vila Velha.

⁸⁰ Diário de Campo do dia 15/01/2013, terça-feira.

⁸¹ Os campos escola de escalada Morro do Moreno e Ilha do Boi foram citados comumente pelos escaladores entrevistados e nas conversas durante a observação participante como lócus de escalada no ES, tanto para escaladores experientes quanto para iniciantes.

Conversei com um casal que já escala há cerca de 10 anos e que também frequentam a ACE, o Morro do Moreno, a pedra da Ilha do Boi e faz incursões para escalada tradicional em outros locais do Brasil e pelo mundo. Um deles me disse que os dois tipos de escalada ao ar livre, a tradicional⁸² e a esportiva,⁸³ dividem substancialmente a preferência e a rotina dos escaladores.

Em outras leituras referentes à escalada percebi que essa questão relacionada à escolha da modalidade é inerente as características do escalador, como por exemplo, sua faixa etária, disponibilidade para viagens, preparação física. Há indícios de que os mais velhos, que desfrutam de uma independência financeira para poder viajar com maior frequência para escalarem, compõem o grupo que tem preferência por vias tradicionais e que os contrários a essas características são escaladores que têm preferência por vias esportivas.

Sendo assim, esses escaladores me disseram que apesar de preferirem as vias tradicionais, o respeito às preferências de modalidade entre os escaladores, é questão ética a ser respeitada e que dessa forma, as relações entre eles não estão ligados somente a que tipo de escalada pratica, mas, sim, a “filosofia de vida” dos que aderem as atividades na montanha.

A noite de escalada prosseguiu com as mesmas interfaces da, como se intitulam, “Turminha da Ilha”: escaladores na pedra, conversas na base e a parada para a pizza, pedida as terças e quintas por quem esta na Ilha.

6ª incursão:⁸⁴ a preparação para o final de semana começa na Ilha

Cheguei no horário de costume e não escalei neste dia; busquei conversar com os escaladores que ali estavam, falar sobre o que pensam sobre a pesquisa e ouvir seus relatos acerca das impressões sobre o montanhismo e a escalada.

⁸² Com o objetivo de chegar ao cume de vias consideradas longas por terem mais de 100 metros, com ângulos mais positivos e que podem durar mais de um dia de escalada com a união de seus escaladores por cordadas.

⁸³ O objetivo é completar a via até onde esta disposta a ultima costura ou top hope, são vias verticais ou com grau negativo e que tem menos de 50 metros.

⁸⁴ Diário de Campo do dia 17/01/2013, quinta-feira.

Como de costume, os dois “monitores” da Ilha articulavam a escalada enquanto alguns observavam e conversavam sobre outras formas de se passar pela mesma via. Neste dia não se escalou a via das damas (considerada a mais acessível); isso porque os escaladores que ali estavam já tinham um certo grau de experiência e preferiam escalar a via dos machos ou a dos gays.

Estive em contato com algumas pessoas que iniciaram a escalada por meio do curso e com outras que iniciaram pela influência de amigos ou mesmo sozinhas e percebi que, apesar da inserção na modalidade ter se dado de formas diferentes a preocupação relacionada a equipamentos de segurança e controle dos riscos é ponto em comum na fala dessas pessoas quando, por exemplo, algumas delas querem vender ou comprar equipamentos já usados como bouldrier e capacetes. A verdade é que as pessoas não se largam simplesmente a essas atividades e deixam de lado toda a segurança a que estão habituadas.

Neste dia ouvi muitas conversas sobre saídas para escalada no final de semana em outros locais, entre os mais citados está o Morro do Moreno. A saída para a escalada nos *points* como o Morro do Moreno (Vila Velha), o Complexo de Escalada de Viana (Viana) ou o Calogi (Serra), entre outros, são momentos esperados pelos escaladores. É para estarem nas montanhas que aperfeiçoam seus treinos e estreitam seu convívio nos espaços da ACE e da Ilha durante a semana. Visto que a Ilha oportuniza a escalada tanto diurna quanto noturna, é neste lócus que muitos escaladores iniciam e aperfeiçoam sua prática para desafiarem outras vias nos finais de semana, tempo este disponibilizado como opção de lazer e que, segundo relatos, precisa ser aproveitado ao máximo por ser escasso para a maioria.

7ª incursão:⁸⁵ o estilo escalador

Neste dia passaram pela Ilha cerca de 20 pessoas, entre escaladores e familiares. A noite há muito movimento de pessoas devido ao calçadão ser extensivo a Ilha do Boi, de modo que foi comum ver algumas delas pararem suas atividades para observarem os escaladores; outras até se aproximavam para saber como poderiam começar a prática.

⁸⁵ Diário de Campo do dia 24/01/2013, quinta-feira.

Percebi que para estas era sempre dada à mesma resposta: faça o curso básico de escalada com a Planeta Vertical.

Foi possível observar que as pessoas que paravam para contemplar a escalada e “puxavam conversa” com os escaladores referenciavam seu interesse pelo estilo de vida que a atividade poderia proporcionar, ou seja, para explicar sobre o porquê desejavam escalar, elas buscavam se comparar ao que pensavam ser o estilo de vida de um escalador: uma pessoa livre, que gosta da natureza, de aventuras, que enfrenta seus medos, entre eles o de altura, e que gosta de movimentar-se. Contudo, para pensar sobre este imaginário acerca da escalada, pode-se pontuar a construção de Fernandes (1998, p. 116) que vincula a ideia da “busca da excitação como para uma liberação das emoções de forma regrada, o descontrole controlado das emoções”, sendo este um dos pontos de vista a que se pode pensar sobre este interesse por parte do público não praticante.

Faz-se necessário, de antemão, reiterar que as atividades de aventura na natureza estão, igualmente, expostas às condições de reprodução social, uma vez que o movimento ecoturístico mais amplo, no qual estão inseridas, é permeado por relações produtivas e mercantis. Tal movimento de regresso à natureza é ideológico e pode atuar tanto em nome da conservação ambiental e da transformação social, quanto em nome da depredação ou da alienação (MARINHO, 2007, p. 6).

Pela aproximação que tive com o campo pude perceber que muito deste senso comum condiz com o estilo de vida, ou como gostam de mencionar, com a filosofia de vida, dos escaladores. De certa forma, estas ideias foram ouvidas durante as entrevistas e incursões, como na explicação de Naoki sobre como sua prática influenciava em seu modo de viver:

Contato com a natureza com certeza, viver nas montanhas, é uma grande coisa, é um estilo de vida que a pessoa tenta sair um pouco do sistema, tem uma coisa meio do ser alternativo, então você acaba meio que tentando sair de todo o sistema que existe. As pessoas que realmente levam isso ao pé da letra tentam meio que se afastar da sociedade e levar uma vida paralela. As pessoas que não se sentem confortáveis nessa sociedade que respira segurança tentam sair pra isso.

Contudo, cabe ressaltar que há uma construção midiática sobre as atividades de aventura, seus riscos e sensações, que de certo influenciam na construção do senso

comum dos indivíduos que as desejam experienciar ou que simplesmente vinculam observações sobre o que são essas atividades. No final dos anos de 1980, os esportes de aventura – não apenas o surfe – já movimentavam um mercado polpudo. Entretanto, as atividades de risco-aventura presentes nesses anúncios, nem sempre eram dirigidas ao leitor-consumidor (SPINK, 2012, p.53).

Observei que os que ali estavam naquela noite tinham profissões diferentes, eram médicos, estudantes de ensino médio e superior, profissionais liberais, engenheiros, vendedores, mas suas maneiras de se vestir e até mesmo a forma como se aproximavam para uma conversa eram semelhantes. Homens e mulheres usavam roupas confortáveis, que facilitavam sua subida na rocha e alguns, que não estavam lá para escalar, usavam uniformes do trabalho, mas isso não os impedia de sentar na grama para conversar ou lanchar. Contudo, apesar das vestimentas serem semelhantes é necessário ponderar que isso não relaciona uma homogeneidade entre o grupo.

Quanto aos comportamentos que referenciam suas condutas nas tribos, pode-se dizer que o cumprimento é algo marcante, a cordialidade do aperto de mãos ou do abraço, mesmo entre aqueles que nunca escalaram juntos, é algo muito respeitado nos espaços onde pode estar presente. Trata-se de tipos de relacionamentos menos institucionalizados e burocratizados, uma vez que, em certa medida, tendem a fugir da rigidez dos vínculos orgânicos tradicionais, quer eles sejam vinculados ao trabalho, a religião ou façam referência às metáforas familiares (MONTEIRO, 2003, p. 7).

O encontro entre os escaladores da Ilha nesta noite, por exemplo, contou com pelo menos 3 grupos diferentes; um de pais que levaram seus filhos para a via dos *babys*, outro de escaladores que revezavam-se entre as vias dos machos, das damas e dos gays, e outro de pessoas que não foram a Ilha para escalar mas, sim, para interagir com os que ali estavam. Mesmo com esse número elevado de grupos, há um código de conduta que pude observar durante estes dias (e que comecei a tomar como meu sem que percebesse); o de observar em silêncio ou com poucos comentários quem está na via. Os escaladores em geral, segundo relatos dos entrevistados, não gostam que elevem o tom de voz durante as conversas nas bases das vias, pois isso pode atrapalhar a concentração de quem está na rocha.

Observar atento aos movimentos de quem faz a segurança ou de quem inicia a escalada é visto como uma demonstração de presteza, uma demonstração de que se quer aprender com o outro, isto porque, mesmo aqueles que têm mais experiência buscam, tratar o momento na via como algo que precisa de cautela e atenção por envolver riscos.

Sendo assim, é possível analisar que as sensações vinculam as formas de se conhecer o meio e as pessoas, bem como a capacidade individual de sentir atrela-se aos estímulos que acompanham a rotina, favorecendo aqueles que têm mais contato com estes momentos ou que, quando neles, estabelecem uma conexão mais intensa.

Decerto que, por vezes, os escaladores da Ilha sobrepõem a voz ou as risadas, mas sempre há alguém para pedir silêncio, ou mesmo que chame a atenção novamente para os movimentos que estão sendo realizados pelo escalador. Foi assim durante os dias anteriores; entre uma conversa e outra eu prestava atenção aos movimentos dos escaladores durante suas investidas, aprendia sobre como fazer nós para escalada, ouvia sobre como fazer a segurança e recebia algumas aulas sobre movimentação durante a escalada, tudo isso era compartilhado pelos que ali estavam.

Me recordo, em especial, de um desses momentos de aprendizado, quando um escalador chamado Helder, um dos que sempre leva seu filho para a Ilha, se aproximou de mim depois de minha tentativa frustrada de fazer a via das damas e convidou-me a escalar a via dos *babys* para treinar alguns movimentos. Nesse dia ele deixou de escalar para ensinar-me algumas técnicas de posicionamento de mãos e pés na rocha.

Disse-me: “no início é assim, o braço cansa rápido, mas o ideal é que você use mais a perna para se elevar, é treino, daqui a um tempo você vai estar bem melhor”. Já havia ouvido sobre este companheirismo e disponibilidade dos escaladores em ensinar, mas sem dúvida poder sentir esse acolhimento e solidariedade me davam uma noção palpável do que era a socialidade entre os escaladores. Estas ações podem ser explicadas pela fala de Zé Marcio:

Porque a escalada é o tipo de esporte que quanto mais o seu parceiro evoluir melhor pra você! Porque ele vai te levar a lugares que as vezes você não iria sozinho. E vocês vão pra locais que se ele não subir ninguém escalada, os dois tem que evoluir, é importante que a sua turma evolua também. Na escalada rola ajuda ate com grupos que você não conhece, as vezes você tá

em um lugar e não consegue fazer um lance e a pessoa te explica como fazer. Não existe essa gana de ser o melhor, de competição, existe sim a gana de fazer a via, agora eu fazer sozinho e esconder o jogo, isso não.

Trata-se de solidariedades que produzem sonhos, atitudes e expectativas que, aos poucos, modificam a imagem na vida coletiva desses homens que praticam tais atividades, tornando-os mais coesos e solidários. Além do risco, aspectos como habilidade, experiência e praticidade de manuseio também podem ser determinantes para o processo de coesão das comunidades que se formam neste contexto (AZEVEDO, 2010, p. 265).

Mas não é somente nas tribos de escaladores que as “trocas de representações culturais, ou trocas simbólicas de códigos culturais partilhados, independente do grau de racionalidade envolvido na sua elaboração”, acontecem. (MAFFESOLI, 1999 p. 56, citado por AZEVEDO, 2010, p. 266).

Machado (2012, p. 70) relata sobre a reciprocidade em suas observações durante campeonatos de skate e revela: “[...] a partilha de lanches e bebida, o empréstimo de peças de skate, entre outros. Este fato pode ser relacionado ao princípio da reciprocidade, o qual, segundo Marcel Mauss (2003, p. 313), é uma das formas de organização da sociedade, que consiste no dar, no receber e no retribuir”.

Azevedo (2010, p. 265) também destaca esses comportamentos entre suas observações sobre um grupo de voadores: “[...] tal solidariedade, em nosso caso, entre grupos de voadores permite a possibilidade de reunir indivíduos de diferentes condições, num momento de intensa comunicação. Momentos passageiros e perecíveis, porém muito intensos”.

A partir desses relatos é possível enfatizar a importância dessas condutas para o prosseguimento das relações entre as pessoas que compõem essas tribos e que estas condutas caracterizam um traço marcante entre suas formas de estar.

8ª incursão:⁸⁶ ser do pedaço, as apropriações das condutas

⁸⁶ Diário de Campo do dia 29/01/2013, terça-feira.

Para fazer parte do pedaço⁸⁷ da Ilha ou de algum dos grupos a que convivi, não basta apenas frequentá-lo; percebi, durante as incursões, que o ciclo de amizades a que está vinculado o indivíduo, o tempo que ele dedica a escalada e a fluidez com que ele percorre as diferentes tribos de escaladores, contribui significativamente para o reconhecimento dos indivíduos dentro dos grupos.

Durante as primeiras incursões eu tinha a sensação de ser somente uma pesquisadora entre escaladores; porém, com o passar do tempo e pela disponibilidade com que me colocava para aprender na prática sobre escalada, percebi que houve um estreitamento meu junto ao grupo. Meu perfil de escaladora em iniciação começava a transpor o de pesquisadora e isso contribuiu para que eu compreendesse mais sobre as tribos com quem convivi e sobre como elaboram suas práticas e rotinas.

Para essa imersão no campo, os relatos de Whyte (2001, p. 304) em sua “Sociedade de esquina”, me ajudaram a refletir sobre as melhores maneiras de agir ou, por vezes, o que deixar para trás quando o assunto é integrar-se ao grupo. Em um dos trechos de sua obra sobre Conerville, ele reflete sobre uma lição acerca das posturas perante as pessoas com a qual convivia:

A lição foi muito além do emprego de obscenidade e vulgaridades. Aprendi que as pessoas não esperavam que eu fosse exatamente igual a elas; na realidade, estavam interessadas em mim e satisfeitas comigo porque viam que eu era diferente, bastava que tivesse interesse amigável por elas. Abandonei, portanto, meus esforços de imersão total. Ainda assim, meu comportamento foi afetado pela vida na esquina.

Para mim as coisas também começavam a fluir. Neste dia, por exemplo, quando disse que havia me inscrito na turma do curso de escalada do Planeta Vertical, cujo proprietário é Baldin, ouvi muitos conselhos de que esse seria o melhor caminho para começar a escalar pois com o curso teria a possibilidade de aprender sobre as técnicas necessárias para escalar melhor e com mais segurança. Um dos escaladores com quem conversei, Pedro (Graveto), disse que faria parte da mesma turma que eu, e que mesmo que já soubesse algo sobre escalada a ideia com o curso era aprimorar-se.

⁸⁷ O termo “pedaço”, no sentido antropológico do termo, é definido “[...] quando o espaço – ou segmento dele – assim demarcado torna-se ponto de referencia para distinguir determinado grupo de frequentadores como pertencentes a uma rede de relações” (MAGNANI, 2000, p. 32).

As palavras de Pereira (2013, p. 63) traduzem bem o sentimento que tinha ao perceber que o momento de estar em maior contato prático com a montanha aproximava-se: “Participar da escalada é uma luta constante, não apenas contra a própria morte, quando a aventura chega aos limites físicos do ser humano, mas uma luta para compreender as nossas relações com a natureza”. Para além do contato com a natureza, a experiência do curso, como dito por muitos escaladores a quem tive a oportunidade de conversar, seria um divisor de águas sobre minha perspectiva da atividade; segundo eles: ou eu escalaria para sempre ou guardaria a sapatilha como lembrança.

Ainda não me sentia totalmente do pedaço, talvez porque não tivesse participado efetivamente da equipagem das vias que escalei e não tivesse recebido convite para escalar em algum dos *points* junto a algum grupo; precisava me sentir útil para o grupo e para isso precisava conhecer os procedimentos básicos para se escalar. Não estou falando sobre a movimentação necessária para se alcançar um *top hope*, mas, sim, a maneira que deveria armá-lo na pedra.

Durante esta última incursão, procurei perceber as condutas dos que colaboravam para fazer da Ilha um pedaço diferente da ACE. Os oito escaladores que estavam na base da pedra da Ilha conversavam sobre suas investidas do final de semana e comentavam sobre o tempo quente que prejudicava a escalada em alguns setores do Calogi,⁸⁸ falavam sobre os crux e davam dicas de como passá-los.

Segundo relatos, esse grupo já se conhecia há quase cinco anos e sempre que era possível estavam juntos na pedra. Percebi que somente o tempo de convivência e a experiência adquirida junto aos grupos faria com que me sentisse daquela ou de qualquer outra tribo. A intimidade percebida entre eles foi construída pela necessidade que tinham em confiar suas vidas uns aos outros durante as investidas em paredões com vários metros de altura e isso era intransferível e não podia ser simulado.

A Ilha é um lócus diferenciado para os que praticam a escalada e os que a frequentam estabelecem uma mediação dentre os códigos de conduta dos escaladores. Contudo, foi nesse espaço que surgiu a idealização da ACE, sendo a Ilha seu primeiro espaço, e,

⁸⁸ O Calogi é um *point* de escalada esportiva localizado na Cidade de Serra, ES.

apesar de os dois territórios terem suas particularidades, a Pedra da Ilha do Boi pode ser considerada a fonte de alimento para aqueles que têm fome de pedra e não podem esperar pelo final de semana.

CAPÍTULO IV

Curso básico de escalada: experiências distintas ao longo da via

O curso básico de escalada é uma das opções para quem deseja ingressar na atividade. Durante as idas a campo conheci e entrevistei pessoas que iniciaram de formas diferentes na escalada, algumas por convite de amigos, por ingresso no campo onde os escaladores frequentam ou, como iniciei, fazendo o curso de escalada. Para qualquer um destes “inícios”, o que se espera das atitudes dessas pessoas são comportamentos de respeito, iniciativa e acuidade com o ambiente e com o outro. O companheirismo decorrente emerge das horas de vivência na montanha; esse comportamento solidário pode ser percebido mesmo entre grupos ou pessoas que não se conhecem.

O curso de escalada foi um momento propício para entender, na prática, o que a montanha e as pessoas que a frequentam falam, fazem, sentem. Meu professor, Oswaldo Cruz Baldin, desenvolve atividades nas montanhas há mais de 13 anos. Seu curso é destinado a pessoas que querem escalar com segurança e conhecer os princípios históricos, éticos e técnicos necessários ao montanhista e escalador. Foram 5 dias de atividades intensas, com ressalva do primeiro dia, onde fomos convidados a entender alguns princípios teóricos e históricos das modalidades de montanhismo. Esta primeira aula foi desenvolvida na sede da ACE, que é utilizada uma vez por mês para o início de novas turmas de escaladores.

Além de mim, mais três pessoas participaram do curso, sendo uma guarda de trânsito municipal, um advogado que também atua como personal trainer, e um estudante de 15 anos cujo empenho para aprender a modalidade já era anterior ao curso. Todos nós já havíamos tido alguma experiência na montanha, com rapel, trilhas, entre outros, porém, todos buscavam maior compreensão técnica sobre a escalada. O curso aconteceu em fevereiro, por 5 dias, com a seguinte programação de locais: primeiro dia (quinta-feira das 18hs às 22hs) – sede da ACE; segundo dia (sexta-feira das 18 às 22hs) – Pedra da Ilha do Boi; terceiro dia (sábado, das 7hs às 18hs) – Morro do Moreno; quarto dia (domingo das 7hs às 18hs) – Complexo de Viana; quinto dia (segunda-feira das 7 às 12hs) – Ilha do Boi.

1º dia do curso

No primeiro dia de curso fui a primeira a chegar; na verdade só Baldin estava na ACE. Meus colegas, Samanta, Pedro e Gustavo, chegaram, respectivamente, em seguida. Pedro já frequenta a ACE faz algum tempo e seu nível de escalada é considerável. Ele é um adolescente tímido e relatou não gostar de praticar outras atividades se não a escalada; inclusive nas aulas de educação física escolar prefere não participar, se for possível escolher. Em suas palavras, a escalada propicia a ele contato com muitas pessoas, normalmente mais velhas, e não é competitiva, característica que segundo ele o atraiu. Samanta relatou estar em busca de um maior contato com a natureza e com pessoas que gostam de estar em atividades ao ar livre. Gustavo desenvolve algumas atividades relacionadas a atividades de aventura na instituição em que trabalha e estuda.

Após as primeiras apresentações, Baldin tomou a palavra e explicitou o cronograma do curso. Disse que o importante é que após o mesmo continuássemos a escalar para que as informações adquiridas não se perdessem. Indicou, ainda, que um bom caminho para se integrar com os demais escaladores é frequentar a ACE e locais como o Morro do Moreno e a Pedra da Ilha do Boi. Ele iniciou sua fala apresentando os equipamentos necessários para se iniciar na escalada e atribuiu o sentido de investimento quanto à compra de materiais.

Depois falou sobre condutas na montanha, o tratado do Tirol e disse que um dos principais objetivos do curso é fazer com que nós compreendêssemos sobre o código de ética dos montanhistas, sobre a preservação dos locais e comportamentos nos locais de prática. Relacionou a preservação e cuidado com os locais frequentados com a aceitação ou repúdio da permanência de escaladores nessas áreas pelos moradores e proprietários. Explanou sobre a relação do homem com a natureza de forma que sua frequência cause o menor impacto possível sobre as rochas e trilhas por onde passa. Ainda sobre esse assunto, garantiu que o tema seria aprofundado durante o curso.

As explicações de Baldin deram sentido a outros momentos das incursões em que ouvi falar sobre estes assuntos. Pode-se dizer que seu papel enquanto formador de escaladores em iniciação permeia o reforço às condutas éticas, símbolos e ideários já presentes nos campos de escalada a que estive presente. Baldin fez um relato sobre a

história do montanhismo no mundo, no Brasil e no ES; apresentou vídeos e imagens que considera expressivas nesse contexto.

Após relacionar esses momentos do montanhismo, ele se inclinou a apresentar a atividade montanhismo e suas modalidades. Em sua aula, disse considerar o montanhismo como uma atividade ou prática e não um esporte; porém, fez a consideração que dependendo do enfoque dado a modalidade, e se a mesma for utilizada para promover competições, poderia, sim, ser considerada uma prática esportiva. Ele concebeu que cada pessoa, ao ingressar no montanhismo, escolhe sua forma ou suas formas de se relacionar com a montanha. Sendo assim, as modalidades são delimitadas pelo tipo de via que se deseja investir, sendo elas tradicionais, *big wall*, esportivas, *boulder's*, *indoor* (em muros). Ennes (2013, p.36) compartilha dessa visão e enfatiza que “[...] o montanhismo moderno abrange um largo espectro de atividades, indo das caminhadas e escaladas em boulders às escaladas em paredes com grande nível de complexidade e formas extremas em alta montanha e expedições em grandes altitudes”.

Por fim, ele mencionou a importância dos conhecimentos acerca da segurança durante as atividades e que o respeito aos limites corporais deve ser sempre observado. Ele usou a expressão “a montanha te cospe” para entendermos sobre a relação existente entre os conhecimentos técnicos e éticos necessários para se prosseguir na atividade com segurança. Sobre a conotação de segurança Ennes (2013, p. 37) a partir de sua experiência como montanhista, relata que “[...] a segurança nas atividades de aventura ao ar livre é, indubitavelmente, um aspecto relevante a tais práticas. A segurança significa a salvaguarda de vidas humanas, do patrimônio e do meio ambiente”. Portanto, se há necessidade de se falar em segurança é porque houve uma percepção de risco. Baldin deixou claro que o maior intuito do curso era nos ensinar sobre os procedimentos para conter os riscos na montanha e saber como agir em situações adversas, ao contrário do que imaginei no início, o foco não era ensinar como escalar, digo quanto ao ensinamento das técnicas e movimentos.

Os termos utilizados por Spink (2012) para caracterizar os diferentes tipos de risco contribuíram para minha compreensão acerca da fala de Baldin sobre as formas de se estar e praticar as atividades de aventura, em específico a escalada. A autora descreve três tipos de risco: Risco-perigo: às experiências de infortúnios muitas vezes

imprevisíveis que fogem das possibilidades de cálculo. É uma tradição raramente considerada nas análises de risco, mas que certamente se faz presente nas análises discursivas dos modos de falar sobre risco no cotidiano. Risco-probabilidade: medidas coletivas destinadas a gerenciar a distribuição e o movimento de pessoas nos espaços físicos e sociais. Concerne a uma nova tecnologia dirigida ao corpo-espécie que, segundo Foucault (2005), foi introduzida na segunda metade do século XVIII, passando a complementar as tecnologias disciplinares já em operação, essencialmente centradas nos corpos individuais. Risco-aventura: engloba um conjunto de repertórios sobre risco que exhibe conotações que fazem do ‘correr riscos’ uma prática necessária para alcançar determinados ganhos. Nessa perspectiva, a relevância está na satisfação subjetiva – inclusive na modalidade das emoções radicais – e não em uma lista predefinida de efeitos indesejáveis (SPINK, 2012, p.46).

Contudo, sob outra perspectiva, Le Breton (2009, p. 11) infere que “[...] o risco é uma noção socialmente construída, eminentemente variável de um lugar para outro e de uma época para outra”. Para o autor, risco e segurança são palavras contemporâneas e sua empregabilidade permeia medidas sociais e culturais para conter ameaças de ordem, ou seja, existem medidas socioculturais para afastar o risco, porém ele surge como dado antropológico que atravessa a condição humana. O autor destaca a diferença entre risco, como algo que pode ser calculado, e perigo, como algo iminente e destaca que o único risco que é valorizado na sociedade contemporânea é aquele que pode ser escolhido ou medido por aquele que jogará com as consequências de corrê-lo. É uma escolha proporcional ao que ele avalia serem suas competências. No restante do tempo ele está atento a própria segurança. (LE BRETON, 2009, p. 26).

Spink et al. (2005, p.162) valem-se das construções de Machlis e Rosa (1990) para tratar de outro termo relacionado ao risco: o risco desejado. Segundo a autora este “refere-se às atividades ou eventos que têm incertezas quanto aos resultados ou consequências, e em que as incertezas são componentes essenciais e propositais do comportamento. Acatam, assim, a impossibilidade de compreender risco apenas na perspectiva racionalizadora da análise de riscos, entendida como a triangulação entre cálculo, percepção e gerenciamento dos riscos”. A autora ainda apresenta o “[...] termo risco-aventura será empregado para enfatizar um deslocamento importante dos sentidos modernos do risco que recuperam a aventura como dimensão positiva dos riscos” (SPINK, 2012, p. 26). Sendo assim, as menções ao risco que foram escutadas durante as

incurções e durante o curso de escalada aproximam-se dessas características apresentadas por Spink (2012), quando relaciona o risco aventura e risco desejado, e de Le Breton (2009), quando caracteriza o risco mediado pelas percepções socioculturais. Quanto ao conceito atribuído ao risco durante o curso foi possível apreender a vinculação de que seria algo que pode ser mensurado e calculado com a intenção de evitar acidentes durante a prática.

2º dia do curso

No segundo dia, o grupo se encontrou pontualmente às 18hs na Pedra da Ilha do Boi; creio que a pontualidade foi motivada pelo anseio de todos em escalar. Os primeiros procedimentos foram com relação à utilização dos equipamentos. Capacetes são de uso considerado obrigatório. Compõe o kit básico: bouldrier (cadeirinha), 3 mosquetões, fita solteira, 3 cordeletes e o freio. Baldin afirmou ser necessário que todos checassem os equipamentos entre si e que esse era um procedimento que deveríamos adotar em todos os momentos. Creio que as falas dele remetem a situações que serão vivenciadas durante momentos de escalada e não são somente de procedimento para o curso. Após isso foi ensinado a fazer ancoragem, ainda no chão, incluindo nós, montagem do *top hope* para vias e procedimentos e segurança.

Fomos divididos em duplas para fazer o que foi ensinado nos pontos de ancoragem no alto da pedra da Ilha do Boi. Tudo foi acompanhado de perto por Baldin, mas senti que a todo o momento éramos cobrados quanto à autonomia para a utilização do que foi aprendido. Depois de montado o *top hope* descemos fazendo rapel e fomos convidados a escalar a via das “damas” e a dar a segurança uns para os outros. Dias antes do curso, em minha primeira ida para conhecer o grupo de escaladores que frequentavam a Ilha do Boi, fui convidada a fazer a mesma via: a das “damas”.

Neste dia, como relatado no diário de campo da Ilha do Boi, não consegui escalar devido a vários fatores; entre eles a grande quantidade de informações e “ajuda” para completá-la, falta de condicionamento físico e pouco experiência em perceber a pedra. Durante o curso foi diferente; tive a oportunidade de experimentar novamente a sensação de estar parada diante da limitação de passar o lance da escada, para mim o crux da via, para outros uma passagem fácil.

Desta vez não ouvi muitas informações; na verdade, só as ouvi quando pedi ajuda. Baldin explicou como seria o posicionamento de pés e mãos nas agarras e para a aderência na pedra e eu simplesmente consegui! Digo simplesmente porque desta vez a apropriação das informações foi bem sucedida e não me senti impelida a continuar, mas, sim, desafiada a conseguir chegar até o fim. Baldin falava da Pedra, mesmo com a pouca iluminação que ela recebia, como se estivesse ali, vendo cada fissura, cada apoio, cada agarra. Fiquei impressionada com a destreza e paciência que ele falava sobre a rocha.

Treinamos o escalar, o rapel e, ao final, o desmonte da via. Confesso que me esgueirei de desmontar a via por considerar que aquele é um momento de extrema tensão, onde um erro pode acarretar transtornos e até acidentes. Ainda não me sentia preparada. Neste dia Pedro e Gustavo desarmaram o top hope e recolheram a corda. Não falei com eles sobre meu medo de estar naquela situação.

3º dia do curso

O terceiro dia de curso, no Morro do Moreno, foi longo e o objetivo era vivenciar a escalada de vias mais longas, que se assemelhassem as tradicionais quanto aos procedimentos. Cheguei às 7hs. Estacionei o carro no início da trilha e pude perceber que várias pessoas se preparavam para subir: um grupo de excursão de jovens, dois homens, um grupo de escaladores (alguns já haviam se encaminhado e outros ainda iniciavam a subida). Perguntei a uma moradora que varria a calçada se o movimento era sempre assim. Ela disse que sempre há muitas pessoas subindo e que sempre há escaladores no Morro. Perguntei sobre a relação dos moradores com os grupos e ela disse que não vê problemas, até porque aquela área é somente do início da trilha e que a maioria das pessoas que sobe é pra ver a paisagem, fazer trilhas ou escalar.

Pedro chegou acompanhado dos pais e, em seguida Baldin, Samanta e Gustavo. Gustavo demonstrou estar cansado e impaciente. Os demais demonstraram felicidade por estarem lá. Iniciamos a trilha que daria acesso a uma das vias que escalaríamos e no decorrer pude observar que havia muitos escaladores no local, que seguiam para outras vias de escalada, assim como pessoas que fumavam maconha, outras que faziam trilhas,

outras que estavam apreciando a paisagem, enfim um público diversificado frequentando o mesmo espaço.

Baldin disse que a experiência no Morro do Moreno, da forma que faríamos, seria um divisor de águas. Experimentaríamos a sensação de uma escalada tradicional e no pacote a sensação de desgaste físico e emocional ocasionada por ela. As trilhas para chegar às vias, ao menos as que percorremos, são fáceis e bem direcionadas, sendo frequentadas não só por escaladores. Ao chegarmos na base da pedra, foram dadas algumas instruções sobre a cordada. Foi mais uma vez realçada a importância da comunicação entre os escaladores bem como a segurança. Baldin guiou⁸⁹ a via; eu fiquei encarregada de dar a segurança dele enquanto subia. Após isso eu subiria, tendo Samanta fazendo minha segurança, depois ela subiria com Gustavo fazendo sua segurança e assim sucessivamente, com Pedro fechando nossa cordada⁹⁰.

Foi um dia de muito sol e calor intenso. As conversas entre nós eram sempre bem informais. Falamos sobre escalar em outros locais e sobre o batismo, momento em que faríamos uma escalada por uma via de mais de 100 metros. Sobre as menções ao batismo como um rito de passagem, Azevedo (2010, p. 276), em seus relatos sobre os praticantes de vôo-livre, cita o entendimento exposto por Maluf (2005), para quem “[...] o rito permite uma dupla interface de contato. Primeiro entre pensamentos conscientes e pensamentos inconscientes, contribuindo à superação dos receios. Segundo, entre pessoas com status diferentes, a partir da repetição dos mesmos gestos e do compartilhamento de uma mesma experiência”. Dada a influência da ritualização sobre a conduta dos participantes, a autora assevera uma dimensão intencional do rito (AZEVEDO, 2010, p. 276).

Enfim, conversávamos sobre nossas sensações, sobre nossos medos, sobre o cansaço e sua superação para se chegar ao topo das vias. Também durante nossas conversas foram mencionadas as preferências por vias longas ou curtas e Gustavo demonstrou preferência pelas vias esportivas. O clima era de coleguismo e de satisfação por estarmos fazendo uma via importante do Moreno. Ainda não demonstrávamos cansaço.

⁸⁹ O ato de guiar a trilha refere-se a ir na frente inserindo os pontos de ancoragem e segurança por meio de costuras (equipamento por onde passam as cordas dos escaladores).

⁹⁰ Termo utilizado para ilustrar o ato de os escaladores estarem ligados a mesma corda.

Fizemos duas paradas para completar a via. Era perceptível que a sensação do risco sendo controlado contribuía para que pudéssemos apreciar a vista do alto da rocha. Apesar do cansaço a superação dos limites, ou seja, a confiança nos equipamentos, nos procedimentos básicos que estávamos aprendendo e principalmente no guia, deixou-me, particularmente, mais a vontade de forma a diminuir minha tensão diante da altura que estávamos. Sobre essa sensação de controle e percepção dos riscos, Cantorani e Oliveira (2010) pontuam que “[...] o fenômeno apresentado acontece dentro de uma esfera em que o risco é monitorado, é controlado, é amenizado”.

Os pés cansavam devido o “aperto” da sapatilha; nesses momentos era importante respirar fundo e pensar no próximo alcance. Foram momentos de autonomia para a descoberta dos melhores caminhos pela via. Estávamos simulando uma via longa ou tradicional; creio que para nós começou a se desenhar as diferenças entre escalar na Ilha do Boi e estar de frente com um paredão, ora positivo, ora vertical, do Moreno com vista para o abismo e o mar. A exigência física e o desgaste emocional são maiores. Samanta estava extremamente incomodada com sua sapatilha; na verdade, todos estávamos. Elas são apertadas para garantir melhor aderência à pedra e esquentam por conta de sua borracha estar intensamente exposta ao calor da pedra.

O momento de chegada e ancoragem não foi o fim, pois quem chegava deveria recolher a corda e fazer a segurança de quem estava por vir, o que tornava a tarefa desgastante até os últimos momentos. Escalar é bem diferente de fazer rapel; esta foi a frase que disse a Baldin assim que terminei a via e comecei a puxar a corda para que Samanta subisse. Comumente as pessoas são conduzidas as atividades de aventura por vivencias mais brandas do ponto de vista do esforço físico, entre essas opções de atividades está o rapel.

O rapel é uma das vias de entrada para a escalada, normalmente é um dos produtos vendidos pelas empresas de turismo de aventura, fato que pôde ser ratificado entre nós naqueles dias, pois todos já havíamos pago para desfrutar dessa atividade. Durante as incursões também conversei com algumas pessoas que afirmaram terem iniciado sua prática da escalada após terem uma ou mais vivencias com o rapel. Contudo, descer de “baldinho”, como costumam dizer quando uma pessoa esta sendo descida de uma via

por quem está realizando sua segurança, não se compara ao esforço de ascender. “Para baixo todo santo ajuda, quero ver subir”, disse brincando com Baldin e Samanta.

Baldin observava tudo, atento, tirava fotos e sempre corrigia-nos quando nos descuidávamos da própria segurança ou dos colegas. Pude constatar o que ele havia dito durante a entrevista: “[...] o que me motiva a fazer sempre o mesmo caminho é ver a satisfação das pessoas ao se superarem”.

Quando todos chegaram ao fim da via, o desgaste era perceptível; era aproximadamente 11 horas da manhã. Fizemos o rapel até a base, recolhemos o material e fizemos a trilha até chegar a um local para descanso e almoço. Usei a palavra “almoço” para referir-me mais ao horário do que ao tipo de refeição que fizemos. O intervalo foi para descansarmos e comermos sanduíches ou biscoitos, além de ingerir muita água. Durante nosso momento de descanso, um grupo de rapazes fumou maconha bem próximo a nós; eles não pertenciam a nenhum grupo que estava escalando no dia e isto foi verificável pela ausência de equipamentos de escalada.

Por volta das 12:30hs começamos a juntar os equipamentos e nos encaminhar para a 2ª via do dia. Na trilha encontramos com escaladores, homens e mulheres, que faziam as diversas vias espalhadas pelos paredões do Moreno, em maioria vias esportivas. Fizemos uma parada em uma delas para conversar com esses escaladores; Baldin me apresentou como pesquisadora e aluna e os que ali estavam já tinham tido acesso aos e-mails encaminhados a ACE sobre a pesquisa, bem como o endereço para responderem ao questionário.

Durante a trilha Gustavo machucou o tornozelo; mas antes disso já estava reclamando de dores e cansaço. Estava de forma perceptível incomodado de ter que fazer mais uma via e começou a incomodar o grupo. Mais tarde percebi que um dos motivos do seu desconforto era a tensão que estava sentido por ter que fazer as vias. Ele tremia e de certa forma estava agindo no automático; estava nervoso e, aparentemente, com medo de fazer a 2ª via, que era mais arriscada e mais alta que a primeira. Suas reclamações foram uma forma de desviar o foco de seu nervosismo por ter que enfrentar um novo desafio.

Ao chegar no primeiro platô de rocha creio que todos percebemos que ali começava o maior desafio do dia. Eu tentei manter uma calma aparente, mas senti medo. Ventava muito, a rocha estava muito quente e estávamos nos equipando novamente para passar para o próximo platô. A travessia era relativamente curva, mas não tinha vista para o outro lado; estávamos em um abismo; à nossa frente a vegetação e, no horizonte, o mar de Vila Velha e Vitória unidos pela 3ª ponte formavam uma paisagem belíssima que me fazia por alguns momentos deixar a tensão pela apreciação. O temor, a religiosidade, o pitoresco, a possibilidade de conquista e do benefício à saúde, além da necessidade de proteção e utilização da natureza são, portanto, sentimentos e sensações que o ser humano carrega hoje de forma mesclada em relação às montanhas e que afloram quando são contempladas paisagens onde estão incluídos elementos montanhosos (STRUMINSKI, 2003, p. 123).

Fomos novamente unidos em cordada; Baldin nos alertou que, durante a passagem, teríamos que ficar bem grudados à rocha vertical; havia poucos apoios para os pés e mãos, teríamos que aproveitar a aderência da sapatilha com a rocha para transpor o corpo até o outro lado. Todos estavam muito calados e ouviam atentos as instruções. Uma delas era referente a uma possível queda; quem caísse experimentaria o pêndulo da corda e ficaria suspenso no abismo. Como dizem os escaladores, eu estava adrenada,⁹¹ um misto de excitação e medo, sabia que se caísse estaria segura pelas cordas, mas cair naquela situação não seria nada confortável, porque eu teria que escalar duas vezes a altura que despencasse para voltar ao ponto onde estávamos.

Nestes dias de ida aos campos onde estão os escaladores, percebo que cair não é nunca desejável, pois simboliza certo desprendimento, ocasionado ora pela não superação de um desafio, ora pelo cansaço, ora por um erro de cálculo. Ninguém quer cair, escaladores não gostam de cair, e não é pela insegurança nos equipamentos de segurança, mas creio pelo descontentamento de ter que deixar a rocha, ou ser “cuspidor” por ela. Para alguns montanhistas a atividade teria ainda um forte valor simbólico frente a sociedade à qual pertence, pelo fato de poder em “olhá-la de cima” e superá-la (de onde se origina o termo “alpinismo social”). Assim, se o ideal do montanhista é “vencer o medo”, “vencer a montanha” (visão dominionista), conhecer, auto-conhecer-

⁹¹ Estar adrenado é um termo utilizado para referenciar a sensação de descarga de adrenalina durante um momento de tensão. Esta tensão é revertida em uma maior atenção ao que se passa.

se, cooperar ou outro qualquer, variará conforme a pessoa ou mesmo o momento histórico de uma sociedade (STRUMINSKI, 2003, p. 124).

Gustavo estava visivelmente abalado com a situação. Na investida, por ordem de saída, estavam Baldin, Pedro, Gustavo, Samanta e Eu. Lembrando que o último a passar pela via é que recolhe as costuras deixadas por quem guiou. Respirei fundo e fui; tive dificuldades de tirar as costuras; um dos pés escorregou e acabei segurando no grampo (o que não é desejável quando se escala), mas ao final consegui chegar ao platô. Chegar até o outro lado foi excelente! Pensei ter passado pelo maior sufoco do dia e fiquei satisfeita porque consegui me manter focada durante a travessia.

Estávamos visivelmente cansados, talvez Pedro e, obviamente, Baldin, menos. Antes da última investida tivemos conversas sobre a paisagem e sobre como aqueles eram momentos únicos de superação. A próxima via era positiva, porém exigia esforço e concentração, já que estávamos chegando ao ponto mais alto, com vento forte. Unimo-nos na cordada e um após o outro fomos experimentando o prazer de chegar ao cume. Sinceramente, nem parei para olhar a paisagem, não olhei pra baixo, só desviei o olhar por um momento para ver o mar e prossegui rapidamente. Baldin ainda fez brincadeiras com minha rapidez ao chegar ao cume. Eu queria chegar, travei os dedos na pedra e subi o mais rápido que pude; meu medo era de deslizar ou perder o foco; estava me superando. Ainda bem que dessa vez não fui a última da cordada a ter que recolher as costuras.

A chegada em cima da pedra foi permeada por várias sensações, que dividimos uns com os outros, como a superação, o medo de estar no limite (físico e mental), a satisfação e felicidade por termos conseguido e o vislumbre da paisagem. Tiramos muitas fotos, nos abraçamos e agradecemos a Baldin pelos ensinamentos. Foi um momento de fruição, ao menos para mim. Baldin contou algumas histórias de chegadas a cumes e disse que a maioria deles tem um livreto/caderneta, com relatos dos que chegaram ao topo. Isso me instigou a querer lê-los, creio que também aos demais.

Naquele momento ouvi meus colegas falando sobre o que os motivou a fazer o curso; uns por enfrentamento da rotina, outros para sair de um estado estável e de poucos amigos que causava certa depressão, outros por quererem a escalada como atividade

física e de superação, e talvez todos com vontade de estar próximos a natureza e desfrutar de momentos únicos de contentamento e autoconhecimento. A busca do desafio, do perigo, do novo, da incerteza de resultados, da emoção, da conquista e da vitória obtidos pela aventura é uma característica inerente à natureza humana. Nos dias atuais as aventuras podem ser vivenciadas pela prática de uma quantidade de diferentes modalidades de atividades, transformando-se em contraponto a tranquilidade gerada pelos avanços tecnológicos, o conforto e as conquistas sociais que a humanidade tanto lutou e conquistou a partir do século passado (ENNES, 2013, p. 48).

Agora nos preparamos para a descida. A pior parte para mim. Durante vários momentos do curso, tivemos que montar as ancoragens para *top hope*, rapel, bem como desmontar tudo e fazer o rapel de fuga.⁹² Fugi o quanto pude do momento de desmontagem e montagem da ancoragem e de rapel de fuga, pelo medo de errar. Estes momentos são os que nos encontramos sozinhos e tendo que tomar ações ordenadas e orientadas na segurança para descer e levar junto os equipamentos. Sobre essa sensação de risco, Ennes (2013, p. 37) pontua que “[...] é importante ressaltar que a segurança plena no montanhismo é algo impossível. O objetivo da segurança é neutralizar os agentes agressivos, mas as ações nunca são totalmente eficazes. Por melhor que seja o sistema de gestão de segurança sempre permanece o risco residual”.

Ficar só e fazer todos esses procedimentos embaraçaram-me durante todo o curso; eu não me sentia segura, tinha medo de desconectar o mosquetão ou fazer algum procedimento errado. Meus colegas estavam mais seguros que eu quanto a isso. Para mim o problema não era a altura ou a exposição e, sim, ter que fazer a conexão e desconexão com a pedra. Baldin se sentou próximo a ancoragem e auxiliou um por um no rapel. Eu fui à última e travei. Esqueci tudo o que havia aprendido nos dias anteriores, como um lapso, não sabia que atitudes tomar. Fiquei tensa e simplesmente não conseguia me lembrar dos procedimentos, não conseguia confiar nos equipamentos, como minha solteira (fita que me une a pedra enquanto o rapel é preparado). Baldin foi muito paciente, não me apresentou os procedimentos novamente, mas me ajudou a lembrar de cada um. Demorei cerca de 30 minutos para fazer o que os demais fizeram em 10 minutos.

⁹² Rapel de fuga é aquele em que o escalador desfaz a ancoragem e monta o rapel de forma que quando chegar embaixo da via possa recolher a corda.

Para mim este foi o maior desgaste do dia. Fiquei frustrada porque não fui autônoma em algo essencial: descer da pedra ao fim da escalada. Durante todo o dia segurei algumas emoções e busquei me manter equilibrada. Os momentos de risco alternavam-se aos de satisfação, até aquele momento. Quando descemos do Morro do Moreno, estávamos felizes, cansados e satisfeitos pelas superações. Gustavo não deu certeza da participação no outro dia, por conta do pé, mas todos sabíamos que ele estava emocionalmente abalado com o dia; foi o que menos conseguiu equilibrar suas emoções. No fim do dia eu chorei ao chegar em casa, um choro de frustração, de felicidade e de libertação do medo que havia tentado esconder durante o dia.

4º dia do curso

O 4º dia do curso de escalada aconteceu no Complexo de Viana e na Ilha do Boi, foi a oportunidade de vivenciarmos a escalada esportiva. Existem várias vias no local de níveis diferentes; é um local de fácil acesso, onde como dizem os próprios escaladores “se pode dar a segurança de dentro do carro”.

Gustavo chegou um pouco atrasado no ponto marcado para saída, mas compareceu; fomos todos no meu carro. A experiência em uma via totalmente vertical foi empolgante para todos e também um bom momento de reflexão sobre as preferências quanto à modalidade de escalada. Gustavo e Pedro disseram preferir as vias esportivas, já Samanta disse que prefere as vias mais longas e positivas. Eu ainda não sabia o que definir.

Foi um dia intenso, em que tive a oportunidade de buscar completar a via várias vezes. Os meninos conseguiram; Samanta e eu não, mas isso não retirou a satisfação de termos buscado chegar o mais longe possível. Em minha última investida para chegar ao fim da via, fui convocada a desmontá-la e fazer o rapel de fuga. Rolei-me na pedra, pois as forças para escalar acabaram; Gustavo e Pedro deram uma ajuda puxando a corda para que eu chegasse até a ancoragem. Foi uma chegada “roubada”, como dizem os escaladores, mas para mim foi um momento valioso de superação.

Senti-me melhor desta vez e, apesar de ter demorado em desmontar a ancoragem, me senti segura ao fazê-lo e pude contar com a ajuda de todos. Entendo que, nas vias esportivas, as descidas e subidas são sucessivas bem como a alternância dos escaladores nas mesmas. Quando se chega ao limite das forças pedimos para descer, descansamos e tentamos de novo. Nestes momentos de convívio muitas experiências são contadas, os “betas” de auxílio funcionam como forma de se demonstrar companheirismo e o desejo que o outro também alcance seus objetivos.

Depois das 12 horas, retornamos para um breve momento de descanso e alimentação. Depois do dia de escalada em via esportiva, e por o sol estar muito forte, o grupo cogitou a possibilidade de remarcarmos a aula da tarde. Mas acabamos por seguir o cronograma. De volta a Pedra da Ilha do Boi fomos convidados a armar as ancoragens e treinar ao máximo o que havíamos feito nos dias anteriores. Baldin focou nos esquemas de segurança e nos ensinou a fazer a ascensão pela corda de rapel, utilizada, por exemplo, quando há travamento do cordelete do backup de segurança, ou seja, é um procedimento a ser utilizado caso a pessoa fique presa na corda. Encerramos o dia pouco antes das 18 horas e sabendo que a próxima aula seria a despedida do curso bem como nosso momento de avaliação.

O 5º dia do Curso

O quinto dia e último dia do curso foi uma retomada do que havíamos vivenciado nos dias anteriores; também recebemos instruções de como se inserir nos grupos de escalada e dar continuidade a prática da mesma em outros momentos. Escalamos a pedra, fizemos todos os procedimentos de segurança e, posteriormente, fomos arguidos por Baldin sobre os ensinamentos passados. O curso de escalada e as ideias vinculadas por Baldin fornecem subsídios para que se inicie uma participação nas tribos de escaladores, principalmente quando ele apresenta os principais lócus de convivência: a ACE e a Ilha. Ele falou sobre esses dois grupos de maior representação em rotina semanal de escalada, o grupo da Ilha, que se encontram todas às 3ª e 5ª a noite, e o grupo do muro da ACE, de 2ª a 6ª, também a noite. Baldin demonstrou que seu desejo é que o curso seja o primeiro momento de nossa iniciação e que os ensinamentos precisam ser praticados e aprimorados em outros momentos. Disse ser “pai” de vários escaladores no ES e que se sente como tal e também responsável pelo acompanhamento de nossas atividades.

Pedi, ainda, que considerássemos os demais escaladores como irmãos e colegas, pois todos compartilham da satisfação em praticar uma mesma atividade, independente de sua modalidade, e que, dessa forma, nossa filosofia de vida é semelhante.

Sou grata aos colegas de turma e a Baldin, por terem compartilhado comigo esses momentos de autoconhecimento e conhecimento de campo. Disse a todos que, para mim, estar ali significava mais que fazer pesquisa, porque eu realmente desejava ter essas vivências e se possível gostaria de continuar a tê-las.

CAPÍTULO V

Incursões a Pedra Azul: o porquê de ir a Pedra Azul

O Parque Estadual da Pedra Azul está localizado na região serrana do ES e tem representatividade no cenário estadual e nacional nos segmentos do ecoturismo, do turismo de aventura e agroturismo, bem como nos estudos sobre o meio ambiente. No Espírito Santo, um Comitê Estadual foi instituído pelo decreto N° 7.058-E, de 29 de outubro de 1997, e desde então se iniciou um processo de definição de diretrizes para a gestão efetiva das áreas que se encontram na Reserva da Biosfera da Mata Atlântica. Pedra Azul está entre elas e é considerada um dos *hotspots* mundiais, ou seja, uma das prioridades mundiais para a conservação da biodiversidade, por abrigar alta diversidade biológica e endemismos, aliada a um elevado grau de ameaças.

Para a construção do documento foram consultados grupos que interagem diretamente com a região, entre eles os empreendedores do setor de turismo, que segundo avaliação sobre as necessidades do Parque, destacam:

[...] a necessidade do Plano de Manejo prever a abertura de novas trilhas com a apresentação explícita de todas as formas de uso, inclusive de esportes radicais, para que possa haver um planejamento conjunto das atividades que o Parque pode ofertar e a definição do público e normas para a implantação dessas atividades. Destacam que o Plano deve auxiliar fomentando uma proteção rigorosa nos procedimentos para preservação do rio Jucu (p.125).

A partir destas ponderações, entre outras de proprietários de terras e agricultores, o documento do Plano de Manejo explicitou que as atividades desenvolvidas na Unidade de Conservação de Pedra Azul seriam duas: i) a de visitação/educação ambiental, que abrange as atividades de turismo/lazer/passeio em área natural e, ii) a de pesquisa. Quanto a esta primeira, cabe ressaltar o descontentamento dos escaladores com as restrições designadas, pois dentro do primeiro grupo de atividades a escalada livre na região não está contemplada. Segundo o Documento Plano de Manejo do Parque Pedra Azul (2004):

Para o Parque foram definidas visitas conduzidas em trilhas existentes, inseridas em zona de uso intensivo, cujos objetivos de visitação, temas, atividades e características são explicitados por trilha. Destaca-se que além

das trilhas destinadas aos visitantes e registra-se a existência da Trilha de Apoio à Pesquisa [...] (p. 386).

Como pode ser visto, a partir do trecho acima, as atividades restringem-se a utilização de trilhas e não há nenhuma citação em todo o documento sobre a possibilidade do desenvolvimento de escalada ou de outras atividades relacionadas ao montanhismo, a não ser as caminhadas ecológicas. Este foi o fato que gerou descontentamento por parte dos escaladores, pois além de não terem sido consultados, assim como outros usuários da área foram para a criação deste Documento, os mesmos ainda tiveram suas atividades excluídas sem precedentes do texto que retrata as atividades e quem são os frequentadores do Parque. Sobre este último, o Plano de Manejo do Parque Pedra Azul (2004, p. 322) referenciou como usuários do Parque a população circunvizinha, estudantes e pesquisadores, além de turistas de todo o Brasil e do exterior, que se utilizam, de alguma maneira, daquele espaço, seja para visita, estudos ou pesquisas, sendo a maior procedência entre turistas do ES.

Por estes motivos, Pedra Azul foi frequentado por montanhistas e escaladores até meados da década de 1990 e deixou de ser rota dos praticantes em decorrência da proibição da subida aos cumes das Pedras do Lagarto e Pedra das Flores, bem como a delimitação de se caminhar somente por trilhas especificadas pela gestão do parque e com a presença de guias. Nos relatos de Zé Márcio, é possível verificar o contexto de outro momento de apropriação do Parque, quando ainda eram concedidas as incursões ao cume da Pedra Azul:

Eu escalei uma época em Pedra Azul, na época que era liberado, eu já subi o lagarto 3 vezes, a Pedra Azul 2 vezes. Chegar em cima da Pedra Azul é bem fácil, tipo um 3º grau. Mas quando eles começaram a colocar as exigências nos paramos de ir, a primeira delas foi restringir até onde se podia ir.

Aos órgãos responsáveis pela a estrutura do Parque, IDAF (Instituto de Defesa Agropecuária e Florestal do Espírito Santo) e IEMA (Instituto Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos), cabe a fiscalização e delimitação das atividades realizadas no Parque. Contudo, é relevante ressaltar que, segundo a legislação, qualquer desobediência a estas normas é vista como infração e pode resultar em penas legais, como o pagamento de multas ou reclusão carcerária.

Sendo assim, as incursões a Pedra Azul para esta pesquisa tiveram um sentido de verificação sobre esta situação relatada por alguns dos escaladores entrevistados e discutida amplamente pela ACE: o fechamento das vias de escalada do Parque para escaladores. As três idas ao campo foram realizadas entre 2013 e 2014: a primeira para entrevistar um dos guias mais antigos do Parque; a segunda para participar da entrega da certificação da Associação Brasileira de Ecoturismo e Turismo de Aventura (ABETA) a onze empresas do ES que participaram do programa de formação; e a terceira foi motivada pela informação de que alguns escaladores estavam refazendo a via de acesso ao topo da Pedra Azul em concordância com os gestores do Parque. É importante ponderar que eu já havia estado no Parque outras vezes tanto para lazer e a trabalho, pois Pedra Azul é uma das rotas que escolho para apresentar a meus alunos em aulas de campo.

Após as entrevistas com José Márcio Dorigueto e Oswaldo Baldin, escaladores considerados engajados na contribuição do desenvolvimento da escalada no ES, pôde-se perceber que o fechamento do Parque para as atividades autônomas dos montanhistas foi um acontecimento que marcou negativamente os praticantes. Segundo relatos de Zé Márcio:

Montanhista não gosta disso, não gosta de andar em grupo, de andar com guia. O que a gente faz? Se afasta! A gente brigou pra virar um parque e quando vira é só turista que pode frequentar. Eu por exemplo quando vou pra montanha quero sossego e não existe mais isso lá, é o tempo todo gente do lado falando e claro que porque as trilhas são menores, sempre as mesmas histórias, enfim, no forno grande o acesso também é fechado, também tem guarda.

A decisão do Governo de restringir as atividades realizadas no Parque a caminhadas ecológicas conduzidas remete ao direcionamento deste ponto turístico como objeto de interesse comercial, dos setores públicos e privados no trato de torná-lo um produto do ecoturismo.⁹³ Sobre as demandas cada vez mais crescentes para estes produtos da natureza, Marinho (2007, p. 14) ressalta uma dicotomia:

De fato, as atividades em contato direto com o ambiente natural estão diretamente atreladas à harmonia entre os aspectos interdependentes do turismo, do lazer, da conservação, da cultura e da educação. Com isso, tais

⁹³ Ecoturismo é uma categoria da área do turismo que visa prestar serviços aos interessados em realizar “visitas de campo” aos ambientes de natureza.

práticas tornam-se um potencial ilimitado de significações, as quais, sem critérios de efetivo compromisso, podem ser descaracterizadas, tornando-se alvo fácil de interpretações equivocadas, capazes de afetar sua integridade.

Contudo, desde a restrição por não poderem realizar a escalada de maneira livre, ou seja, como é realizada em outros locais do Estado, houve a destituição deste roteiro por parte dos praticantes de escalada. Sendo assim, por meio das três incursões realizadas a Pedra Azul, foi possível perceber como esse território é marcado por interesses diversos.

1ª incursão: entrevista com o guia de Pedra Azul

O interesse em situar este locus é permeado exatamente pelas discussões que emergem sobre suas demandas enquanto espaço de prática que já foi uma das rotas de preferência dos montanhistas do ES (a que se dizer até do Brasil) e que hoje tem seu acesso restrito pela gestão do Governo do ES. Para tanto, seria necessário conhecer mais da história de Pedra Azul por aqueles que vivem e trabalham próximos a ela. Por já conhecer alguns guias do Parque, busquei verificar quem entre eles atuava há mais tempo para convidá-lo então, a conceder uma entrevista para a pesquisa. Canal é um senhor de 57 anos que atua no Parque há mais de 28 anos e, por isso, foi o selecionado e aceitou prontamente em contribuir com a entrevista.

Todos que chegam ao Parque de Pedra Azul têm de deixar o carro no estacionamento para seguir até a base por um caminho de aproximadamente 800 metros. A base é formada por uma área com uma cobertura de telhas onde é possível se sentar de frente para o mapa do Parque e ouvir dos guias as primeiras instruções e histórias sobre a região, o clima e as formações rochosas da Pedra Azul.⁹⁴ Também há uma construção onde há banheiros, um salão com animais empalhados e algumas fotos da região, bebedouros e a sala de comando dos guias. Dessa estrutura partem com os guias grupos de no máximo dez pessoas para as duas trilhas disponíveis do Parque.

Quando cheguei à base e encontrei com Canal ele estava se preparando para levar um grupo de turistas por uma das duas trilhas do Parque, o cumprimentei e ele me convidou

⁹⁴ Sobre o porquê do nome Pedra Azul, os guias explicam que a formação de líquens na pedra junto com a ação do clima é que agem para que ela tenha uma coloração azulada. Porém em determinadas épocas do ano e dependendo da luz solar ela pode ficar amarelada ou acinzentada. Contudo como forma de orientação os primeiros moradores da região, descendentes de italianos, utilizavam esta nomeação para a pedra como ponto de referência.

a juntar-me ao grupo de seis pessoas para fazer a subida até a região das piscinas naturais. Apesar de já ter realizado o percurso algumas vezes junto às turmas que leciono, preciso dizer que, além de uma boa oportunidade de observação, aquele era um dos passeios que mais me motivava pelas paisagens e clima.

O grupo era composto por dois casais de Minas Gerais, um deles estava acompanhado dos dois filhos adolescentes e quando perguntados se já conheciam a região, disseram nunca terem ido à base do Parque e que sempre que passavam em direção a Vitória tinham vontade de conhecer melhor a Pedra Azul. Não me apresentei como pesquisadora, apenas disse que era do ES.

A trilha até as piscinas naturais é o ponto mais distante que é permitido se chegar e seu percurso se dá por entre uma trilha razoavelmente larga, que permite passar até três pessoas lado a lado em alguns trechos. Além disso, foi plantada grama ao longo da maior parte do caminho, segundo os guias para evitar erosão e lama provenientes da ação do sol e da chuva no solo, já que o caminho não conta com a cobertura das copas das árvores que foram reflorestadas ao longo de todo trecho.

O caminho perpassado até a base da Pedra foi realizado com cerca de 40 minutos, sendo que foram feitas quatro paradas para que o guia explicasse sobre a fauna e flora da região. Segundo Canal, esses momentos também servem para que as pessoas tirem fotos e descansem para a parte mais cansativa da trilha: a subida pela pedra até as piscinas naturais. Acima de nossas cabeças avistávamos muito ao longe o topo da Pedra Azul, da Pedra do Lagarto e da Pedra das Flores.

Nesse momento, lembrei-me das conversas que tive com os escaladores sobre a Pedra Azul e compreendi que para quem estava habituado a chegar ao cume das montanhas e ao fim das vias, o percurso oferecido pelo Parque não seria o bastante. Marinho e Bruhns (2001, p. 44) destacam as dimensões sobre o domesticado, o selvagem e sua intermediação, o semidomesticado, para se referirem as características dos espaços de natureza. Ao pólo selvagem corresponde um meio não condicionado, incerto e instável, no qual se requer, constantemente, tomadas de informação e decisão motoras dotadas dos riscos da improvisação. O espaço oculta o imprevisto. Parlebas afirma ser esse espaço a própria natureza, na qual se desenvolvem excursões e expedições vividas pelos

praticantes como uma aventura extraordinária. [...] o pólo domesticado corresponde ao meio estável e previsível. Nesse espaço mais controlado é possível programar as sequências de comportamento em formas de estereótipos motores eficazes. Os aspectos de informação e decisão da conduta motora, em resposta a esse meio "imutável", reduzem-se a sua expressão mais simples. [...] entre esses dois limites se estende uma zona "semidomesticada" cujo nível de domesticação é variável e difícil de medir (MARINHO; BRUHNS, 2001, p. 44).

Para tanto, o conceito de natureza pensado para estas análises relaciona-se ao apresentado por Silva et al. (2010, p. 88) que trata a “[...] natureza como uma paisagem não-humana – floresta, mar, montanha etc. – pode ser imbuída, em graus diversos, daqueles traços que caracterizam o conceito de “lugar”. Aqui, portanto, refiro-me à noção de “natureza” como um lugar “natural”, usando os termos intercambiavelmente”.

Türcke (2010) pontua sobre este apreender das pessoas com a natureza e pela forma como comumente se deseja tê-la, que “[...] muito facilmente se esquece, em relação às belas coleções, de que a natureza colecionada é uma natureza desvitalizada”. Portanto, em análise dos termos e sua empregabilidade para a caracterização da natureza acessada em Pedra Azul pelos usuários, pode-se afirmar que esta relação desvitalizada e domesticada, visto que os caminhos permitidos de se percorrer são compostos por uma paisagem montada, podada e controlada. Esta não é a natureza que os montanhistas com quem convivi querem ter acesso, no máximo poderia dizer que a natureza semidomesticada seria a desejada para se escalar.

Portanto, a caminhada que acabávamos de realizar seria o primeiro acesso para uma excursão de escaladores e não o seu fim. Quando paramos para “tocar a” Pedra Azul pensei: aqui realmente poderia começar a “brincadeira”. Normalmente, as pessoas com experiência em montanhismo consideram e percebem o risco como um desafio e não como um perigo. Não se sentem ameaçadas pelo nível de risco nas atividades de aventura na montanha e consideram que os mesmos contribuem positivamente para os seus níveis de satisfação (ENNES, 2013, p. 42).

Contudo, os turistas mineiros estavam deslumbrados com a vista que se obtinha das montanhas, pelas informações que recebiam do guia ou liam nas placas e decerto, pela

facilidade do percurso até ali. Sobre isso, cabe dizer que eles optaram pela trilha completa, mas para aqueles que não desejam ou não se sentem preparados para a subida até as piscinas, também há uma trilha mais curta, que ia até onde estávamos naquele momento, aos pés da Pedra Azul.

Para que atingíssemos o restante do caminho, Canal explicou que subiríamos segurando em uma corda presa por cabos de aço por uma extensão de cerca de 200 metros. Quando se depararam com a via houve demonstrações de entusiasmo e apreensão, por parte dos adolescentes e dos adultos, respectivamente; uma das mulheres queria desistir, pois ficou com medo da altura oferecida pela via, Canal buscou convencê-la ao dizer que a pedra era íngreme, mas que a inclinação positiva não ofereceria maiores dificuldades para a ascensão, de forma que apesar da subida ser cansativa poderia, ser transposta com certa facilidade. Ele ainda citou exemplos de pessoas obesas, idosas e com medo de altura que conseguiram superar seus medos ao enfrentar aquele desafio e após isso convidou um dos adolescentes a iniciar a subida.

A perspectiva da pesquisa de Cantonari e Oliveira (2005) versa sobre esta visualização do público que busca a realização dessas atividades de aventura com objetivos de lazer ser de pessoas comuns, homens, mulheres, adolescentes, que na maioria das vezes podem ser identificados como sedentários. Eles sugerem uma problematização para suas análises que também pode ser debatida a partir dessas observações realizadas durante a trilha em Pedra Azul. Os autores questionam: o que leva pessoas comuns, acostumadas aos hábitos e comodidades da vida moderna, a se exporem à atividades dessa natureza? Em outras palavras, por que essas pessoas, uma vez habituadas ao conforto, à tecnologia e à segurança, se expõem à atividades de risco em nome da aventura? (CANTONARI; OLIVEIRA, 2005, s/ p).

A mulher, mesmo com receio, seguiu o grupo; ao longo de todo o percurso, Canal dizia que quem estivesse cansado poderia parar e contemplar a paisagem, uma forma sutil de influenciar o grupo a parar para que “tomassem folego”. Todos seguravam fortemente na corda, enquanto Canal subiu paralelamente a todos sem precisar de apoio; pode-se dizer que a corda funcionava mais como uma ajuda do que como um elemento fundamental de segurança, ou seja, para os que subiam, a corda auxilia dando certa

sensação de segurança, mas não necessariamente pode evitar efetivamente algum acidente caso alguém deslize ou se desequilibre e caia.

No contraponto da sensação de segurança está a sensação de risco ou o risco aparente. Para Ennes (2013, p. 42), “[...] risco aparente é o que o indivíduo percebe como risco, baseando-se nas suas experiências prévias, crenças, seleção, organização e interpretação das informações para criar um quadro significativo da situação”. O autor ainda pontua dois outros termos associados a seus estudos sobre montanhismo para caracterizar o risco: o risco real e o risco percebido. Risco real é o que está associado ao montanhismo. Risco percebido é o que o observador acredita estar associado. Em muitos casos, há diferenças consideráveis entre o real e o percebido. Em geral, as pessoas utilizam métodos subjetivos para avaliar riscos. Riscos reais são uma série de causalidades ou eventos capazes de provocar lesões às pessoas e danos ao patrimônio e ao meio ambiente; os riscos reais são potencialmente previsíveis e evitáveis sob algumas medidas de prevenção (ENNES, 2013, p. 43).

Aos poucos chegamos ao fim da subida e continuamos pela trilha por cerca de 200 metros até as piscinas naturais. Este último trecho tem a mata mais fechada e a trilha tem espaços com algumas subidas. Alguns adultos estavam visivelmente cansados e Canal propôs mais uma parada para que fossem tiradas algumas fotos para que na sequência seguíssemos pelo caminho até as piscinas. A visão que tivemos quando o percurso chegou ao fim deixou os turistas entusiasmados, pois da uma altitude de mais de 1000 metros era possível ver grandes buracos na rocha cheios de água limpa vindos de uma nascente mais acima; estas eram as piscinas naturais. Canal convidou a todos para entrarem, mas os adultos recusaram sendo que somente os adolescentes banharam-se.

Lá ficamos por cerca de 40 minutos. A observação mais marcante talvez fique por conta da quantidade de fotos que foram tiradas; em determinado momento, inclusive, um dos adolescentes disse ser uma pena que o local não tivesse área para celular, pois gostaria de postar as fotos naquele momento nas redes sociais. Obviamente que os guias fazem as paradas com o intuito de passar instruções e oportunizar momentos de descanso, porém, para cada parada sempre se fazia menção as fotos, de certo modo uma forma das

pessoas demonstrarem que estiveram ali, que se interessam por estar em contato com a natureza e até de aventurar-se.

Contudo, vale ressaltar que meu interesse principal em estar ali era saber porquê Pedra Azul atraía tanto as atenções dos turistas. Dentre tantas outras opções que poderiam ser escolhidas como lazer, porquê Pedra Azul? Foi à pergunta que lhes fiz no final da trilha enquanto caminhávamos até a chegada da casa de apoio; como resposta um dos homens falou: “[...] porque esta é uma referência de passeio para nós e nunca conseguíamos tempo para conhecer e olha o que estávamos perdendo!”, outro disse: “[...] porque aqui a gente pode encontrar com a natureza, sentir um clima de montanha”, um dos adolescentes respondeu que “[...] ah, quando saímos de BH disse para os meus pais que queria fazer uma coisa diferente do que a gente sempre fazia quando vinha pra Vitória, queria ir à praia, mas também fazer uma coisa diferente”; uma das mulheres foi à última a responder e disse “[...] não tem como não vermos Pedra Azul na estrada, inclusive por um tempo na divisa de Minas Gerais (MG) com o ES tinha uma placa enorme dizendo “bem vindo ao ES” e uma foto de Pedra Azul, achei tudo aqui lindo, só que aquela subida para as piscinas não me fez bem! Tenho medo de altura, não faço de novo nem que me paguem, mas o lugar é lindo!”. Realmente em algumas divisas do ES com outros Estados existem placas de “Bem Vindo” e a foto de alguma paisagem natural do Estado, assim como a de MG a da Bahia também foi feita com uma paisagem de Pedra Azul.

A lógica do mercado estabelece o lazer de modo a utilizar o meio ambiente como instrumento e elemento a ser consumido. Instrumento quando se utiliza o meio ambiente como um cartaz para a propaganda das atividades realizadas nele, tentando, assim, dar oportunidade às pessoas que vivem nos grandes centros e que não têm mais essa possibilidade de estar em contato com a natureza; e usam o meio ambiente como elemento, pois os produtos oferecidos por esse “lazer mercadoria”, a atividade de aventura, em muitos dos casos tem o meio ambiente como pano de fundo, pois sem a natureza muitas dessas práticas não seriam possíveis (VAROTO, 2011, p. 42).

Terminado o passeio pelas trilhas convidei Canal para conceder a entrevista e falar sobre sua experiência como guia e posteriormente sobre questões que envolvem a rotina de Pedra Azul, em especial sobre o impedimento da escalada no Parque. Ele começa dizendo que

[...] bem quem me colocou pra trabalhar aqui foi o Juca de Oliveira, no dia 10 de julho de 1985, vai fazer então 28 anos que eu trabalho aqui. Antes era uma reserva, naquela época a gente plantava muda, tinha muito pasto, e a gente veio pra reflorestar próximo a mata, foi desapropriado na época e aqui não tinha nada. Em 1970 era reserva em 80 passamos pra Parque Estadual Pedra Azul...começamos a atender turista, e tamo ai ate hoje, antes agente trabalhava mais na fiscalização, hoje mais em atender turista. (Canal, guia do Parque Estadual Pedra Azul)

Quando perguntado sobre quem são as pessoas que buscam em seus momentos de lazer visitar a Pedra Azul e por que os montanhistas capixabas não veem mais sentido em percorrer as trilhas do Parque, o entrevistado apontou que:

Pelo que eu trabalhei aqui até hoje a maioria que vem pra cá não gosta de aventura, poucos gostam, naquela época, que a gente trabalhava na fiscalização e o parque era aberto, ai sim vinha gente em busca de aventura, escalar, subir a Pedra mesmo. Isso há 20 anos atrás, mas nunca foi aberto. Mas o diretor do parque era meio maluco e os guias mais ainda, ai quando aparecia gente aqui pra escalar eles pediam e a gente falava, vão bora! Ai a gente ia, mas nunca foi divulgada a liberação, não tinha punição, eles pediam e a gente ia, ou eles iam sozinhos.

A fala do ator é interessante no que concerne aos objetivos dos turistas em ir a Pedra Azul e ao discernimento do mesmo em perceber que os usuários atuais do Parque vem em busca de um contato com uma natureza que pode ser “ostentada”, ou seja, aquela que pode ser tão dominada quanto relatada em suma por uma câmera fotográfica. O termo ostentação vigora aqui o sentido atribuído atualmente pelos meios de comunicação em massa como uma espécie linguagem de apropriação social, uma moda. Ostentar é mostrar as outras pessoas, a sociedade, o que se tem, ou o que se desejaria ter quanto a recursos materiais. Por meio de fotos postadas nas redes sociais, entre outros veículos de comunicação, são ostentados momentos de consumo, seja de roupas, de alimentos, de carros, de passeios/locais e aparelhos tecnológicos. Portanto, optou-se pela utilização deste termo para conferir a atual legitimação social dada ao mesmo.

Essa natureza a se ostentar por fotos, a qual guias, placas e trilhas de grama compõem seu cenário, não é a mesma desejada pelos escaladores. O guia ainda ponderou que em 1999 foi proibido o acesso ao topo da Pedra Azul e da Pedra das Flores; ambas faziam parte do itinerário dos que desejavam conquistar o cume de um dos cartões postais do ES. Com esta proibição, o Parque passa a receber outra demanda de pessoas, em busca de outras experiências, em busca do contato com outro tipo de natureza; controlada, paisagística, jardineira. E deixa de ter em seu território os atores que se lançavam em

busca das aventuras no contato com a natureza sem mediações externas (guias, secretarias de turismo, gestão do parque, etc): os escaladores.

O termo “natureza jardineira”, proposto por Bauman (2010) para se referir as culturas “cultivadas” e ou “jardins” e as culturas selvagens, conduz a explicação acerca desses termos. O autor vincula a figura do jardineiro e do guarda-caças ao fomento das culturas jardineiras e selvagens, respectivamente. Em análise, atrelar a busca dos indivíduos pelo “natural” apenas pelo recorrente afastamento causado pelo estilo de vida urbano da sociedade em que se vive precisa ser pontuado com base a verificação do quão realmente próximo ao natural esses indivíduos pensam ou desejam estar. A representação dos ambientes selvagens ou inóspitos é circundada pelo imaginário da dominação ou mesmo da interação.

Ainda assim, não se pode subjugar a ideia de que os montanhistas estão munidos do interesse único pela cultura selvagem. A que se contestar também a caracterização dos ambientes percorridos pelos mesmos como totalmente naturais, ou mesmo que os equipamentos utilizados pelos escaladores para gerir suas práticas também altera a forma selvagem, de espaço intocado, assim como destacam Dias e Alves Junior. (2007, p. 43):

Uma observação mais detida sobre esses espaços em que essas atividades se desdobram pode surpreender, pois, ao contrário, do que pode parecer à primeira vista ou pela sugestão do nome esporte na natureza, estes locais não representam uma natureza tão selvagem quanto querem acreditar algumas de suas idealizações.

Para Le Breton (2009, p. 55), que abrange em suas discussões os espaços sociais, “[...] o espaço natural das sociedades ocidentais é reformulado pela cultura, convertido a um uso civilizado, oculto sob o ambiente técnico. Portanto, as significações referenciadas pelos indivíduos na busca e no contato com a natureza estão diretamente ligadas aos seus anseios, do como se deseja encontrá-la e no que tange este caso em específico, de como ela pode ser vinculada como produto de consumo. O papel do “jardineiro” é remetido, portanto, a aqueles que desejam permear o controle sobre as formas da natureza, bem como as maneiras dos indivíduos de acessá-la. Na visão dos montanhistas, a abertura do Parque da Pedra Azul para aqueles que desejam realizar práticas como o da escalada oportunizaria a demonstração da singularidade ética a que

estes grupos arraigam suas incursões: o cuidar dos espaços comuns e naturais para que assim sempre o sejam. Porém, existem outras permutas acerca desta questão como coloca o guia do parque quando perguntado sobre sua opinião acerca da reabertura da Pedra Azul ao público:

Se fosse pra reabrir os parques eles tinham que ser mais rígidos com as regras e a figura do guarda ambiental tinha que estar presente sempre. Não como guia, mas como guarda. Por isso que a maioria que trabalha aqui é contra reabrir, eu sou totalmente contra reabrir só pra aventureiros ou mesmo pra alpinistas. Porque como que eu vou dizer que ele é ou não alpinista? Enquanto eu não tiver como dizer como vou fazer, o cara pode falar que é, só isso vale? Um alpinista é diferente do aventureiro...o alpinista se encontrar lixo na trilha vai recolher o aventureiro não tem essa preocupação...hoje o ser humano é complicado, as vezes ele quer só consumir a natureza! As pessoas tem reações adversas, a gente não sabe a reação em momentos diferentes de uma escalada ou trilha.

Portanto, os emaranhados de possibilidades que surgem perante esta discussão fazem frente a várias demandas. O que se pode afirmar é que destas, não há ponto algum nas realizações atuais que vislumbrem o retorno efetivo dos montanhistas a Pedra Azul, ou seja, não há autorização do Governo para que as formações rochosas possam ser escaladas. Segundo alguns escaladores, é possível conseguir, com muito esforço, uma concessão para grupos específicos; porém, para aqueles com quem estive em contato isso não basta, pois favorece alguns em detrimento de outros. Portanto, se o foco governamental esta voltado para outro âmbito, o da promoção à venda fragmentada de uma natureza jardineira, uma natureza a ser ostentada por turistas, de certo que qualquer abertura para a livre passagem de visitantes, neste caso, escaladores, estaria inviabilizada.

Decerto que, como foi dito pelo guia do Parque, existe uma dificuldade em determinar critérios para delimitar quem esta ou não capacitado tecnicamente a chegar ao cume da Pedra Azul e isso é um fator que fundamenta os argumentos das entidades administrativas em proceder com a proibição.

Contudo, a exemplos de outros Parques, como o do Caparaó,⁹⁵ que vincula entre seus usuários pessoas que desejam realizar trilhas e chegar aos cumes das montanhas, é

⁹⁵ O Parque do Caparaó é administrado pelo Instituto Chico Mendes (ICMbio) e tem cerca de 80% do seu território situado no ES e o restante em MG, entre seus atrativos pode-se encontrar a 3ª maior montanha do Brasil, o Pico da Bandeira.

possível visualizar outras formas de administração para controlar a permanência de pessoas nessas áreas e conter excessos que possam prejudicar as áreas de reserva de fauna e flora. Uma dessas medidas administrativas relaciona-se ao efetivo de guardas, fiscais e guias na composição do quadro de funcionários dos Parques, algo que foi descrito como insatisfatório pelos empresários do ramo do turismo e hoteleiros, proprietários de terras e agricultores que compuseram o quadro de representantes consultados para a construção do Documento Plano de Manejo do Parque Pedra Azul:

Outro aspecto relevante refere-se a recepção de visitantes no Parque, que vem gerando insatisfação pelos guias de empresas de turismo e proprietários de hotéis/pousadas, com os horários determinados para a visita ao Parque, sendo requerido o estabelecimento de regras com a participação dos atores locais, tendo em vista a argumentação, por um lado, de que a recepção ocorre em horários conflitantes com a programação da rede de hotéis e pousadas da região, e por outro lado, a administração do Parque não dispõe de quadro de pessoal suficiente para ampliar os horários de recepção de visitantes. (p.322)

Para ambientalistas a participação significa enfatizar a questão educacional, debatendo liberdades democráticas e modelos de gestão (como administrar espaços comuns, como os micro espaços cotidianos na família, na casa, no bairro, até o planeta). Faz-se necessário qualificar a participação. Sorrentino (2000, p.100) usa a expressão “participação consultiva”. Esta, por sua vez, pode ser decomposta em, pelo menos, cinco dimensões: infra-estrutura básica para a participação (exemplo de pessoas que moram muito longe); disponibilização de informações (condição essencial); existência de espaços de locução (imprescindíveis para transmissão, recepção e discussão das informações); tomada de decisão (qual o limite da participação? É preciso criar mecanismos de representatividade, é preciso definir quais são os limites de decisão para cada assunto e para cada grupo); subjetividade (não há participação sem que as pessoas se sintam comprometidas, envolvidas com a situação) e pertencimento (sentir-se pertencente ao local, ao planeta, à humanidade e sentir que tudo isso nos diz respeito) (MARINHO, 2007, p. 13).

Dessa forma é possível conceber que existem alternativas para que haja o retorno de montanhistas a Pedra Azul; porém, foi visto que este não figura entre os interesses dos administradores do Parque. Por fim, há que se informar que atualmente para se realizar a trilha descrita neste tópico são pagos dez reais por pessoa e, segundo os guias, ainda há muitos visitantes que oferecem um pagamento maior para serem levados até o cume

da Pedra Azul pela via ferrata,⁹⁶ o que sempre é negado segundo a administração do Parque. Contudo, esta via ainda é utilizada por pesquisadores credenciados ou mesmo pelos guias do Parque quando necessário.

No próximo tópico será possível entender a perspectiva a que o Governo e as iniciativas privadas vislumbram as atividades no Parque Pedra Azul; entre estas entidades destaca-se o papel da ABETA em promover, junto ao Governo do Estado do Espírito Santo, o Programa de Credenciamento de Empresas de Turismo de Aventura com fins de atender a demanda de usuários de produtos emergentes da natureza, como trilhas, caminhadas ecológicas, escalada, rapel, *rafting*, cavalgadas, entre outros.

2ª incursão: produto natureza e aventura, a certificação das empresas do ES

A segunda vez que estive em Pedra Azul para fins de pesquisa foi para conferir o evento de certificação das onze empresas de Turismo de Aventura e Ecoturismo que realizaram o curso de formação custeado pelo Governo do Estado Espírito Santo junto: a ABETA. Depois das informações obtidas por meio das incursões à ACE, a Ilha e pela pesquisa bibliográfica sobre o Plano de Manejo para Pedra Azul, era necessário aprofundar análises sobre os porquês vinculados aos usos deste território.

Diante disso, fica a inquietação de como essas atividades que antes eram praticadas por grupos de amigos, hoje se tornaram um produto de entretenimento a ser consumido, e como elas se relacionam com o mercado, como é seu desenvolvimento na prática e como é a formação do pessoal envolvido nas mesmas. Assim, observamos que houve uma normatização dessas atividades, pois, atualmente, existem inúmeras normas que foram produzidas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT, em conjunto com o Ministério do Turismo e apoiados pela ABETA. Essas normas, ao nosso ver, são o que caracterizam essa transformação de uma atividade livre em um produto do Turismo de Aventura ou Ecoturismo vendido e consumido nos momentos destinados ao lazer na atualidade, pois as mesmas formalizam o desenvolvimento da modalidade em questão, principalmente em relação às formas de condução da atividade, dando ênfase à segurança dos participantes e condutores (VAROTO, 2011, p.45).

⁹⁶ Via ferrata é um caminho construído a partir de vergalhões em forma de escada fixados a Pedra.

Antes de apresentar o que foi possível observar durante o evento é necessário tecer alguns comentários sobre o Programa de Certificação de Empresas de Turismo de Aventura e Ecoturismo promovido pela ABETA. A Associação Brasileira das Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura – ABETA foi fundada em 09 de agosto de 2009 e tem 180 associados em 22 Estados do Brasil; segundo informações referidas em seu *site*, “seus objetivos são representar, qualificar e promover seus associados”,⁹⁷ entre suas ações está o Programa Aventura Segura, que revela uma iniciativa do Ministério do Turismo, em parceria com o SEBRAE Nacional, executado e liderado pela ABETA.

Contudo, como associação a ABETA não pode obrigar as empresas que exercem funções neste ramo a se associarem; porém, no caso das empresas do ES, escolhidas pela Secretaria de Turismo do ES (SETUR) para participarem do curso de formação, foi instituído como um dos requisitos para a efetivação no curso que as mesmas estivessem devidamente associadas até o final da formação.

As empresas foram escolhidas segundo o critério de tempo de mercado e atendimento como pessoa jurídica de forma que após o curso tornassem-se referências nas atividades, ou produtos, provenientes do ecoturismo e turismo de aventura. Em reportagem vinculada no *site* da SETUR, cuja manchete reportava-se ao “Programa Aventura Segura no Espírito Santo” foi possível ter acesso sobre a final do processo:

A Secretaria de Turismo do Espírito Santo (SETUR) e a Associação Brasileira de Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura (Abeta) encerraram, nesta terça-feira (16), as atividades do Programa Aventura Segura Espírito Santo. Com isso, o Estado passa a ser uma referência no segmento, ficando em quarto lugar no ranking nacional, com 11 empresas qualificadas e certificadas, atrás apenas de Minas Gerais, Mato Grosso e Tocantins. O evento foi realizado no auditório do Fjordland Cavalgada Ecológica, em Pedra Azul, município de Domingos Martins.

Entre as empresas que participaram do “Programa Aventura Segura no Espírito Santo” estão: Rio da Montanha (Domingos Martins), Conexão Radical (Marechal Floriano), Fjordland Cavalgada Ecológica (Domingos Martins/Pedra Azul), Serra do Caparaó Ecoturismo (Dores do Rio Preto), Selva Sassiri (Venda Nova do Imigrante), Active Eventos (Vila Velha), Jefinho Expedições (Santa Leopoldina), Pedra Azul Adventure

⁹⁷ Acessado em 10 de maio de 2014: www.abeta.tur.br

Park (Domingos Martins/Pedra Azul), Planeta Vertical (Vitória), Hipóxia Adventure Sport (Vitória) e Fora do Ar (Alfredo Chaves).

Especificamente sobre o dia que pude acompanhar, pontuo que, pela manhã, foi realizada uma oficina sobre os aspectos jurídicos relevantes no âmbito das empresas de ecoturismo e turismo de aventura; pela tarde foi realizado o “Seminário Técnico Aventura Segura Espírito Santo” e a certificação das empresas. Em nota⁹⁸ disponibilizada para o *site* da SETUR, alguns participantes declararam que:

Com certeza, a partir de agora vamos trabalhar em parceria e muito mais preparados”, declarou Jefferson Rodrigues, da Jefinho Expedições. Paulo Rocha, da Conexão Radical, fez questão de ressaltar a importância da qualificação. “Apesar de vários anos de trabalho, o aprendizado de normas e técnicas nos ajudam a atuar da forma correta e com mais segurança”. Já o anfitrião do dia, Jorge Ichaso, da Fjordland Cavalgada Ecológica, disse que a qualificação mudou a concepção das empresas, “especialmente no que tange à atuação no mercado e os cuidados com a segurança.

As observações e análises referentes à este dia ancoram-se principalmente nas falas do Secretário da SETUR e o representante da ABETA, a que pude ter acesso como espectadora do evento. As mesmas chamam a atenção para o tratamento dado à natureza como produto e as empresas como disseminadoras da prestação de serviço de atividades ao ar livre como negócio.

Na sequência dos acontecimentos, após chegar com cerca de uma hora de atraso ao evento, que estava sendo realizado no auditório de um hotel em Pedra Azul, o Secretário de Turismo do Governo do ES recebeu os cumprimentos do representante da ABETA que se reportou a ele diante dos presentes como a figura que fez com que aquele momento fosse proporcionado e convidou-o a tomar seu lugar na platéia. O Secretário recusou o convite prontamente, pois disse que precisava tomar um café e ao sair ainda foi adjetivado pelo palestrante ao dizer que ele, figura do Governo, teve grande representatividade quando comparado ao de outros Estados.

O que pode ser percebido pela postura de ambos os que protagonizaram esta cena é que o Secretário de Turismo, por estar “pagando a conta”, se colocou perante os presentes como se sua obrigação já tivesse sido cumprida naquele momento, visto que só retornou

⁹⁸ Disponível em www.setur.es.gov.br/index.php?id=/comunicacao/noticias/materia.php&cd_matia=2009

posteriormente para as filmagens; quando elas não estavam acontecendo, o mesmo ficava ao celular e desatento às falas do representante da ABETA. Contudo, como publicado no *site* da SETUR o encerramento foi realizado pelo Secretário, que destacou os investimentos no turismo pelo Governo:

Há muito empenho do governador Renato Casagrande neste sentido porque ele acredita na importância econômica e social do setor para o Espírito Santo. Temos que aproveitar esse movimento positivo e desenvolver novos projetos. Já estamos planejando novos cursos de qualificação para empresários e gestores, entre outras ações. Vocês têm uma joia nas mãos que já está lapidada. Agora cabe às empresas fazerem com que essa joia tenha cada vez mais valor. O Estado é o indutor desse processo, mas são as empresas que devem desenvolver o segmento. Se forem elaborados bons projetos, isso com certeza vai acontecer.

Entre estes momentos, foram do representante da ABETA as interlocuções que puderam ser analisadas de forma a entender o que de certo pontuou o curso de formação: 1) agregar valor ao território e valorizar a localidade onde desenvolve-se estas atividades; 2) o turismo de natureza agrega valor mas não é destinado a qualquer público, ele é caro e por isso dá retorno e valoriza o local; 3) pode exigir pequenos investimentos, mas sempre vai exigir alta qualificação e competência para o atendimento; 4) o turismo de aventura não comporta grandes volumes. É artesanal e personalizado.

Essa construção de elos entre consumidor potencial, uma comunidade de consumo e, obviamente, um produto, é alcançada por meio de apelos linguísticos associados a posições de pessoa socialmente valorizadas: aquelas que alcançaram sucesso (e, portanto, têm acesso a bens de consumo), aqueles que fazem da ousadia seu emblema e os que buscam a liberdade (SPINK, 2012, p. 51).

Ao desenvolver estes tópicos, o representante da ABETA afirmou que “Meieiros são sem terra e ainda assim tem TV de plasma” e completou: “[...] queremos turistas ou “duristas”? O governo não quer turistas que não colocam a mão no bolso, natureza tem que dar retorno, mas temos que preservá-la, ela não pode ficar inerte”. Portanto, o que se viu em seu discurso foi meramente uma argumentação de reforço econômico. Segundo o mesmo “[...] o que se quer vender é a sensação de alma lavada. Por que o ouro custa caro? Porque é raro. A natureza é rara e por isso os custos para tê-la também são caros. O que se quer é atender ao consumidor bom pagante e vender sensações e natureza por meio do turismo.”

Deve ser considerada especialmente a lógica utilitarista e mercantil de instrumentalização da natureza, adotada muitas vezes nas práticas etiquetadas como “ecoturísticas” e também pelo *trade* turístico que as promovem e comercializam. A facilidade com que esta lógica pode aparecer disseminada nos indivíduos e grupos que participam desses pacotes “esverdeados” podem, em boa parte dos casos, ser um fator de empobrecimento de suas potencialidades de reflexão, crítica e criatividade (MONTEIRO, 2003, p. 4).

Segundo o representante da ABETA, o problema encontrado pela instituição para fazer funcionar este esquema é a capacitação. “Quem trabalha nesta área precisa ser um empreendedor e não um prático entusiasta. Precisa estar habilitado”. Ele acredita que a melhora na qualidade dos serviços e Ecoturismo de Aventura influencia o aumento da competitividade e profissionalismo no setor; segundo ele, a interpelação entre o produto natureza e empresas capacitadas a prestarem bons serviços a seus consumidores em potencial é a fórmula para o lucro. Essa fala remete a outra apresentada por Spink (2012) em sua análise sobre as vinculações de propaganda por empresas de turismo de aventura. Spink (2012, p. 64) referencia alguns exemplos de propagandas em suas análises sobre como as atividades de aventura são vinculadas nos meios de comunicação a fim de serem tomadas como mais um produto para consumo:

Algum dia exótico, que era de fora, estrangeiro ao nosso cotidiano. Banaliza pela repetição da mensagem, ou por fazer parecer acessíveis estilos de vida nem sempre passíveis de escolha pelo leitor. Por exemplo, o anúncio da Azul de Vento, veiculado na revista *Aventura e Ação*, de outubro de 2003. Trata-se de empresa que provê cursos e experiências relacionadas ao paraquedismo e que se anuncia com base na competência adquirida em 25 anos de experiência no ramo. Imagetivamente, vende a emoção do salto acoplada à segurança de estar acompanhado de instrutor (ou, se o gosto vingar, de fazer um curso especializado para esse tipo de esporte). É fácil. Basta querer e ter como custear a ida a Campinas, onde a empresa está localizada, e o custo do salto (que envolve pagamento de instrutor, dos equipamentos de segurança e da aeronave que leva à altura necessária para a emoção da queda livre). Basta querer aventurar-se e saber escolher uma empresa confiável. Fácil!

O Representante da ABETA ainda lançou uma questão para os presentes sobre o raciocínio que acabara de explicar: “Estamos em um nível de competitividade? O Estado pode ser lindo, mas se não utiliza os instrumentos corretos para atrair o turismo natural de nada adianta”. Segundo ele é necessário melhorar a qualidade dos serviços, pois o ES ainda não tem nível para competir e trazer turistas que paguem valores sobre os produtos da natureza. Para ele, as estratégias que poderiam ser utilizadas pelas

empresas permeiam: 1) solução de desenvolvimento de destinos; 2) qualificação e certificação e 3) desenvolvimento de lideranças, governança e diálogo.

Pode-se inferir que, na lógica do Governo, a permuta com a natureza de Pedra Azul tem público bem definido: turistas que pagam para estar, para experimentar uma natureza paisagística e se possível ostentá-la. Inclusive esta ostentação também vincula interesse do Governo, pois funciona como um marketing utilitarista da região. “O terceiro melhor clima do mundo”, “aqui se respira um ar 100% livre de poluição”, “a união das montanhas, de um clima ameno, com o requinte dos hotéis e restaurantes, faz pensar que estamos na Europa”, estas são algumas propagandas feitas sobre a região.

Uvinha (2005b) traz uma análise conceitual do ecoturismo, turismo de aventura e esportes radicais. Para o autor, ecoturismo é um turismo de observação da natureza local, mais ligado a uma caminhada. O turismo de aventura é a vertente mais ligada a uma atividade como *rapel*, escalada ou voo de *paraglider*. Esporte radical é o termo ligado ao risco propriamente dito e, segundo o autor, há uma tentativa de fugir dessa denominação, buscando uma conotação mais branda, como a palavra aventura, sob pena de perder um público não familiarizado com esse risco, certamente presente em tais modalidades (AURICCHIO, 2013, p. 28).

Portanto, os consumidores do turismo de aventura e ecoturismo são desejáveis na Região, pois despejam de seus bolsos o bônus⁹⁹ do investimento feito no setor turístico pelo Governo. O ônus ficaria por conta daqueles que também desejam desfrutar dessas sensações, mas como “duristas”, ou praticantes de atividades de aventura que prezam por condutas de autonomia em suas incursões, não teriam vez.

Como crítica a essa visão unilateral e mercantilista da utilização de Pedra Azul e a segmentação dos usuários do Parque, compartilha-se da análise de Marinho (2007), que defende a ideia que a oferta de atividades no âmbito do lazer e do turismo deve ser direcionada a interesses comuns, atingindo o maior número possível de pessoas, para as

⁹⁹ O mercado de turismo de aventura mobiliza aproximadamente três milhões de turistas e possui um faturamento anual superior a R\$ 290 milhões. Segundo estimativas, duas mil empresas comercializam hoje 25 atividades de aventura no Brasil. (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2008).

quais a transmissão de informação e de vivências culturais deve ser reflexiva e compartilhada (MARINHO, 2007, p. 14).

3ª incursão: desfechos a partir de Pedra Azul e da iminência do fechamento da ACE

O retorno a Pedra Azul em 2014 aconteceu em circunstâncias inusitadas. Os *e-mails* endereçados a lista de associados da ACE sempre me mantinham informada sobre os acontecimentos que envolviam esta (as) tribo (os). Um deles, em especial, repercutiu de forma a possibilitar uma análise sobre o desfecho das incursões realizadas por mim a Pedra Azul. Foi divulgada a seguinte informação, sobre o que seria um retorno dos escaladores a Pedra Azul, uma espécie de “volta por cima” dado o contexto da concessão:

Caros amigos, trago boas novas,
Após cinco finais de semana trabalhados, neste último final de semana, terminamos a transformação da via de acesso ao cume da Pedra Azul. A via era equipada com degraus rudimentares e por isso o parque justificava a proibição do acesso por falta de segurança. Nós retiramos os degraus (alguns com incrível facilidade) e reequipamos a via com chapeletas e paradas com chapeletas de argola e grampos de forma que o quesito segurança possa ser efetivo se usado por quem conhece as técnicas de escalada. Seguimos por uma linha próxima daquela usada pela escadaria, mas distante o suficiente para pouparmos a vegetação, já que os lances de escada ligavam trechos entre moitas. Esta ação executada e custeada por voluntários da ACE faz parte do plano de trabalho do acordo de cooperação técnica entre ACE e IEMA. Deixamos claro neste acordo que a contrapartida que esperamos é a mudança na forma que o uso público acontece nas UCs capixabas: Permissão a prática da escalada onde o zoneamento permitir, Rediscutir zoneamentos propostos para Planos de Manejo ainda não publicados, não obrigatoriedade da contratação de guias e busca de novos atrativos como caminhadas e novas escaladas conforme aptidão da UC. Nos dispomos a formar conselhos consultivos nas UCs de montanha para temas ligados ao montanhismo. O acesso para escaladores nesta via está praticamente garantido e deve ser oficialmente divulgado em breve (Abril?). A coordenação de áreas protegidas já sinalizou a intenção de ampliar essa abordagem para outras áreas. Essa conquista abre precedentes. Acompanharemos os desdobramentos de perto. Agradecimento a todos que apoiaram essa ideia e especialmente aos parceiros que disponibilizaram seu tempo nos finais de semana para botar a mão na massa: Zé Márcio, Porko, Karapeba, Luana, Xerxes, Maurício PA, Aranha, Amaral e Baldin. Abraço, Sandro Souza (*e-mail* enviado aos associados da ACE no dia 11/02/2014).

A via ferrata há anos vinha sendo utilizada sem a devida manutenção o que afetava diretamente a segurança dos que precisavam utilizá-la para fins de fiscalização ou pesquisa; houve o atendimento ao pedido dos escaladores de retornar ao território de forma que pudessem praticar a escalada e, como contrapartida, construírem uma nova via de acesso ao cume. A ACE realizou a mediação junto ao Governo, sendo que a

autorização foi concedida, a priori, a aqueles que destinaram sua mão-de-obra para esta atividade.

Ainda foi publicado no Diário Oficial da União o Projeto De Lei Nº 276/2013 que estabeleceu as normas para a utilização pública dos Parques Estaduais do ES; segundo o documento: “[...] as atividades dos escaladores tornam-se acessíveis a partir de autorização prévia e de acordo com o plano de manejo do parque em questão” (p. 6).

Na última vez que estive em Pedra Azul para fins de pesquisa pude encontrar com alguns dos escaladores citados no *e-mail* e observar que aquele território de certa forma estava voltando a ser reconhecido como de escalada, ao menos as primeiras iniciativas haviam sido tomadas para isso. Tanto que a contrapartida exigida pela ACE foi exatamente a viabilização da abertura desses vias ao grupo. A Pedra Azul estava voltando a ser, e agora por demanda do próprio Governo, um território de escalada.

Do lado contrário da repercussão desta conquista, recebi um *e-mail*, que fora endereçado a todos os associados da AC; era um comunicando sobre a iminência do fechamento da associação por causa problemas financeiros. Pode-se analisar que, apesar do momento ser propício a ampliação das ações da Associação, a mesma não consegue manter seu vínculo enquanto sede pelo baixo quantitativo de escaladores mensalistas. As questões que emergem desses fatos são: a ACE é considerada pelos escaladores como uma instituição que os representa ou somente como mais um *point* de escalada? A associação só é concebida por sua representatividade pelos que a frequentam?

A análise das respostas dos escaladores a partir do e-mail enviado por Zé Márcio sobre o fechamento da ACE será o ponto de partida para a reflexão sobre estas questões:

Atenção, principalmente você que gosta de escalar no muro da sede da ACE: entramos em contagem regressiva para seu fim. Mensalmente temos: 30 associados: R\$300, 4 pessoas pagando o muro: R\$360. Diária de escalada e lucro do bar: +/- R\$140. Despesas de aluguel, etc e tal: R\$1500. Déficit mensal de R\$700. Como temos inúmeras outras despesas e compromissos com as outras 26 pessoas que pagam a mensalidade da associação, acredito que não será possível a renovação do aluguel do galpão. Ou quem tá a fim de escalar por lá arrume uma solução ou os poucos que pagam não conseguirão bancar seu custo. Infelizmente. Abraços, Zé Márcio.

Alguns escaladores responderam buscando mediar à situação e retomando a trajetória de conquistas que a ACE representou para a escalada no ES:

Em tempos do passado nossas muuuuuuitas reuniões eram itinerantes, hora na casa de um, hora na casa de outro, hora na grama da Ilha do Boi. E quase em toda reunião vislumbrávamos em um dia ter uma sede, pra reunir em um só lugar tudo aquilo que é de interesse de todos que escalam. E depois disso conquistado com muito esforço voluntariado, é triste presenciar a regressão. O que a ACE fez nesses 10 anos de atuação não é preciso listar né? Você sabe muito bem da importância de termos essa entidade ativa e representando nossa classe, e com uma sede própria! Diante dessa situação delicada que estamos passando, faço a seguinte proposta pra você: O que acha de deixar de ser um 'Participante' na coluna do site da NOSSA Associação, e passar a ser um 'Associado'? Isso aí, passar a ser uma pessoa que pensa e contribui para a evolução de um todo! Na boa, não consigo ver que R\$ 10,00 por mês faz falta pra um escalador(a), que gasta com idas e vindas pras montanhas, com seus super equipes e tudo mais. Isso pra mim é desculpa esfarrapada e/ou realmente não querer contribuir com a evolução do esporte em seu estado. Pense bem, que INVESTIR 60,00 numa semestralidade não vai fazer ninguém ficar mais pobre. Mas vai sim, fazer com que seu esporte fique mais 'rico', em qualidade e representatividade. Deixe de ser Participante e se torne um real Associado meu prezado e minha prezada. E te facilito, te dou o beta de como fazer isso, é só clicar neste link: <http://www.ace-es.org.br/scripts/mensalidades.asp>. Abraço, Baldin.

Eu vejo a ACE como uma instituição de fundamental importância para o esporte a nível estadual e nacional, com representatividade e ações de retorno para a comunidade escaladora. Essa história de conquista começou lá atrás com os fundadores e associados que ainda estão presentes, outros que já não estão mais e alguns que já partiram dessa vida. O que me importa é que hoje eu faço parte e contribuo para que essa história continue da melhor forma possível. E eu convido a todos que querem fazer parte dessa história para que se comprometam a ajudar, manter a mensalidade em dia e fazer a diferença. Hoje quem faz a diferença sou eu e você. Não espere amanhã ou depois, tome já sua decisão pois nós precisamos de pessoas boas e interessadas em continuar essa história de conquistas. Nossa meta hoje é conseguir atingir o número de 100 associados com mensalidade em dia. Eu vou fazer de tudo para conseguir, quem quiser ajudar será bem vindo! Obs. já imaginou as gerações futuras pensando: aqueles associados do período de 2014/2015 deixaram a ACE perder a sede, o muro e enfraquecer o movimento. Eu não quero ser lembrado por isso! Grande abraço! Goiamun.

Aproveitando o gancho. Já queria ter escrito um email falando do problema financeiro do muro, mas acabei deixando para depois. Venho acompanhando a evolução, ou retrocesso, do muro ao longo dos meses e realmente estamos numa situação crítica. Eu, como uma das pessoas que botei pilha em montar esse muro, sabia que o desafio de manter esse muro seria gigante. Mas somos escaladores, e sabemos muito bem o que é superar desafios. Desde o começo sabia que seria muito difícil manter esse muro na ativa. Inúmeros são os problemas, mas o sonho de ter um muro de escalada com uma sede própria foi maior e por isso botamos tanta pilha nesse projeto. Já tivemos problemas no passado e sempre conseguimos contorná-los de alguma forma. Então espero que esse seja apenas mais um cruz a ser contornado. Mas para isso precisamos da ajuda de todos. Precisamos da colaboração de todos no sentido de pelo menos manter as contas básicas em dia (ex: mensalidade, semestralidade). Porque depois não adianta reclamar o leite derramado. Para finalizar, gostaria de refrescar a mente do pessoal da época em que ficamos

sem o muro do Porko. Ficamos 4 meses sem um lugar para nos reunir. Para mim foi a pior época da escalada capixaba. Não porque não tínhamos um muro para treinar, mas sim, pq ficamos sem um lugar para nos reunir durante a semana para jogar conversa fora e fazer força. Um abs, Naoki.

Apesar do grande número de associados (mais de 400), a ACE ainda não conta com um número efetivo de contribuintes que viabilizem a manutenção da sede quanto a suas demandas financeiras. Pode-se concluir, portanto, que o sentimento de pertencimento aquele espaço, e logo a viabilização de sua manutenção, se dá apenas para aqueles que frequentam a sede. Indicar que este problema de demanda se daria pela falta de recursos financeiros dos associados seria precipitar-se a uma situação complexa que exige um debruçar sobre as questões que a permeiam. Contudo, a mobilização divulgada acima pelos escaladores enfatiza o papel da ACE perante as tribos de escaladores: a de representar este grupo perante suas demandas e fomentar uma organização quanto a suas condutas. Talvez isso não seja desejado por todos, ou mesmo não seja atribuída necessidade nesta direção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objeto desta pesquisa situa-se a partir de análises acerca da(s) tribo(s) de escaladores do ES e minhas impressões sobre suas relações sociais e de como percebem o contato com a natureza e com o risco em sua prática. Busquei compreender e vivenciar as sensações que emergiram desses momentos a fim de interagir como participante e observadora. Inicialmente, por meio da pesquisa quantitativa, analisei as primeiras possibilidades na busca de conhecer este (s) grupo (s) e descobrir se haveria um conjunto de características que pudessem ser remetidas aos escaladores do ES associados à ACE.

Nesse esforço, a primeira consideração que posso pontuar é que os grupos de escaladores que interagiram pelos diferentes campos escola do ES valorizam as condutas éticas que concernem a sua socialidade e que os mesmos acreditam que a união do grupo remete ao fortalecimento da prática da escalada no ES. Portanto, é possível afirmar que existem vários perfis de escaladores no ES e que as características que referenciam suas diferenças estão ligadas aos interesses, afinidades e oportunidades a que estes atores têm acesso; contudo, o foco de sua organização esta em promover a prática da escalada.

Mesmo diante de um emaranhado de diferenças entre estes escaladores, que perpassam pelo tempo disponível a prática, as modalidades de preferência, os estilos de vida, os objetivos ao frequentar a montanha, pode-se afirmar que, em locais de prática referenciados em ambientes urbanos, como a pedra da Ilha do Boi e o Muro de Fátima (ACE), as condutas de segurança e ética seguem padrões que garantem o convívio de diferentes grupos. O respeito aos procedimentos de segurança, a forma de se chegar junto a um grupo desconhecido, entre outros, podem ser tomados como exemplos. Estando ou não em meio à natureza, pode-se observar que o estilo dos montanhistas resguarda as características acima relacionadas; durante os encontros, as experiências sobre as investidas nesses meios, por vezes sofríveis, por vezes contemplativas, são relatadas. Como disse um dos entrevistados, o bom escalador tem que ser bom de ouvido, porque nem sempre existe uma chance de se voltar de uma experiência na natureza, então é melhor aprender também ao ouvir as aventuras do outro.

Sobre a ACE e a Ilha do Boi, pode-se dizer que os dois locais se caracterizariam como de treino e de encontro de escaladores com diferentes objetivos de prática, com diferentes estilos de comportamento nos dois campos escola; porém, estilos esses que se conectam à montanha em incursões nos finais de semana, que se conectam aos eventos da área e que se ampliam por meio das comunicações em redes sociais com grupos criados para e por escaladores do ES. Sobre esta conexão promovida pelas redes sociais, pode-se dizer que são a extensão dos encontros presenciais ou, por vezes, são o seu vetor, ou seja, a socialidade dos momentos de escalada e dos encontros em eventos de montanhismo garante uma continuidade pelos comentários das fotos postadas, pelas “curtidas”¹⁰⁰ e pelos seguidores das páginas de interesse. Sobre isto é possível concordar com Pimentel (2006, p. 58), que destaca sobre esta comunicação que “por dentro do sistema, a socialidade emerge e aproveita de benefícios proporcionados pelas novas tecnologias como forma de reforçar esses laços societários”.

Durante o tempo em que estive em contato com o universo dos escaladores, pude compreender e participar de suas demandas; entre elas, talvez a que mais tenha repercutido em mim tenha sido a do tempo disponível para escalar ou da falta dele. Para pensar sobre estas e outras questões relacionadas ao tempo, e como ele é utilizado pelos escaladores, utilizarei o conceito de “lazer sério”, construído por Stebbins (2008, p.101) e citado na obra de Oliveira e Doll (2012). Este conceito foi construído entre 1973 e 1976, quando Stebbins coletava dados para uma pesquisa sobre amadores e profissionais de beisebol.

Os participantes diziam que as atividades que praticavam não poderiam ser um lazer, pois havia um alto comprometimento de sua parte, estavam determinados a alcançar altas performances e se empenhavam ao máximo no desenvolvimento de suas habilidades. Tratava-se de "algo sério" (STTEBINS, 2008, p.101). Stebbins propôs o termo "lazer sério", considerando-o mais adequado, pois se aproximava das falas de esportistas amadores entrevistados sobre suas atividades. (OLIVEIRA; DOLL, 2012, p. 327). As características do lazer sério, como carreira, perseverança, esforço, mundo social específico e benefícios duráveis, também figuram entre os objetivos e ações de muitos escaladores com quem convivi, em especial aqueles que se dedicavam a treinos

¹⁰⁰ *Link* que pode ser utilizado pelos usuários da rede social facebook quando desejam marcar alguma postagem que gostaram.

para escalar melhor. “[...] A prática sistemática de uma atividade por amadores, praticantes de hobby ou voluntários, considerada substancial, interessante e realizadora que em casos típicos, lança-lhes numa carreira (de lazer) centrada na aquisição e expressão de uma combinação de habilidades especiais, conhecimento e experiência” (modificado de STEBBINS, 1992, p.3, *apud* STEBBINS 2008, p.5, tradução de OLIVEIRA; DOLL, 2012).

Contudo, Stebbins constrói outros conceitos sobre as formas de se vincular o tempo de lazer, que se relacionam com outras maneiras de se verificar a prática. "Lazer casual é uma atividade imediata, de valor intrínseco, com satisfação relativamente curta, que requer pouca ou nenhuma habilidade especial para ser aproveitada" (STEBBINS, 2008, p.38, tradução OLIVEIRA; DOLL, 2012). Ao se analisar essa premissa, pode-se atribuir aos praticantes de rapel, ou as pessoas que compram pacotes de turismo de aventura, essa relação com o lazer casual quando comparados aos escaladores.

Oliveira e Doll (2012, p. 338) pontuam que para aqueles que se dedicam ao lazer sério as "recompensas" ou "premiações" podem ser pessoais, como o desenvolvimento de habilidades, conhecimento (STEBBINS, 2008, p.14), ou, recompensas sociais, que envolvem a participação de um mundo social específico da atividade, associando-se a outros participantes, ajudando no desenvolvimento do grupo, sentindo-se parte necessária do grupo. Entretanto, os custos são considerados em geral como desapontamentos, desgostos e tensões que se apresentam no desenvolvimento das atividades do "lazer sério".

Portanto, a partir da construção de Stebbins e o conceito de lazer sério, é possível analisar que as relações dos escaladores com sua prática permeiam inferências no tempo e atitude destinados a escalada. Essas atitudes arraigam-se a forma como esses atores entendem sua relação com a natureza e o risco sentido durante suas práticas. Sobre isso, Marinho (2007, p. 10) afirma que:

O retorno para essa natureza não é somente contemplativo ele arraiga-se a busca pela aventura e sua relação com os riscos. Estes, para Le Breton (2009), são inerentes a condição humana, são o resgate feliz pago pela liberdade. A busca pela aventura se caracteriza pela emergência histórica de imagens, valores, conhecimentos, metáforas, paradoxos e dilemas intimamente atrelados à condição humana na sociedade contemporânea, os

quais têm a singular capacidade de influenciarem a vida social como um todo.

Contudo, estes riscos passíveis de serem calculados só o são desejados sobre intensa verificação das possibilidades antes e durante as investidas na rocha. O risco é sentido, porém pode ser percebido de diferentes formas por seus interlocutores. Com isso, é possível entender que quando contestaram os impedimentos da escalada em Pedra Azul, no que cerne as limitações da chegada aos cumes e a presença de guias, os escaladores reportavam sua indignação ao desequilíbrio que essas normativas trariam as suas condutas e também a forma de se sentir e experimentar o risco. Fica claro, nessas falas, que a presença de um guia (ou instrutor) acarreta a diminuição da responsabilidade sobre as ações por parte do praticante, uma vez que o controle e o gerenciamento dos riscos ficam ao cargo desses monitores.

Em relação a minha trajetória dentro das tribos, não cabe a mim dizer se agora faço ou não parte de alguma delas. O que posso conferir por aprendizado é que não basta querer participar dos ambientes da escalada ou saber escalar, é preciso mais, e este além é delimitado pelo tempo. Tempo para as experiências, para se perceber as sensações e também produzir sentidos a partir delas. Concordo com Türcke (2010), quando enfatiza que a proximidade instituída por tais aparelhos [o autor faz referência aos eletroeletrônicos como celulares e computadores] consiste meramente numa superação de distâncias espaço temporais, redução e aceleração ao máximo dos limitados processos de comunicação, e isso não pode ser confundido com “proximidade humana” no sentido de uma participação mutua e da identificação, que só podem ser gradativamente construídas ao longo do convívio mútuo e da troca de experiências. E para isso, necessita-se o mais urgente possível, daquilo que as novas tecnologias desejam economizar ao máximo: tempo.

As experiências que tive com os escaladores, bem como as vivenciadas intrinsecamente durante as leituras sobre este universo, conferiram a mim a possibilidade de não somente pesquisar o campo, mas de senti-lo dentro de suas demandas. Ao retomar as questões levantadas no início desta pesquisa, em que procurava saber sobre o perfil da tribo de escaladores do ES filiados a ACE, como são propostas suas condutas sociais e de que maneira estes atores verificavam suas relações com a natureza e o risco a partir de suas práticas, vislumbro um território de ambiguidades que foram parcialmente

desveladas sob determinada ótica... a minha. Ser em determinados momentos observadora participante e, em outros, participante observadora, me permitiu mais que brincar por entre metodologias, mas recorrer aos fatos e aos sentidos que motivam as pessoas a estarem nas montanhas.

Ser ou não ser reconhecida como de determinada tribo não era mais importante do que compreender o quão desnecessário isso representava, visto o trânsito entre os grupos e as relações entre os escaladores. Não que o sentimento de pertença não seja importante, mas escalar era mais e era essa necessidade de estar na pedra que oportunizava as relações de amizade e companheirismo entre os escaladores.

Dentre os tantos achados e nuances relacionados a este campo de pesquisa, sugere-se o aprofundamento das questões que não foram aprofundadas neste momento com forma de abranger as contribuições para este campo de produção acadêmica. Contudo, desejo que as análises fomentadas acerca das questões aventadas por este trabalho contribuam significativamente para os interessados, sejam eles pesquisadores, montanhistas, ou ambos.

GLOSSÁRIO

Agarras: fissuras ou demais formações na rocha que podem ser utilizadas como apoio para a escalada. Também podem ser feitas de material industrializado como é o caso das agarras de paredes de escalada.

Ancoragem: sistema de segurança atrelado a rocha ou a outras superfícies ou materiais que forneçam apoio para a escalada.

Betas: quando um escalador fornece informações sobre a via para alguém que deseja escalá-la. Estas informações são referentes as dificuldades da via, locais onde deve-se buscar apoio, formas de movimentação do corpo, entre outros.

Campo Escola: locais de referencia para a escalada onde há circulação constante de escaladores.

Cordada: união de escaladores pela corda.

cordelete: pedaço de corda utilizado comumente no sistema de *backup* durante a escalada.

Costura: fita com um mosquetão em cada extremidade utilizada para ascensão em vias de escalada.

Crux: trecho de maior dificuldade de transposição da via de escalada.

Equipamentos de segurança: conjunto de equipamentos básicos para escalada: capacete, cadeirinha, freios, cordelete, mosquetões e costura.

Freios: equipamentos utilizados para fazer a segurança durante a escalada. São alguns tipos: freio oito, gri gri e ATC.

Grampo: proteção fixa colocada normalmente na rocha para que se faça a ancoragem

Guiada: o escalador que vai a frente, inicia e guia a escalada.

Magic X: ancoragem utilizada na escalada.

Paredes de escalada: estrutura artificial montada para se realizar escalas.

Proteções: materiais utilizados escalar rochas. Podem ser fixas ou móveis. São exemplos de proteção fixas: os grampos. São exemplos de proteções móveis: friends.

Rapel: técnica vertical utilizada para descer de vias de escalada.

Rapelar: fazer rapel.

Seg: expressão utilizada pelos escaladores para denominar o indivíduo que fará a segurança do companheiro de escalada.

Sherpa: individuo que vai junto ao grupo de forma a carregar os materiais.

Sistema de *backup*: sistema utilizado para fornecer uma segunda proteção durante a escalada.

Tá na minha: expressão utilizada pelos escaladores para perguntar se o escalador que esta fazendo a segurança na base da via esta atento as coordenadas.

Top Hope: quando a segurança é feita de cima.

Brodagem: quando se é cortês e se oferece ajuda a outros escaladores. Essa expressão foi ouvida durante a pesquisa de campo.

Mandar a Via: expressão utilizada quando há êxito em escalar determinada via.

Positiva: ângulo positivo de uma via de escalada, confere maior facilidade de ascensão.

Negativa: ângulo negativo de uma via de escalada, confere maior dificuldade de transposição.

BIBLIOGRAFIA

AZEVEDO, S. L.G. et al. A influência do risco-aventura no processo de coesão das diferentes comunidades do voo livre. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 03, p. 259-278, julho/setembro de 2010.

AURICCHIO, J. R. **Formação e atuação profissional em atividades de aventura no âmbito do lazer**. Piracicaba, SP: [s.n.], 2013.

BAUMAN, Z. **Legisladores e intérpretes: sobre a ética pós moderna**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

BETRÁN, J. O. Las actividades físicas de aventura en la naturaleza: análisis sociocultural. **Apunts**. Educación Física y Eportes, 41 (1995), pp. 5-8.

BETRÁN, J. O. Rumo a um novo conceito de ócio ativo e turismo na Espanha: as atividades físicas na natureza. In: MARINHO, A.; BRUHNS, H. T. (Orgs.). **Turismo, lazer e natureza**. Barueri, SP: Manole, 2003, p. 157.

BRANDÃO, L.; HONORATO, T. (ORG.). **Skate e Skatistas: questões contemporâneas**. Londrina: UEL, 2012.

BRITO, A. G. As montanhas e suas representações: buscando significados à luz da relação homem-natureza. **Revista de Biologia e Ciências da Terra**, Campina Grande, PB, volume 8 – nº1/ 1º Semestre 2008.

CANTORANI, J. R. H.; OLIVEIRA JUNIOR, C. R. As atividades físicas de aventura na natureza: um estudo na perspectiva do processo civilizador e da tecnologia como fator de afastamento e aproximação da natureza. In: Simpósio Internacional do Processo Civilizador, 9, 2005, Ponta Grossa, Paraná, Brasil. **Anais**.

COSTA, C. S. C. **Formação profissional no esporte escalada**. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, RJ, 2004.

COSTA, L. P.; ALMEIDA, C. P. C. **Meio Ambiente, Esporte, Lazer e Turismo: Estudos e Pesquisas no Brasil 1967 – 2007**. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2007.

ESPÍRITO SANTO. Diário Do Poder Legislativo. **Plano de Manejo dos Parques Estaduais**. Ano XLVII, Vitória, ES, 10 de set. 2013 - Nº 7359.

DIAS, C. A. G.; ALVES JÚNIOR. E. Esporte, cidade e natureza. **Licere**, Belo Horizonte, MG, v.9, n.1, p. 37-53, 2006.

DIAS, C. A. G.; ALVES JÚNIOR. E. **Entre o mar e a montanha, esporte, aventura e natureza no Rio de Janeiro**. Niterói: EdUFF, 2007.

DIAS, C. A. G. **Urbanidade da natureza: o montanhismo, o surfe e as novas configurações do esporte no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

ENNES, M. Os fatores de risco real nas atividades de montanhismo. **Cadernos UniFoa**, Edição 21, abril/2013.

FEIXA, C. (1995). La aventura imaginaria. Una visión antropológica de las actividades físicas de aventura en la naturaleza. **Apunts: Educación Física y Deportes**, 41, 36-43.

HUMBERSTONE, B.; ADELMAN, M.; Transgressões de gênero e naturezas contestadas. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 28, n. 3, p. 21-38, maio 2007. Tradução de ARRUDA, P.

FORTIN, S. Contribuições possíveis da etnografia e da auto-etnografia para a pesquisa na prática artística. **Revista Cena**, 2009, 7ª edição. Tradução de MELLO, H.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Sistema IBGE de Recuperação Eletrônica (SIDRA). 2001. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br>>. Acessado em: 20 de setembro de 2013.

LE BETRON, D. **Condutas de risco: dos jogos de morte aos jogos de viver**. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

LE BETRON, D. **Adeus ao Corpo: antropologia e sociedade**. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

LEMOS, André. **Ciber-Socialidade: tecnologia e vida Social na cultura contemporânea**. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/artigos.html>> Acesso em: 30 de novembro de 2013.

MACEDO, Roberto Sidnei. **A Etnopesquisa Crítica e Multirreferencial nas Ciências Humanas e na Educação**. Salvador, BA: Edufba, 2ª ed, 2004.

MACHADO, G. M. C. **Todos juntos e misturados: sociabilidade no pedaço skatista**. In: **Skate e Skatistas: questões contemporâneas**. Londrina: UEL, 2012.

MAFESSOLI, M. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

MAFFESOLI, M. Perspectivas tribais ou a mudança do paradigma social. **Revista Famecos**: Porto Alegre. nº 23, abril 2004.

MARINHO, A. **Da busca pela natureza aos ambientes artificiais: reflexões sobre a escalada esportiva**. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Faculdade de Educação Física, Unicamp, Campinas, SP, 2001.

MARINHO, A.; BRUHNS, H. T. (Orgs.). **Turismo, lazer e natureza**. Barueri, SP: Manole, 2003.

MARINHO, A. **As diferentes interfaces da aventura na natureza: reflexões sobre a sociabilidade na vida contemporânea**. Tese (Doutorado Educação Física), Faculdade de Educação Física, Unicamp, Campinas, SP, 2006.

MARINHO, A; TEIXEIRA, F.A. Atividades de aventura: reflexões sobre a produção científica brasileira. **Motriz**, Rio Claro, v.16 n.3 p.536-548, jul./set. 2010.

MARINHO, A., SCHWARTZ, G.M. A produção do conhecimento referente às temáticas lazer, aventura e natureza. In: Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e Congresso Internacional de Ciências do Esporte, 15, 2007, Recife, **Anais**.

MASCARENHAS, G. A leviana territorialidade dos esportes de aventura: um desafio a gestão do ecoturismo. In: MARINHO, A.; BRUHNS, H. T. (Orgs.). **Turismo, lazer e natureza**. Barueri, SP: Manole, 2003, p. 75.

MONTEIRO, S. V. **Modernidade, formas de subjetivação e amizade: potencialidades das experiências de lazer e aventura na natureza**. Campinas, 2003, 143 f. Tese (Doutorado em Educação Física/Estudos do Lazer). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

NAZARI, J. Rappel: na perspectiva vertical. **Revista Digital**, Buenos Aires, Ano 11, nº 106, março de 2007.

OLIVEIRA, S.N.; DOLL, J. Lazer Sério. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 01, p. 325-338, jan/mar de 2012.

PEREIRA, D. W. Diversas igualdades na escalada. In: Congresso Paulista de Educação Física. Jundiaí, 14, 2010, SP: Fontoura, **Anais**.

PEREIRA D. W; NISTA-PICCOLO V. L. Escalada: um esporte na ponta dos dedos. **Revista Brasileira Ciências e Movimento**, 2010.

PEREIRA, D. W. **Escalada**. FERRAZ, O. L.; KNINIJK, J. D. (org.) São Paulo: Odysseus Editora, 2007a.

PIMENTEL, G. G. A.; SAITO, C. F. Caracterização da demanda potencial por atividades de aventura. **Motriz, Rio Claro**, v.16 n.1 p.152-161, jan./mar. 2010.

PIMENTEL, G.G.S. Esportes na natureza e atividades de aventura: uma terminologia aporética. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Florianópolis, v. 35, n. 3, p. 687-700, jul./set. 2013.

SILVA, P.P.C; AZEVEDO, A.M.P; SILVA, E.A.P.C; FREITAS, C. M. S. M. Risco e práticas corporais na natureza: uma revisão sistemática. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**. 2010.

SOUZA, J.; TOLEDO, R. M.; MARCHI JUNIOR, W. **Rev. bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v.25, n.2, p.341-49, abr./jun. 2011.

SPINK, M. J.; ARAGAKI, S. S.; ALVES, M. P. Da Exacerbação dos Sentidos no Encontro com a Natureza: Contrastando Esportes Radicais e Turismo de Aventura. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 2005.

SPINK, M. J. Posicionando pessoas como aventureiros potenciais: imagens de risco-aventura em matérias de revista. **Psicologia & Sociedade**, Edição Especial: 50-60, 2008.

SPINK, M. J.; MEDRADO, B.; MELLO, R. P. Perigo, Probabilidade e Oportunidade: A Linguagem dos Riscos na Mídia. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 2002.

SPINK, M. J. Trópicos do discurso sobre risco: risco-aventura como metáfora na modernidade tardia. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, nov-dez, 2001.

STRUMINSKI, E. A ética no montanhismo. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**. Editora UFPR, n. 7, p. 121-130, jan./jun. 2003.

TAHARA, A. K.; SHUWARTZ, G. M. Atividades de aventura na natureza: investindo na qualidade de vida. **Revista Digital**, Buenos Aires, Ano 8, nº 58 , Março. 2003.

TEREZANI, D. R; BAHIA, M. C.; ANDRADE, C. P.; ROSA, M. C., BARBOSA, F. S.; MARCELLINO, N. C. Lazer e meio ambiente na Revista Licere. **R. bras. Ci. e Mov** 2013;21(1): 16-26.

TÜRCKE, C. **Sociedade excitada: filosofia da sensação**. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

VAROTO, F. A. **Atividades de Aventura na Contemporaneidade: conceitos, classificações e mercado**. Piracicaba, SP: [s.n.], 2011. 58f.

TEIXEIRA, F.A.; MARINHO, A. Atividades de aventura: reflexões sobre a produção científica brasileira. **Motriz, Rio Claro**, v.16 n.3 p.536-548, jul./set. 2010.

WACQUANT, L. **Corpo e Alma – Notas Etnográficas de um Aprendiz de Boxe**. Rio de Janeiro: Relume Dumará. 2012.

WHYTE, W. F. **Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005. Tradução OLIVEIRA, M. L.

